



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

KARLA DI GIACOMO DIAS OLIVEIRA DOS SANTOS

BANGALÔS EM BAURU: UMA NOVA FORMA DE MORAR PARA O SÉCULO XX

BAURU

2016

KARLA DI GIACOMO DIAS OLIVEIRA DOS SANTOS

BANGALÔS EM BAURU: UMA NOVA FORMA DE MORAR PARA O SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Nilson Ghirardello

BAURU

2016

Santos, Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos.

Bangalôs em Bauru: Uma Nova forma de morar para o século
XX / Karla Di Giacomo Dias Oliveira dos Santos, 2016
204 f.

Orientador: Nilson Ghirardello

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual

Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru,
2016

1. Bangalô. 2. Patrimônio. 3. Bauru. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Bangalôs em Bauru: Uma Nova forma de morar
para o século XX

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE KARLA DI GIACOMO DIAS OLIVEIRA DOS SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO.

Aos 12 dias do mês de setembro do ano de 2016, às 14:00 horas, no(a) Auditório da Seção Técnica de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. NILSON GHIRARDELLO - Orientador(a) do(a) UNESP/Bauru / Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, Profa. Dra. NORMA REGINA T CONSTANTINO do(a) Departamento de Arq Urb e Paisagismo / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicacao de Bauru, Professor Associado TELMA DE BARROS CORREIA do(a) Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de KARLA DI GIACOMO DIAS OLIVEIRA DOS SANTOS, intitulada **Bangalôs em Bauru: uma nova forma de morar para o século XX..** Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. NILSON GHIRARDELLO

Profa. Dra. NORMA REGINA T CONSTANTINO

Professor Associado TELMA DE BARROS CORREIA

A meus Pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, são a Deus meus ternos e eternos agradecimentos.

Sou grata a meu orientador Nilson Ghirardello pela paciência, por me ajudar e me orientar com muito carinho e atenção.

Agradeço a minha querida mãe Rosana que colaborou em cada etapa do desenvolvimento deste trabalho. Muito grata a meu amado pai Carlos (*in memoriam*) que sempre me ensinou e motivou. Obrigada também a meu namorado Jonas pelo companheirismo e por me auxiliar em todos os momentos.

Agradeço às professoras Norma Constantino e Telma Correia por contribuírem ricamente na elaboração final deste trabalho.

Obrigada, tanto aos funcionários da Secretaria do Planejamento de Bauru, quanto aos das bibliotecas da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, da Universidade de São Paulo e da Universidade do Sagrado Coração; como também aos do Museu Ferroviário e Museu Histórico de Bauru, que contribuíram com informações preciosas para este trabalho.

Aos colegas, amigos e primos pelo apoio, pelas dicas ou por uma palavra amiga.

Sou grata aos funcionários da seção de Pós - Graduação da UNESP pela imensa ajuda e compreensão.

Resumo

A arquitetura eclética destacou-se em cidades do interior paulista devido, principalmente, à presença do café e à riqueza gerada por suas plantações. No entanto, Bauru, não apresentou uma arquitetura eclética expressiva, mas possui, ainda hoje, um número significativo de construções denominadas *bangalô*, destinadas à classe média, que obedeciam a determinados padrões arquitetônicos, formais, técnicos e construtivos. Mesmo diante de sua quantidade significativa, ainda é pouco estudado pelos especialistas. Assim, este trabalho tem como objetivo distinguir essa habitação como elemento importante no desenvolvimento da arquitetura, reconhecendo-a como parte do contexto histórico da cidade. Para atingir esse objetivo, a pesquisa contará com levantamento bibliográfico voltado à compreensão da evolução da tipologia do Bangalô desde a Índia, sua chegada ao país e a Bauru. Pretende-se, também, caracterizar e analisar detidamente os bangalôs bauruenses, em seus espaços internos, através das plantas arquitetônicas preservadas; verificar as diversas linguagens formais utilizadas como ornamentação, bem como os materiais e técnicas construtivas aplicadas em sua construção. Esses estudos possibilitarão a análise das diferenças entre os bangalôs e as residências ecléticas da época. Deste modo, esta pesquisa detalhará o bangalô no sentido de avaliá-lo como um novo conceito de moradia erguido em Bauru a partir dos anos 1920 até meados do século XX, e que esteve presente e ainda permanece em meio à malha urbana contemporânea da cidade, aguardando o reconhecimento de suas peculiaridades.

Palavras – Chave: Bangalô. Patrimônio. Moradia. Bauru.

Abstract

The eclectic architecture stood out in cities of São Paulo, due to the presence and the wealth generated by coffee plantations. Bauru city, however, did not present an expressive eclectic architecture, but it has, today, a significant number of buildings called "bungalow". This villa, which obeyed certain architectural, formal, technical and construction standards was aimed at the middle class, and even before his significant amount, it is still little studied by experts. Therefore, this paper aims to distinguish this housing as an important element in the development of architecture, recognizing it as part of the city historical context. To achieve this objective the research will include literature aimed at understanding the evolution of the bungalow typology since India, its arrival in the country and Bauru city. It is intended also to characterize and analyze carefully the bungalows, in their internal spaces through the preserved architectural plans; check the various formal languages used as ornamentation, as well as construction materials and techniques used in its construction, studies that will enable the analysis of the differences between the bungalows and the eclectic residences of the time. Thus, this research project will detail the bungalow in order to evaluate it as a new concept of housing built in Bauru from 1920 until the mid-twentieth century, and who was present and remains in the midst of contemporary urban mesh city, waiting for the recognition of its peculiarities.

Key - words : Bungalow . Heritage. Housing. Bauru.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1.DA ORIGEM, ÍNDIA, AO DESTINO, BRASIL.....	13
1.1 A caminho do Brasil.....	13
1.1.1 A arquitetura no Brasil.....	24
1.2 Os trilhos chegam ao Brasil.....	28
1.3 O cenário do Brasil ao receber o Bangalô.....	34
2. BANGALÔS, OS BAIRROS E A CIDADE.....	47
2.1 Bangalôs no bairro Jardim América.....	47
2.2 O contraponto: cortiços X subúrbio.....	51
2.3 A cidade Bauru.....	57
2.3.1 Bangalôs e Bauru.....	66
2.3.2 Os bairros Vila Falcão e Bela Vista.....	79
3 BANGALÔS EM BAURU.....	84
3.1 Suas particularidades	84
3.1.2 A varanda.....	100
3.2 “Roupagens”.....	102
3.3 Do campo à cidade: bangalôs urbanos.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
APÊNDICES.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	188

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa Índia.....	15
Figura 2 - Bangalôs de arquitetura vernacular indiana.....	16
Figura 3 - Bangalôs adaptados pelos ingleses.....	17
Figura 4 – O acesso aos demais cômodos dados pela sala.....	17
Figura 5 – Primeira edificação denominada bangalô na Inglaterra.....	19
Figura 6 – Ilustração de bangalô rústico voltado ao <i>cottage</i>	19
Figura 7 - Bangalô Californiano Típico dos Estados Unidos.....	23
Figura 8 – Linha férrea Santos/ Jundiaí.....	26
Figura 9 – Roteiro do Café.....	30
Figura 10 – Café transportado em carroças.....	30
Figura 10 – Construção da São Paulo <i>Railway</i>	32
Figura 12 – Bangalô <i>craftsman</i>	35
Figura 13 – Bangalô e seu jardim.....	36
Figura 14– Avenida Paulista.....	39
Figura 15 – Inauguração da linha de bondes Bom Retiro.....	41
Figura 16 – Bangalô em estilo missões.....	43
Figura 17 - Bangalôs urbanos e menores.....	45
Figura 18 – Bangalôs destinados à classe média.....	46
Figura 19 – Projeto bangalô Jardim América.....	50
Figura 20 – Casas com entrada Lateral de aluguel.....	53
Figura 21 – Cortiço Móoca.....	54
Figura 22 – Vila Penteado.....	54
Figura 23 – Vila Economizadora.....	55
Figura 24 – Exemplo da vila operária com bangalôs em Curitiba.....	56
Figura 25 – Traçado urbano de Bauru, primeira doação.....	59
Figura 26 – Construções simples.....	60
Figura 27 - Traçado urbano de Bauru, segunda doação.....	61
Figura 28 – Estação Sorocabana.....	64
Figura 29 – Estação Noroeste do Brasil.....	64
Figura 30 – Estação Paulista.....	65
Figura 31 – Rua Batista de Carvalho com eixo de ligação.....	66

Figura 32 – Rua Batista de Carvalho, década de 1910.....	67
Figura 33 - Residências ecléticas da classe média bauruense.....	68
Figura 34 – Bangalôs localizados à Rua Albuquerque Lins.....	69
Figura 35 – Bangalôs do Dr. J. C. Macedo Guimarães.....	70
Figura 36 – Edificação na Rua Araújo Leite.....	71
Figura 37 – Bangalôs existentes no Bairro Bela Vista.....	72
Figura 38 – Pavimentação Rua 15 de Novembro.....	73
Figura 39 – Bangalôs na Rua Padre João.....	73
Figura 40 – Área da pesquisa.....	74
Figura 41 – Planta de uma típica residência eclética.....	75
Figura 42 – Bangalô construído na cidade de Bauru em 1927.....	76
Figura 43 – Bangalô típico construído aos ferroviários.....	77
Figura 44 – Planta Cadastral de Bauru, 1924.....	82
Figura 45 – Imagem do Bairro Bela Vista.....	83
Figura 46 – Bangalô ainda existente de madeira.....	85
Figura 47 – Alguns edifícios estudados por Zani (2013).....	86
Figura 48 – Esquema dos itens utilizados em construção de madeira.....	87
Figura 49 – Projeto de prédio “ <i>typo bungalow</i> ”.....	90
Figura 50 – Bangalô localizado na Rua Sete de Setembro.....	91
Figura 51 – Dois Bangalôs no mesmo lote.....	92
Figura 52 – Bangalô localizado à Rua Bernardino de Campos.....	93
Figura 53 - Bangalô localizado à Rua Alfredo Maia.....	94
Figura 54 – Gráfico de projetos com e sem Norte.....	95
Figura 55 - Projeto “ <i>typo bungalow</i> ”.....	96
Figura 56 – Bangalô com cozinha como “puxado”.....	97
Figura 57 – Bangalô localizado à Rua 15 de Novembro.....	98
Figura 58 - Bangalô localizado à Rua 15 de Novembro.....	99
Figura 59 – Acessos internos.....	99
Figura 60 – Volumetria de um “bangalô tipo”.....	102
Figura 61 – Bangalô com vestimenta eclética.....	104
Figura 62 - Bangalô voltado ao <i>art nouveau</i>	105
Figura 63 - Bangalô com roupagem neocolonial.....	108
Figura 64 - Bangalô com roupagem missões.....	109
Figura 65 – Bangalô com varanda “boca de forno”.....	110

Figura 66 – Bangalô em alinhamento frontal.....	111
Figura 67 – Bangalô em um dos alinhamentos laterais.....	112
Figura 68 – Bangalô sito às Ruas Alfredo Ruiz e Antônio Alves.....	114
Figura 69 – Bangalôs que se diferenciam dos demais.....	114
Figura 70 – Tipologia geral dos Bangalôs obtidos.....	115
Figura 71 – Vila Santa Izabel, antes e depois.....	116
Figura 72 – Vila Santa Izabel.....	116
Figura 73 – Projeto de Vila Operária.....	117
Figura 74 – Bangalô Localizado na Califórnia.....	118
Figura 75 – Gráfico com itens incomuns em alguns bangalôs.....	121
Figura 76 – Gráfico de estudo dos banheiros.....	121
Figura 77 – Gráfico com representação do tamanho dos lotes.....	122
Figura 78 - Dados Gerais de projeto.....	123
Figura 79 – Gráfico com a relação dos construtores.....	124
Figura 80 – Propaganda do construtor em jornal.....	125
Figura 81 – Bangalô sito à Vila Falcão.....	126
Figura 82 – Bangalôs em diversos estados do Brasil.....	127
Figura 83 – Residência com elementos do bangalô.....	128
Figura 84 - Bangalô com porte maior em relação aos demais.....	128
Figura 85 - Bangalô no interior de São Paulo.....	129
Figura 86 – Bangalô deteriorado e descaracterizado.....	131
Figura 87 – Bangalô na paisagem atual.....	134

Moro na entrada do Brasil novo.
Bauru! nome - frisson, que acorda na alma da gente
ressonâncias de passos em marcha batida
para a conquista soturna do Desconhecido!
Acendi meu cigarro no tóco de lenha deixado na estrada,
no meio da cinza ainda morna
do último bivaque dos Bandeirantes...

Carros de bois geram desastres com máquinas Ford!
Rolls-Royces encalham beijando a areia!
Casas de tábuas mudáveis nas costas;
bungalows comodistas roubados da noite para o dia,
as avenidas paulistas...

Eu canto a estesia suave dos teus bairros chics,
as chispas e os ruídos do bairro industrial,
a febre do lucro que move os teus homens nas ruas do centro,
e a pecaminosa alegria dos teus bairros baixos...
Recebe o meu canto, cidade moderna!
Onde é que estão brasileiros ingênuos,
[...]

O sol da manhã incendeia ferozmente
a gasolina que existe na alma dos homens.
Febre...Negócios...Cartórios, Fazendas...Café...
Mil forasteiros chegaram com os trens da manhã,
e vão, de passagem, tocados da pressa,
para o El-Dorado real da zona noroeste!
[...]

Cidade de espantos!

Rodrigues de Abreu

INTRODUÇÃO

Pretende-se neste trabalho demonstrar as características correntes que vão distinguir um tipo de moradia, o bangalô, das demais edificações presentes no século XX no cenário da cidade de Bauru. Para isso será preciso abranger uma questão mais ampla desde a sua origem na Índia até sua chegada ao Brasil e mencionar brevemente as mudanças da arquitetura residencial no país.

A nova maneira de morar vem imbuída de simplicidade e traz a sua edificação um caráter modernizador à época em que vigoravam na cidade as residências ecléticas, as quais possuíam pé direito alto e fachada no alinhamento do lote; o bangalô, em contrapartida, com recuo frontal e pé direito reduzido. As vicissitudes que este novo morar trouxeram ao local fizeram-no espalhar-se em meio às edificações ecléticas.

Com sua tipologia modesta, que sempre continha uma varanda, o bangalô, tornou-se a residência da classe média, funcionários e operários mais qualificados da ferrovia.

Bauru não teve em si uma arquitetura eclética expressiva advinda do café, como Jaú, Bocaina, Mineiros do Tietê e outras cidades nas cercanias, mas revelou o bangalô e ainda o revela representando o contexto da época através da vinda da ferrovia.

No entanto, não há nenhum reconhecimento do bangalô pelos órgãos responsáveis pela preservação arquitetônica da cidade. Soma-se a isso o desconhecimento da população sobre sua importância para a história de Bauru, o que concorre para sua demolição, degradação e descaracterização paulatina. Daí a relevância de, através deste trabalho, colaborar para mantê-los vivos e ressaltados como patrimônio arquitetônico em meio à malha urbana atual em que se inserem.

Para o desenvolvimento, a presente pesquisa contou com um levantamento bibliográfico que a fundamentou, demonstrando a relação da origem do edifício estudado com sua trajetória e possíveis transformações até chegar ao Brasil e, precisamente à cidade de Bauru, localizada no centro do estado de São Paulo.

Para tanto, este trabalho se valeu da análise de dados a partir das plantas dos bangalôs, localizadas junto à Secretaria de Planejamento (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Bauru, a fim de resgatar os projetos ainda existentes e que, embora se degradando devido à falta de cuidado em seu armazenamento, puderam

contribuir efetivamente com os dados desenvolvidos nesta pesquisa. Assim, esse levantamento documental – apêndice - feito pela autora, poderá contribuir para que esta iconografia seja salvaguardada.

Foram encontrados 51 projetos de bangalôs, entre a década de 1920 a 1940, com eles podem ser observadas as eventuais mudanças, ou constâncias, na linguagem tipológica. É a partir de 1922 que aparecem as plantas destes na prefeitura. Não há como saber se existiram bangalôs apenas a partir de 1922, pois as pastas referentes às datas 1920 e 1921 são inexistentes no referido acervo. O mesmo ocorre com os anos de 1923, 1924, 1925, 1926, 1931, 1932, 1933, 1934 e 1940. Entretanto, a investigação limitou-se a um intervalo de 20 anos por conta da grande quantidade desses edifícios e que ainda continuavam sendo construídos após 1940. Um exemplo disso foi a vila de Santa Izabel, destinada aos ferroviários, datada em 1948, composta exclusivamente por bangalôs; projeto obtido em meio às pastas que foram investigadas.

Esses projetos estão catalogados em uma ordem cronológica, assim analisadas: a área de cada cômodo e a total do bangalô; as características relacionadas à fachada, e a sua “vestimenta”¹; as observações quanto à disposição dos cômodos e à presença deles ou não nos projetos, como por exemplo, o banheiro. Foram realizados diagnósticos gráficos, apresentados junto ao texto.

Esse período, iniciado em 1920, foi eleito à custa do crescimento urbano que estava possibilitando novas condições arquitetônicas à cidade de Bauru, por causa das ferrovias Sorocabana, Paulista e Noroeste que estavam instaladas e abriam o horizonte, contribuindo com inusitadas possibilidades, inclusive na arquitetura, como foi o caso do novo modo de morar, constituído pelos bangalôs.

Foi escolhido um recorte em meio à malha, envolvendo a região central e dois bairros próximos, por serem mais antigos, a Vila Falcão e o Jardim Bela Vista, criados no decorrer dos anos 1920. Muitos projetos mantidos pela SEPLAN são do centro da cidade e da Vila Falcão, porém, dos projetos localizados no Jardim Bela Vista, não foram encontradas as plantas na prefeitura, contudo, no bairro ainda existem bangalôs edificadas pouco descaracterizados.

Outro dado importante a ressaltar é que nem todos os bangalôs do recorte selecionado possuem plantas na prefeitura. Com isso, a maioria das edificações

¹ Eclética, neocolonial, missões, *art déco*.

existentes não consta projeto na SEPLAN e os projetos encontrados não têm mais sua construção. Assim, neste trabalho, são apresentadas as plantas e também as fotos atuais e antigas de bangalôs. Ademais, procurou-se exemplificar cada detalhe projetual destes: sua volumetria, espaços internos, materiais construtivos e ornamentação aplicada ou "roupagens". E levantará os pouco descaracterizados, ainda existentes nas proximidades da ferrovia dos bairros escolhidos.

O bangalô nada mais é do que uma resposta ao ecletismo, à insalubridade, pela falta de preocupação com a ventilação e iluminação; além disso, sua praticidade e funcionalidade fazem com que este atenda desde aos operários mais qualificados passando pela classe média, até aos abastados. Conversando com as classes sociais e os estilos da época, estes bangalôs vestiam-se da moda do período, sempre continham roupagens que o adornavam, mas com sutileza e delicadeza. Seus ornamentos correspondiam ao gosto e à moda da época: o eclético; o *art déco*, que geometrizarava a fachada; o neocolonial, com elementos decorativos nos beirais dos jogos de telhado e, por fim, o estilo missões, com seus arcos e balaustres na varanda.

Para melhor compreender a transição e as características do bangalô indiano até as colônias britânicas, esta pesquisa conta com as obras dos seguintes autores: King (1982), Kramer, (2006), Lancaster (1985), Varol (2013), que denotam como os ingleses se maravilharam por esta arquitetura vernacular da Índia, levando-a aos locais que colonizavam, e até mesmo à Inglaterra. Houve dificuldade em encontrar uma bibliografia que tratasse do bangalô especificamente, a referência que se destaca para os demais trabalhos utilizados sempre é King (1982) ou (1995).

O bangalô se tornou moda nos Estados Unidos, graças ao movimento *arts and crafts*. Essa temática foi discutida por Janjulio (2009) em sua dissertação de mestrado, em que a autora menciona a chegada do bangalô ao Brasil, através de revistas da época, em um momento de grande influência norte-americana, também explicada por Atique (2007). Em relação ao “bangalô Californiano”, muitas vezes em linguagem missões, os trabalhos de Atique (2007) e Tagliari (2007) retratam a proliferação dele no local.

Referindo-se ao Brasil, mais precisamente à cidade de São Paulo, relatou-se, de maneira breve, o quadro arquitetônico pelo qual o país passava no momento da inserção do bangalô. A respeito destas transições, Reis Filho (2013) e Lemos (1996), Lemos (1989) e Veríssimo (1999) abordam as significativas mudanças desde

meados do século XVIII até o início do século XX. E o intuito deste estudo foi relacionar a arquitetura eclética, quase sempre pretensamente suntuosa, à simplicidade do bangalô.

É dentro deste contexto que no Jardim América, estudado por Wolff (2001), o bangalô, sendo quase sempre de caráter térreo, contrapunha os pequenos palácios dos barões do café e dos recém - industriais. Pode-se dizer que o arquiteto inglês Barry Parker, com seu repertório britânico, contribuiu não só para a criação do bairro, mas também para a presença do bangalô no local.

Neste viés, Homem (1996), retrata sobre os palacetes na cidade de São Paulo, os quais, nesta pesquisa, são mencionados para âmbito comparativo com os bangalôs, que continham aspecto completamente diferenciado dos pequenos palácios em voga.

Ao mesmo tempo em que eram desfrutados do mais completo plano de necessidades, das casas apalacetadas, confrontavam com os inúmeros cortiços precários em eclosão. Neste assunto, os trabalhos de Correia (2004), Bonduki (2000), Lemos (1999), Segawa (2000), Aragão (2011), foram embasamentos teóricos essenciais para esta questão, por abordarem, a criação das vilas operárias como solução à insalubridade das “cabeças de porco”. Estava aí a utilização da tipologia do bangalô para tentar sanar o caos das moradias inadequadas, com baixo custo e facilidade construtiva.

Tratando-se especificamente de Bauru, o projeto parte de alguns estudos sobre esta cidade, como os de Ghirardello (1992), que analisa a questão do direcionamento urbano de Bauru até a década de 1940, e abrange a implantação ferroviária e suas consequências no local, mencionando o bangalô, edifício em estudo, e sua menção explícita no Código de Posturas local, que tratava especificamente desse padrão de arquitetura. Também de Fontana (2003), que aborda a evolução da arquitetura em Bauru, com ênfase na Arquitetura Moderna, juntamente com Constantino (2005), Paiva (1975), Possas (2001), que em seus trabalhos dissertam sobre a formação de Bauru.

Como para esta cidade a presença da ferrovia foi fundamental para seu desenvolvimento, foi mencionado o adendo da ferrovia ao Brasil e a Bauru e os trabalhos que contribuíram para esta descrição foram os de Finger (2010), em que se refere à questão das vilas ferroviárias; e o trabalho de Fontanari (2013), por

abordar o transporte ferroviário em São Paulo. Dentro desta temática, foram apontados os trabalhos de Monbeig (1984), Azevedo (1950) e Matos (1990).

A partir disso, no primeiro capítulo será abordada a origem dos bangalôs na Índia, sua trajetória, promovida através dos colonizadores britânicos, suas possíveis adaptações até a chegada a diversos países, como Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Ao adentrar o país, essa tipologia, o bangalô, percorre pelas cidades interioranas do estado e, assim, chega a Bauru, mencionando a relação que estes países têm com a chegada deste ao Brasil, à cidade de São Paulo e a Bauru. Dentre as inúmeras linguagens acumuladas ao longo do tempo na arquitetura brasileira, os palacetes ecléticos se mostram com grande suntuosidade, sobretudo nas áreas periféricas da cidade de São Paulo, onde a burguesia copiava sem demora a arquitetura europeia, longe das exigências posturais da cidade.

A contextualização referente a São Paulo tem bastante relevância, especialmente num período em que o café se expandia pelo interior do estado e proporcionava, além da vinda da ferrovia, que vencia os limites, o aumento do progresso no país e isto refletia nas cidades cortadas pelo trem.

Bauru dá um salto rumo a esse progresso, embora suas terras arenosas não sustentassem uma grande produção cafeeira por muito tempo, foi substituída pelo ir e vir dos trens, das estações ferroviárias, Sorocabana, Noroeste e Paulista.

Vale destacar a situação econômica e arquitetônica pela qual o Brasil passava, durante a República Velha e ainda para contextualização, um pouco antes, no período de transição entre o império e a república, com ênfase na cidade de São Paulo, por ser a capital influente do estado onde se localiza Bauru.

Esta cidade será evidenciada no segundo capítulo, em que se mostrará um breve histórico de sua origem, o salto econômico que a ferrovia trouxe ao local, principalmente o entroncamento das ferrovias, Sorocabana, Noroeste e Paulista, implantadas entre os anos de 1905 a 1911. Em meio ao progresso proporcionado à cidade, surge o bangalô como moradia destinada à classe média e, para atender às necessidades de muitos operários, engenheiros, trabalhadores em geral da ferrovia. Daí a quantidade relevante de bangalôs existentes nas proximidades da ferrovia e no centro da cidade.

No terceiro e último capítulo serão abordadas as peculiaridades internas e volumétricas dessa arquitetura em Bauru, caracterizando-a e demonstrando sua evolução em relação à “roupagem” que vestia sua fachada, que em cada período

trazia consigo inspirações a uma linguagem que viria compor a vestimenta do bangalô.

Enfim, o bangalô aparece em livros, revistas, ainda hoje, mas, mesmo assim, há poucos estudos no Brasil que o retratem, caracterizem e o valorizem como uma tipologia arquitetônica específica que compõe a história da arquitetura no país. Assim, esta pesquisa é inédita em sua extensão e por tratar de forma mais abrangente e aprofundada a cidade de Bauru.

1. DA ORIGEM, ÍNDIA, AO DESTINO, BRASIL.

1.1 A caminho do Brasil

A época das Grandes Navegações europeias foi marcada pela crise do feudalismo e o advento do início das características pré-capitalistas que só assumiram forma plena de capitalismo na Revolução Industrial. Esse foi um período de transições assinalado com o final da Idade Média e início dos Tempos Modernos.

Nesse momento de crise, as navegações possibilitaram a busca por novos caminhos mercantis, principalmente através de terras orientais. A expansão marítima foi paulatinamente acentuando-se, afinal, a burguesia em ascensão estava disposta a consumir os mais diversos produtos orientais.

Coube a Portugal² ser pioneiro das navegações por ter centralização política, paz interna e localização privilegiada, diferente de alguns países como a Inglaterra e a Holanda. Assim, estavam abertas as rotas ao Oriente. Até que em 1498 os portugueses atingiram a Índia. Algumas regiões da Índia ficaram sob domínio do Império Português: Calicute, Diu e Goa. Mas, por volta de 1530, com a concorrência ao comércio das especiarias indianas pelos holandeses e ingleses, já não mais mergulhados em instabilidades políticas e econômicas, o império português oriental começa a ruir. Neste tempo, aponta Wells (1939), a Índia despertava mais interesse, sendo um atrativo aos “aventureiros europeus”.

Portanto, em 1600, com a fundação Companhia das Índias Orientais³, expedições britânicas⁴ chegam até a Índia em busca de desafiar o domínio do

² No terceiro quartel do século XVI os diálogos culturais começavam a afunilar, principalmente devido à “bagagem” de conhecimentos adquiridos pelos portugueses depois da colonização oriental. Muitos utensílios utilizados pelas civilizações asiáticas puderam ser bem proveitosos aos colonizadores em nosso país. O chapéu de sol, a porcelana da China, algumas plantas, especiarias, comidas, alguns animais (FREYRE, 2003). Ressalta o autor que a aristocracia do litoral brasileiro podia se deleitar com o que na Europa só as cortes usufruíam. Desde 1530 os ingleses mantinham um comércio ilícito no litoral do Brasil. Não muito distante desse período, os ingleses se juntaram à Companhia das Índias Orientais em busca de aumentar o monopólio de comércio; e chegam até a Índia.

³ Conforme Roberts (2000, p.614) “a companhia foi criada para fazer comércio e por muito tempo os seus agentes continuaram ver a Índia sob essa ótica: como um lugar em que tudo que queriam do governo era assegurar que podiam continuar com os negócios.”.

⁴ Muitos fatores contribuíram para o retardamento da Inglaterra - também da França e Holanda - na expansão marítima: inexistência de uma monarquia centralizada e instabilidade política e econômica.

comércio Português de especiarias inserido em terras indianas. França, Dinamarca, Suécia e Holanda também faziam parte da busca por condimentos, porém só em 1818, após inúmeras batalhas, foi estabelecido o domínio britânico sobre a Índia. (KRAMER, 2006). Neste período, conforme Roberts (2000, p. 614), “havia mais pessoas sob domínio britânico na Índia do que qualquer outra possessão imperial”. Aponta o autor que o domínio britânico acontecia ainda em nome das Companhias das Índias Orientais.

A Índia sempre foi considerada a pérola do Oriente em virtude da presença de metais preciosos, frutas, ervas medicinais, especiarias e grande religiosidade, assim, os templos indianos eram repletos de ouro e afins, mas, em contrapartida, a maioria da população vivia em meio à simplicidade, teciam xales, tapetes e esculpam. Residiam em habitações simples, feitas de materiais disponíveis na região, como o barro e a palha.

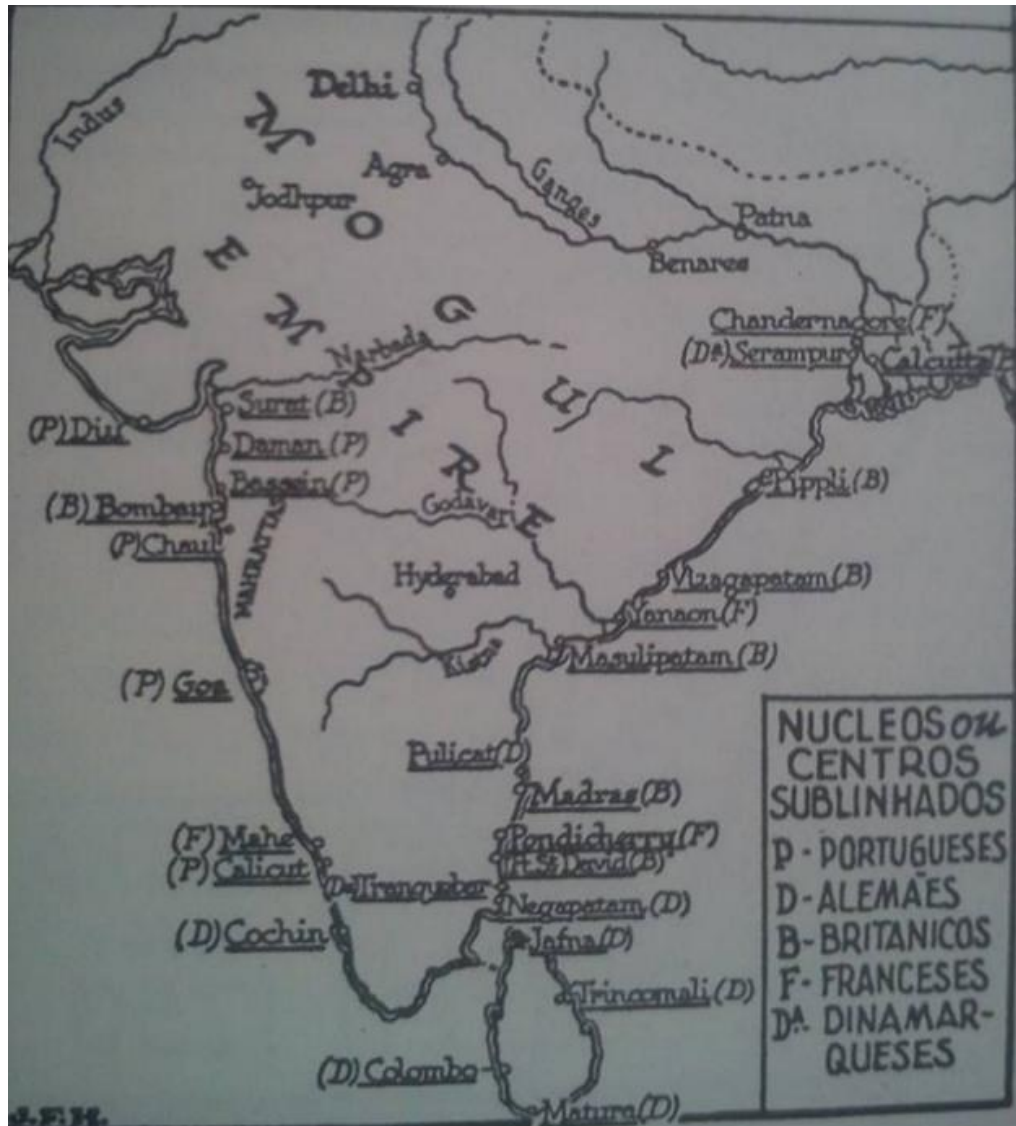
Os recém-estabelecidos colonos ingleses, estavam preocupados com as invasões e com o comércio que começaram a desenvolver e não tinham nenhum tipo de habitação que se adequasse ao clima tropical, instalando-se no país, primeiramente, com assentamentos de exploração até desenvolverem manufaturas para comercializarem tecido. Quando saíram das fábricas e campos militares de defesa do litoral para o interior do país, procuraram uma forma de habitação com preço acessível e razoavelmente confortável que pudesse ser construída com a mão de obra local abundante. (KRAMER, 2006).

Cada vez mais aumentava a participação do governo inglês na administração da Índia, porém, na vida cotidiana, a maioria dos indianos permanecia habitando as aldeias e vivendo de acordo com seus costumes, como se estivessem intocados pelo domínio britânico. (ROBERTS, 2000). Logo que os ingleses adentraram o país, ficaram atraídos por uma arquitetura específica da região da Bengala (figura1), o *bangla* ou *bangalô*⁵, pois a casa de campo que utilizavam era inadequada para servir como moradia em um local extremamente quente. Segundo Kramer (2006) uma casa de campo inglesa era fechada hermeticamente como uma caixa, sendo esta característica sensata em um clima frio, mas inapropriada a um clima quente e

⁵ Originário do termo *bangla*.

úmido, onde um pouco de brisa seria muito valioso para amenizar e equilibrar o clima interno de uma residência.

Figura1 - Mapa da Índia



Fonte: Wells, 1939, p.75

Em consequência disso, aderiram pouco a pouco ao bangalô em seus acampamentos, que era uma moradia tipicamente indiana (figura 2), de palha amarrada em uma estrutura de bambu ou de barro; dependendo do material que estivesse disponível no local. Podia ser compreendida como vernacular, térrea, destinada a uma só família; possuía um caráter marcante assinalado pela varanda, elemento fundamental para a climatização interna da residência.

Uma casa com conceito vernacular⁶ é entendida através da maneira de sua execução, ou seja, ela é feita a partir dos conhecimentos culturais, típicos e tradicionais de um povo de determinada região. Essa arquitetura usa de métodos simples para atingir o conforto térmico interno como é o exemplo do bangalô, que na Índia, era de extrema necessidade conter a varanda.

Figura 2 - Bangalôs de arquitetura vernacular indiana, 1860.



Fonte: Kramer, 2006, p.10

O bangalô passou por modificações para ser adaptado às necessidades dos colonizadores britânicos, (figura3), tendo seu padrão modificado; mais dormitórios e banheiros foram acrescentados, promovendo o aumento proporcional da volumetria e, conseqüentemente, da varanda que dava acesso à sala principal (VAROL, 2013). Assim, o bangalô, começou a ser utilizado para designar uma habitação aos colonizadores europeus, os quais empregaram, a esse tipo de edificação, critérios raciais, culturais e implicitamente políticos. (KING, 1995, p.90 apud JANJULIO, 2011, p.55).

⁶ Originalmente, por analogia com o termo utilizado em linguagem que qualifica a língua nativa [...], construções de indígenas ou nativos feitas com materiais locais de acordo com técnicas e padrões tradicionais. Por extensão, arquitetura tradicional e local feita sem a intervenção de arquitetos. (ALBERNAZ, 1998)

Figura 3 - Bangalôs adaptados pelos ingleses

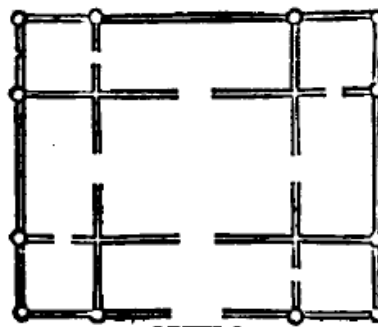


Fonte: Kramer, 2006, p.14

O caráter do bangalô modesto assume aspecto mais imponente, mas o mesmo não deixa de perder seu elemento principal, a varanda; e nem mesmo sua característica vernacular de um pavimento só.

Esses bangalôs alterados assumem o préstimo de arquitetura colonial da Índia. As novas plantas desenvolviam-se de forma simétrica e os acessos aos demais cômodos se dariam por uma sala principal e os dormitórios nas extremidades (figura 4). Comenta King (1982) que os primeiros bangalôs britânicos eram edificadas mais ou menos a uns 60 centímetros do chão sobre uma base de tijolo, sendo construído apenas um pavimento, com fundações rasas. Porém os novos bangalôs poderiam conter varandas em toda a volta, ou apenas na parte frontal, acompanhando a dimensão da fachada.

Figura 4 - O acesso aos demais cômodos dado pela sala. As varandas ao redor dos cômodos possibilitavam intimidade.



Fonte: Kramer, 2006, p.12

Mesmo as grandes propriedades coloniais na Índia eram geralmente compostas de uma casa de tamanho médio e uma série de bangalôs pequenos, utilizados para acomodar os hóspedes e para outras funções domésticas. [...] Cada quarto abre para uma varanda, em pelo menos dois lados para ter a vantagem do ar arrefecido e permitir o acesso a qualquer brisa disponível. (KRAMER, 2006, p.4)

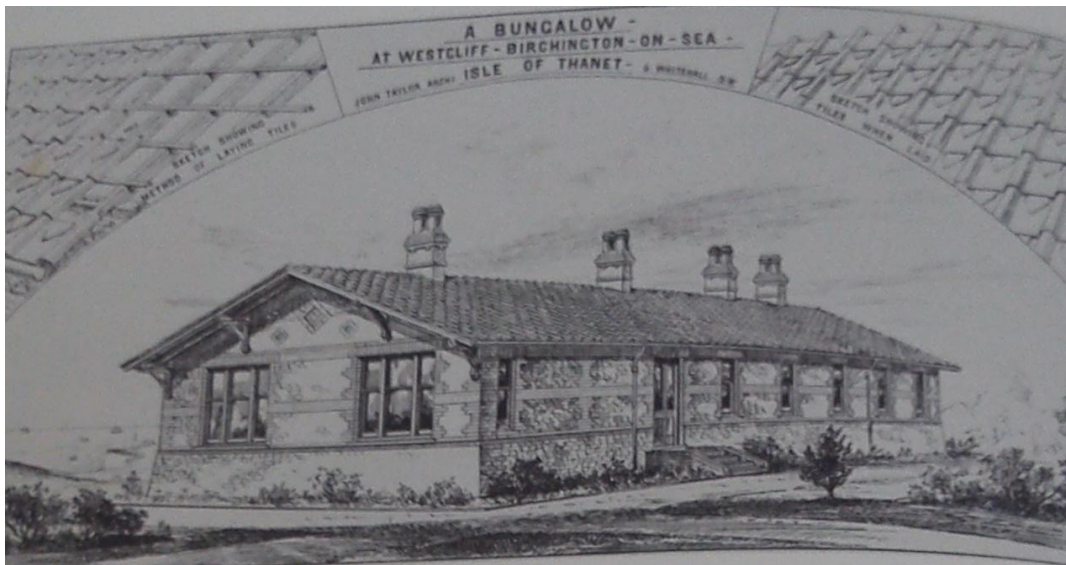
O bangalô é, provavelmente, o único tipo de casa que tanto seu nome quanto sua forma existem em quase todos os continentes . Ao investigar suas origens na Índia e desenvolvimento posterior na Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália e África, é possível notar que também se moldaram ao mundo moderno desde o colonialismo, à industrialização, à urbanização e à suburbanização. Em diferentes contextos históricos, o bangalô foi, por diversas vezes, a cabana do camponês , habitação colonial, casa especializada, retiro rural , habitação tropical e casa suburbana . (KING, 1982)

À medida que o bangalô tornava-se uma forma de morar acessível aos olhos britânicos, quanto à mão de obra simples, à utilização de materiais disponíveis em cada região e à facilidade de execução, este se difundiu até muitas outras colônias de dominação inglesa e na própria Inglaterra, onde era utilizado também como casa de campo⁷ destinada à burguesia, que fugia da vida na cidade para passar um final de semana agradável em contato com a natureza.

Na Inglaterra, “até aproximadamente 1914, o bangalô situava-se na área rural: tomando a aristocracia como exemplo, as classes média e alta urbanas procuraram um refúgio no campo” (JANJULIO, 2011, p.48). Todavia, a primeira habitação a ser designada como bangalô (Figura 5) no país, datada em 1869, era uma edificação baixa e grande, localizada em um *resort* à beira-mar (LANCASTER, 1985).

⁷ A casa de campo comum na Inglaterra era a casa em estilo *cottage*. Um bangalô não seria necessariamente uma construção térrea, nem um *cottage* do campo. Ele seria um pequeno recanto ou refúgio. Um *cottage* seria uma pequena casa de campo enquanto que o bangalô (figura 6) também é uma casa de campo, mas com um caráter acolhedor, rústico, com varanda e balcões e com uma planta pensada para assegurar conforto e despreocupação. (JANJULIO, 2009, p.125 apud LANCASTER, 1985, p.39).

Figura 5 - Primeira edificação denominada como bangalô na Inglaterra, 1869.



Fonte: Lancaster, 1985, p.36

Figura 6 - Ilustração de Bangalô rústico voltado à cottage



Fonte: www.biltmorefarms.com. Acesso em 17 de setembro de 2015.

Quando se transferiu à Inglaterra, na segunda metade do século XIX, o bangalô foi definido de diversas maneiras. A noção que prevalece hoje, de que o termo se refere a uma habitação térrea isolada, é muito simplificada. Inicialmente, quando foi introduzido, distinguia-se pela sua função, como casa para lazer e férias ou, algumas vezes, pelo seu tipo de construção (pré-fabricada ou não) e algumas vezes pelo seu desenho. Também pela sua localização— era uma casa para um local em particular: no campo, à beira-mar. (KING, 1995, p.90 apud JANJULIO, 2011, p.55).

É possível compreender que o bangalô vernacular indiano vai assumindo novas características ao chegar a diversas regiões, pois o *bangla* já se modifica na Índia através dos britânicos, traduzindo-se como *bungalo*. Chega à Inglaterra não com um caráter vernacular e nem colonial, mas como um bangalô “moderno”⁸ por ser uma moradia simples, livre de pretensões, que poderia unir a natureza e a construção de forma equilibrada, tornando-se cada vez mais procurado pelas classes média e alta.

No entanto, com a expansão das cidades inglesas após os meados do século XIX e início do século XX, a área rural, ou seja, o campo foi incorporado ao complexo urbano, denominando-se como subúrbio. E a busca da volta à natureza passou a aplicar-se à casa desse subúrbio. Além disso, ao mesmo tempo, ao iniciar-se o novo século, Londres vivenciava a problemática do adensamento populacional desde o período oitocentista, em que muitas famílias viviam em situações precárias e “cerca de 45% das famílias de um único burgo do centro de Londres ainda viviam em um ou dois quartos [...]”.(HALL, 1988, p. 58)

A cidade Industrial foi decorrente de um século de transformações no modo de vida da população. As cidades cresceram sem nenhum planejamento e com isso, tornaram-se caóticas, onde a classe operária vivia sem nenhuma infraestrutura. Com isso, muitos intelectuais preocupados com essa situação passaram a desenvolver projetos para modificar essa realidade. (FIGUEIREDO, 2012, p. i)⁹

O caos da falta de habitação vigorava em muitas cidades inglesas do período e uma das medidas adotadas para dar solução a este cenário foi o uso do bonde, que proporcionou o estiramento suburbano, novos bairros distantes do centro foram criados e muitos cortiços foram demolidos. A cidade vai envolvendo o campo, transformando-o em subúrbio. (HALL, 1988)

⁸ Janjulio (2009)

⁹ A autora investiga em seu trabalho a análise do projeto elaborado por Raymond Unwin e Barry Parker para Letchworth, primeira cidade-jardim, como proposta de solução à questão habitacional.

É neste período que as ideias de cidade-jardim vêm tentar atender o contexto vivido e o arquiteto e urbanista Barry Parker (1867-1941) associado a Raymond Unwin (1863-1940) concretizam as ideias de Ebenezer Howard¹⁰ (1850-1928).

Unwin e Parker buscaram seguir a teoria de Ebenezer Howard para a primeira Cidade-Jardim. Desse modo, ao conceberem o plano de Letchworth, ambos buscaram respeitar os princípios da cidade-jardim bem como os seus. As vias foram dispostas de modo que não houvesse um conflito com a topografia do local. Desenvolveram um traçado informal, em alguns casos [...]. Ambos defendiam o ideal de oferecer habitação de qualidade à classe operária, mostrando interesse na arquitetura da habitação dessa classe. As habitações contavam, frequentemente, com jardins fronteiros, além de haver vasta arborização nas vias, possibilitando uma integração entre a cidade e o campo. (FIGUEIREDO, 2012, p. v)

Uma das tipologias adotadas para atender a questão da moradia salubre e disposta ao centro do lote foi a do bangalô, pois este se enquadraria perfeitamente ao caráter e ao espírito de uma cidade-jardim. Logo, é muito comum encontrarmos bangalôs no subúrbio inglês e também norte-americano.

Ressalta Janjulo (2011, p. 48) “Se as origens do bangalô moderno estão na Inglaterra, foi nos Estados Unidos que ele se desenvolveu plenamente, chegando através de conexões que incluíam livros, jornais e revistas, a partir do início do século XX, e principalmente após 1905”. Ainda comenta a autora que essa habitação, assim como na Inglaterra, também marcou presença na formação do subúrbio moderno estadunidense.

Os Estados Unidos são um exemplo claro da inserção do bangalô em um contexto habitacional suburbano destinado à maioria da classe média, contudo, só começou a ser notado após o movimento *arts and crafts*¹¹.

A arquitetura *arts and crafts* era caracterizada por um conjunto de traços vernáculos: essas residências chamavam a atenção por conterem coberturas

¹⁰ Em 1902, Ebenezer Howard descreveu sua cidade ideal, como uma cidade onde indústria e comércio pudessem ser integrados com habitações, jardins e também conteria o acréscimo da indústria moderna e ferrovias. (SPIRN, 1995)

¹¹ Movimento originalmente inglês, devido à industrialização, e se difundiu até os Estados Unidos. Representando, segundo Janjulo (2009), regionalismo, unidade de desenho, prazer no trabalho, individualidade, preservação das técnicas tradicionais de construção.

baixas, inclinadas, padrões irregulares de janelas e portas, sendo executadas com diversos tipos de materiais: pedra, madeira, tijolo, tijolos decorativos.

Vale ressaltar que essas casas se desenvolviam em torno de um núcleo comunal, que geralmente era a sala, onde a lareira ficava. Com isso, bangalô é um dos tipos de residências representantes dessa nova arquitetura, pois sua tipologia está dentro dos quesitos exigidos pelo *arts and crafts*, principalmente na região da Califórnia, entre 1907 a 1909, embora o termo já tivesse sido utilizado desde 1880 para designar pequenos lares norte-americanos (TAGLIARI, 2007).

Nos Estados Unidos, os bangalôs proliferaram nos bairros e subúrbios ajardinados que caracterizavam a opção residencial típica do contexto norte americano do século XX. Originário da casa simples e vernacular indiana, o bangalô caracterizou-se por uma linguagem universal despojada, contudo redesenhada em alguns detalhes nos contextos locais em que se desenvolveu. (WOLFF, 2001, p.189)

O bangalô tornou-se uma arquitetura cada vez mais utilizada. Disponível não só aos mais abastados, ele, agora popularizado, destinava-se também à classe média dos Estados Unidos. Conforme Tagliari (2007) era considerado uma residência democraticamente correta, graças ao seu baixo custo acessível a todos os cidadãos. Era conhecido como uma construção californiana (figura 7), pois inúmeros bangalôs encontravam-se no estado contendo “qualidades espaciais, espaços internos amplos e abertos, um pavimento, grandes beirais que protegiam do sol e uso intenso de materiais naturais como a madeira e uso de técnicas tradicionais na construção”. (TAGLIARI, 2007, p.637)

Figura 7 - Bangalô Californiano típico dos Estados Unidos - Pasadena, 1911. Arquiteto Arthur S. Heineman.



Fonte: Tagliari, Gallo, 2007, p.6

A arquitetura vai se modificando, agregando a ela valores e costumes que variam de região a região. Correia (2004, p.47) expõe: “moradia é elemento da organização social que ao longo do tempo incorpora significados diversos”, por isso há variações nos bangalôs de alguns países e regiões, mas seu conceito de simplicidade continua o mesmo.

É possível notar que o bangalô “moderno” se adaptava tanto às técnicas construtivas existentes em cada região, quanto às necessidades. Um exemplo claro dessa adaptação às necessidades é o das varandas, nos Estados Unidos e também na Inglaterra. Estas poderiam ser fechadas com vidro, desprendendo-se do seu conceito de apaziguar o calor do clima local, afinal, não haveria essa utilidade como nos países tropicais. É possível evidenciar, a partir disso, a diferença entre o bangalô vernacular – térreo, com varanda – do bangalô moderno – com possibilidade de não ter a varanda e que também poderia ser assobradado¹².

¹² Janjulio (2009)

1.1.1 Formas de morar no Brasil: final século XIX e início do século XX.

Ao mesmo tempo em que as expedições portuguesas atingem o oriente, também alcançam o ocidente: as terras brasileiras. Com os colonizadores, chega ao nosso país a casa portuguesa, conforme Veríssimo (1999) - que em seu livro desenvolveu as relações regionais, locais e culturais da arquitetura brasileira desde seu início - representada pela moradia caiada e estreita, mas não de forma unificada, dependia sempre do nível, da origem, do status de seu ocupante e tudo era reinterpretado de acordo com a disponibilidade de material e da mão de obra local, assim ia ajustando-se socialmente.

“É o momento da definição de um modelo familiar que surge no núcleo rural, esteio econômico da colônia, num patriarcalismo latifundiário”. (VERISSIMO, 1999, p. 22). O conceito familiar se mantinha igual, mesmo na residência urbana, mas esta,

[...] baseada em um tipo de lote com características bastante definidas. Aproveitando antigas tradições urbanísticas de Portugal, nossas vilas e cidades, ruas e cidades de aspecto uniforme com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites dos terrenos. (REIS FILHO, 2013, p. 22)

Logo, a casa se mantinha com as mesmas tradições ao adentrar o século XIX, pois ainda se dependia do trabalho escravo, não havendo margens para grandes mudanças (REIS FILHO, 2013). No entanto, no século XIX - enquanto a maioria dos países Europeus, a começar pela Inglaterra, adentrava a segunda Revolução Industrial, o Brasil era atrelado também à economia do café¹³ baseada no trabalho escravo, sem sequer cogitar novos progressos industriais. Com a vinda da Família Real ao Brasil, um novo acordo foi firmado: a Abertura dos Portos¹⁴, e este momento dá início a possibilidades de importação de produtos, inclusive de uso arquitetônico. Segundo Reis Filho (2013), “a presença dos equipamentos importados insinuava-se nas construções pelo uso de platibandas, que substituíam os velhos

¹³ Outras economias estavam presentes nos estados brasileiros, como o cultivo da cana – de – açúcar, a borracha, o algodão, a mineração.

¹⁴ Troca de comércios com as nações amigas, principalmente com a Inglaterra.

beirais, por condutores ou calhas, ou pelo uso de vidros simples ou coloridos [...]”. O autor ainda comenta que esses produtos importados contribuiriam para modificações na aparência das construções dos centros maiores do litoral.

Com isso, a nova linguagem arquitetônica oficial do período imperial era a Neoclássica, favorecida pela presença da Missão Francesa e a fundação da Academia de Belas Artes, pois estas contribuía com as construções mais refinadas. Os mais ricos tinham como parâmetro a cultura européia, particularmente a francesa, em pleno trópico, falava-se francês, comia-se e vivia-se à francesa, isso representava símbolo de poder e veio contrapor à arquitetura colonial ainda presente.

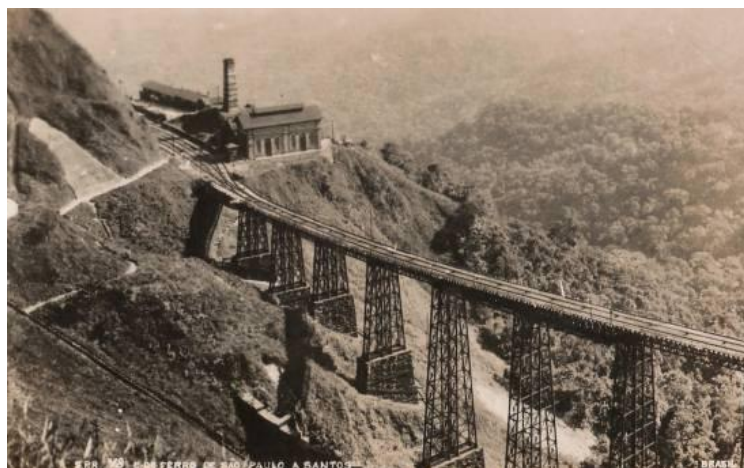
A região do Vale do Paraíba, com a ascensão do café, incorporou esse repertório decorativo que criava antagonismo entre o requinte dos interiores e a técnica rudimentar de construção, muitas vezes de taipa de pilão, adobe ou taipa de mão. (VERÍSSIMO, 1999)

A arquitetura vai moldando-se e adequando-se às circunstâncias na qual se insere, ela se renova à medida que um local sofre alterações econômicas, culturais, enfim, conforme Reis Filho (2013, p.15), “em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso [...]”. Mesmo o Brasil tendo passado por significativas mudanças depois da vinda da família real, como transformações¹⁵ jurídicas, sociais e econômicas, reformas urbanas, construções de edifícios públicos, valorização da vida na cidade e social, sua economia estava cada vez mais embasada na agricultura do café, particularmente no sudeste do país.

Devido ao processo de expansão da lavoura cafeeira, esta adentra gradativamente o estado de São Paulo e para facilitar o comércio com o exterior, em 1867, foi necessária a construção de uma ferrovia que unisse Santos a Jundiaí, (figura 8). Assim, com a chegada da estrada de ferro, melhorias começaram a marcar a sociedade do país. (LEMOS, 1978).

¹⁵ A Constituição de 1824 tira o poder judicial do Estado, só o Império tem poder. As igrejas são apenas símbolos do Estado. As terras deveriam ser compradas. O governo era monárquico hereditário e constitucional.

Figura 8 - Linha férrea Santos/Jundiaí



Fonte: viatrolebus.com.br. Acesso em 13 de dezembro de 2015.

Logo, as cidades interioranas mais antigas, que se caracterizavam como pequenos centros urbanos, rodeados por casas coloniais no entorno de um centro religioso e político, começaram a se transformar em locais de residências mais elaboradas, tornaram-se centros de acordos econômicos e substituíram o antigo trajeto de transporte através de animais de tração por modernas ferrovias. (LEMOS, 1978)

Agora, já dobrada a metade do século XIX, muita gente de fora estava se estabelecendo nas cidades do interior, junto aos cafezais, influenciando em tudo e, principalmente, nos métodos construtivos com novos materiais e outras técnicas. (LEMOS, 1978, p.115).

A burguesia enriquecida pelo café viajava à Europa e se interessava pela arquitetura e pelas técnicas construtivas. Desta maneira, o café, juntamente com a ferrovia, no estado de São Paulo, particularmente, estimulava a economia e fazia florescer também a classe média ligada às atividades burocráticas de exportação, além de sua compra e venda. (GHIRARDELLO, 1992).

O final do século XIX foi um momento favorável à cultura cafeeira¹⁶, entretanto, o país passava por um período de transições, primeiramente entre a

¹⁶ Porém, o início do século XX, no intervalo de 1900 a 1905, foi um período de crise cafeeira devido à alta produção, conforme Monbeig (1984) há uma freada na marcha de povoamento que foi acontecendo em detrimento do desenvolvimento trazido pelo café e também pelas ferrovias, mas estas continuaram sendo implantadas até nas áreas pouco povoadas.

substituição da mão de obra escrava, abolida em 1888, para a do imigrante¹⁷ e posteriormente, o final do Império e início da República Velha¹⁸. Com isso, a estrutura da cidade muda, ressalta Reis Filho (2013), que os casarões começavam a se encontrar tristes e “desabitados”, pois os escravos, que eram a máquina que impulsionava e regia os serviços domésticos, já não faziam mais parte deste cenário. Ao mesmo tempo, o ecletismo compunha esse palco de alterações econômicas e culturais.

Foi nesse período, no estado de São Paulo, que surgem, segundo Lemos (1989), as diferenças qualitativas entre as residências ricas e as demais; até o momento, as diferenças eram apenas quantitativas, distinguindo-se pelo tamanho. As casas começavam a conter misturas de técnicas construtivas, era encontrada a presença de ferro fundido nas varandas dos sobrados, além dos tijolos utilizados na execução dos, agora, palacetes.

A nova arquitetura das residências ecléticas, que já eram elaboradas em tijolo, não mais em “taipa”, passa a contar com adornos e elementos decorativos conforme a indicação dos mestres de obras, fachadistas, ou arquitetos. Além disso, ocorre a vinda da mão de obra estrangeira para que os ornamentos fossem produzidos nos seus mínimos detalhes; expõe Veríssimo (1999) que o ecletismo estava em pleno vapor não só na preocupação dos detalhes das fachadas, mas também no mobiliário.

As antigas casas coloniais, vão adaptando-se por reformas ou sendo substituídas em função de novos conceitos e hábitos, não havia mais a uniformidade das antigas casas coloniais. Os recuos possibilitados pelo uso do tijolo fizeram com que as residências tivessem peculiaridades de acordo com o poder aquisitivo de seu proprietário, os lotes assumiam autonomia, comenta Reis Filho (2011, p.44) “que as primeiras transformações verificadas então nas soluções de implantação, ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes”. Todo este contexto reflete um cenário de desenvolvimento, uma paisagem de transição da arquitetura colonial, ainda em voga, à imperial e à republicana.

¹⁷ Conforme Oliveira (2002), a Europa industrial produziu uma grande concentração populacional, gerando uma população excedente que vai procurar, por volta de 1870, melhores condições de vida em outras terras, países, inclusive no Brasil.

¹⁸ Mesmo com a abolição da escravidão em 1888, o café ainda fora o propulsor da economia local.

1.2 Os trilhos chegam ao Brasil

O primeiro país europeu, após a Revolução Industrial, a se organizar com sua economia voltada à produção e exportação de bens industriais para as regiões não industrializadas foi a Inglaterra. A base de sua economia era a indústria siderúrgica, que em grande parte destinava-se à fabricação de equipamentos ligados à ferrovia.

Wells (1939) aponta que o período de criação da primeira linha férrea abriu as portas para um momento de mudança brusca em uma das condições fixas da vida humana, e isto estava ligado ao máximo de velocidade do transporte terreno, o trem. As estradas de ferro reduziram as longas viagens, deste modo, na América do Norte, nos Estados Unidos, os efeitos foram imediatos, ao ponto que, “se dilatavam para o oeste”¹⁹ e com isso, a estrada de ferro representava praticidade.

Seguindo este viés, Benevolo (1994, p.74), diz que “a ferrovia é um dispositivo tecnicamente bastante vinculante; mesmo que se trate de iniciativa privada [...] e a autoridade deve preocupar-se em regulamentar as múltiplas relações entre a ferrovia e as localizações urbanas e rurais”.

A ferrovia ia se tornando um atrativo para diversas regiões, além dos limites europeus; assim,

[...] foi desenvolvido um modelo de “pacote ferroviário” pronto para ser exportado, que incluía desde a constituição da companhia e incorporação do capital, a escolha do sítio de implantação, elaboração dos projetos e execução das obras (sempre por técnicos ingleses altamente especializados), até a operação das linhas e administração das finanças da empresa. [...] esse modelo foi exportado para as colônias britânicas na África e Ásia, [...]. (FINGER, 2009, p.31)

inclusive para América do Sul, com a qual também foram firmados outros tratados, sendo o Brasil, um dos alvos principais da indústria britânica²⁰ (FINGER, 2009).

¹⁹ Wells (1939)

²⁰ Os Primeiros acordos entre Brasil e Inglaterra já ocorreram desde a época do domínio português às terras brasileiras, uma vez que, a Inglaterra oferecia embarcações a Portugal e principalmente defesas contra os espanhóis e holandeses.

O Brasil, por ser um país de vasta extensão territorial, apresentava durante o início do século XIX grande defasagem quanto ao transporte terrestre, sendo favorecido o transporte fluvial.

Neste momento, algumas cidades do interior do país começaram a se destacar, mas encontravam dificuldades para se ligarem aos portos e à Capital, Rio de Janeiro. Porém, o início da solução para a ligação do litoral com o interior foi dado somente em 1835²¹, através da Lei Feijó²² que tratava da ligação das ferrovias no Brasil.

Vale ressaltar que ao mesmo tempo, (maio de 1835) era inaugurada, como menciona Azevedo (1950), uma das mais antigas vias férreas do continente europeu, a linha de Bruxelas a Anvers. Contudo, em terras brasileiras, apenas em 1854, foi aberto o primeiro trajeto ferroviário que ligava a cidade de Mauá à Estação de Fragoso.

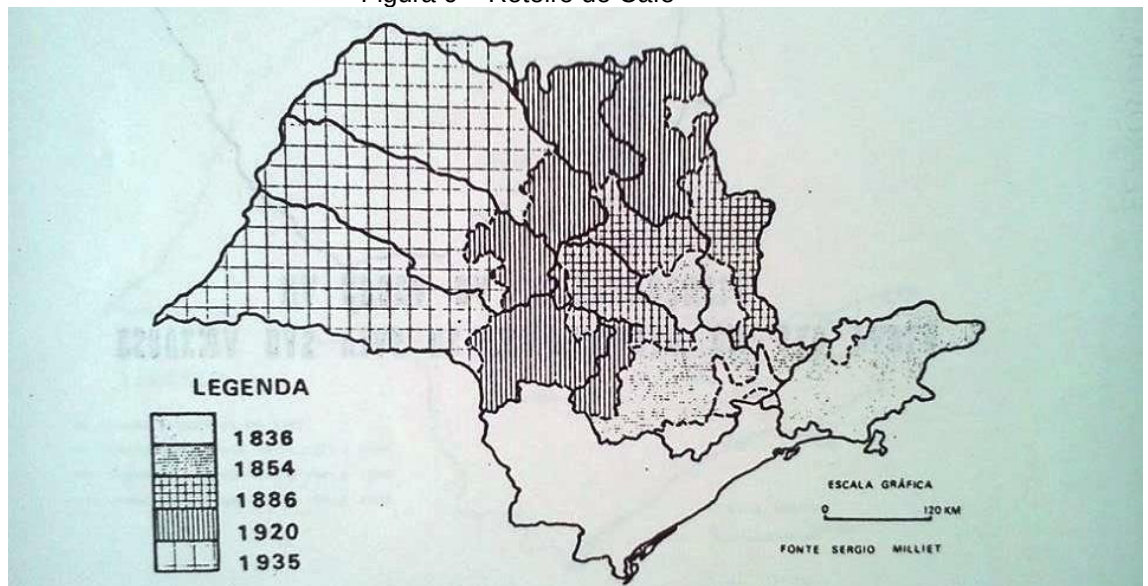
Em São Paulo os trilhos adentram o estado em busca do café, criando possibilidades para novas plantações surgirem embrenhadas no seu interior. E, em pouco tempo, essa região estava produzindo em grande potencialidade promovendo a inserção das linhas férreas até o Paraná. (GHIRARDELLO, 1992)

Segundo Matos (1990, p. 43), “o café na sua “marcha”, ou no seu “roteiro”, marcaria a fisionomia paulista. Na sua itinerância, cansaria terras, abandonaria regiões, mataria cidades.” Em 1836, o café tinha seu centro de produções no vale do Paraíba. Comenta Matos (1990) que, “depois de ensaios nos arredores da cidade do Rio de Janeiro, a cultura cafeeira galgou a serra rumo ao vale do Paraíba [...]” e foi através deste que o “ouro verde” adentrou as terras paulistas. (figura 9) Porém, em 1870, conforme Monbeig (1984), o oeste de São Paulo ainda era pouco desbravado e conhecido pelos fazendeiros.

²¹ Dez anos após correr o primeiro trem na Inglaterra. (AZEVEDO, 1950)

²² Visava ligar o Rio de Janeiro às capitais de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia (MATOS, 1990)

Figura 9 – Roteiro do Café



Fonte: Matos, 1990, p. 169

No entanto, os fazendeiros não o ignoravam inteiramente. Começavam eles a ter contato com esses domínios um pouco misteriosos, que envolviam as narrativas legendárias dos bandeirantes. Pensavam em levar as futuras ferrovias a essas paragens longínquas. Enquanto esperavam, precisavam transportar, em tropas no dorso de mulas (figura10) ou em carros de boi, toda sua colheita de café ou sua produção de açúcar até Jundiaí, ponto terminal da estrada de ferro de Santos [...] (MONBEIG, 1984, p.27).

Figura 10 – Café transportado em carroças, sendo descarregado no Porto de Santos.



Fonte: Finger, 2009, p.48

“Desde sua formação, a ferrovia possuía planos de expandir seus ramais não somente para o interior de São Paulo, mas também em direção ao interior do país, sendo que um dos objetivos era alcançar Goiás, e, seguir rumo à Cuiabá, no Mato Grosso.” (FONTANARI, 2013, p. 5)

Anterior à construção da primeira linha férrea,

a Lei n.º 641, de 26 de Julho de 1852, que ofereceu vantagens do tipo isenções e privilégio sobre a zona de influência, assim como adotou finalmente a garantia de juros sobre o capital investido pelas empresas nacionais ou estrangeiras que se interessassem em construir e explorar estradas de ferro em qualquer parte do País. Era o incentivo que faltava, e somada a outras leis provinciais e imperiais que se seguiram a essa, o investimento em ferrovias tornou-se tão atrativo que se iniciou um período frenético de construção de linhas no país. (FINGER, 2009, p.39)

A partir disso, em 1858 foi inaugurada a Cia. Estrada de Ferro D. Pedro II, que ligava a província de São Paulo até Minas Gerais, passando pelo Vale do Paraíba. A linha ferroviária adentra o país abrindo caminhos para novas possibilidades de terras a serem ocupadas pelo ouro verde. Após isso, desde 1866, a linha atingia São Paulo, para no ano seguinte, alcançar Jundiaí, e, em 1867, (figura 11) foi construída a estrada de ferro Santos-Jundiaí - mencionada anteriormente.

Estava dado, pois, o primeiro passo para o desenvolvimento ferroviário de São Paulo. Até a década de 1930, o sistema São Paulo-Santos da chamada “São Paulo Railway” assegurou o monopólio dos transportes ferroviários entre o litoral e o planalto, pois, como veremos, no devido lugar, só a partir de 1927 cuidou-se de uma outra ligação para não fazer toda a economia paulista depender exclusivamente dos sistemas funiculares da “inglesa”, nome que, pelo povo, foi sempre usado para denominar a importante ferrovia. (MATOS, 1990, p. 74)

Figura 11 – Construção da São Paulo Railway



Fonte: www.novomilenio.inf.br/santos. Acesso em 28 de junho de 2015.

Segundo Fontanari (2013), em 1868, na cidade de Campinas, surge a primeira ferrovia que estenderá os trilhos rumo ao planalto: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, depois várias outras companhias foram criadas: Ituana (1873), Mogiana (1875) e Sorocabana (1875).

Aponta Ghirardello (2001) que no início do século XX, nos mapas, a área do oeste do Estado de São Paulo, até a margem esquerda do Rio Paraná, era grafada como "zona desconhecida, habitada por índios" ou "terras devolutas ainda não exploradas". Nesse contexto, a Companhia Estrada de Ferro Noroeste Paulista do Brasil, CEFNOB, foi a primeira a abrir esses territórios, mas não como suas antecessoras que acompanhavam a produção cafeeira. Em nosso país foram poucas as ferrovias de cunho estratégico para fins de povoamento ou para ocupação territorial. Elas estariam vinculadas mais à questão econômica do país.

Após inúmeros Planos²³, que davam diretrizes para a estruturação de uma malha ferroviária que adentrasse o país ligando zonas centrais com potencial econômico aos portos e também buscavam dar continuidade nas malhas férreas até o Pacífico, embora não viabilizados promoveram influências no Decreto de n. 862, em 1890, que concedia uma estrada de ferro partindo de Uberaba, seguindo em direção a Coxim. As subsequentes alterações resultariam no traçado da Estrada de Ferro Noroeste.

²³ Plano Moraes (1869), Plano Queiroz (1874), Plano Rebouças (1874), Plano Bicalho (1881) e Plano Bulhões (1882).

Em 1903, as Estradas de Ferro Sorocabana e Paulista se localizavam nas proximidades de Bauru, nos solos de São Paulo dos Agudos, atual Agudos. Estava cada vez mais em evidência a possibilidade de ligação entre o estado de São Paulo e litoral a Mato Grosso, a qual se daria através do prolongamento da linha férrea que sairia de Agudos em direção ao centro oeste do país.

O traçado de um caminho de ferro que partindo de São Paulo dos Agudos ou de Bauru, transpondo o Paraná e Urubupungá, se dirigisse a um ponto do Rio Paraguai adequado a encaminhar para o Brasil o comércio do sudeste Boliviano e norte Paraguaio, permitindo ao mesmo tempo rápidas comunicações do litoral com Mato grosso, independentes de percurso estrangeiro. (CUNHA, 1975 p. 116 apud GHIRARDELLO, 2001, p. 27).

No ano de 1904, a linha que iria de Uberaba a Coxim foi alterada pela de Bauru a Cuiabá. Os trilhos saíam de Bauru, seguindo o espigão entre os rios Tietê e Aguapeí, rumo ao rio Paraná, transpondo-o em Urubupungá em rumo a direção de Mato Grosso e Goiás.

Vale ressaltar que enquanto na Europa a ferrovia procurou,

[...] a cidade, isto é, o centro demográfico e o núcleo econômico já formado e estratificado. Aqui no Brasil, por uma fatalidade do continente, é forçada a procurar o deserto. [...] Em vez de unir centros fabris e agrícolas de vida já intensa e muito próximos uns dos outros, como na Europa, o caminho de ferro foi entre nós um criador de cidades. (Silva, 1957, p. 80).

No Brasil ela caminhava de encontro a novas possibilidades para o plantio do café na terra roxa do interior do estado de São Paulo. Após inúmeras pesquisas e estudos elaborados sobre o solo, os afluentes do Tietê, a vegetação, onde a ferrovia adentraria, Bauru foi percebida como um local onde a terra não era apropriada para a plantação do café, seu solo era arenoso. Enquanto a terra dos espigões era mais favorável ao cultivo do mesmo.

A primeira medida da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, após a assinatura do Decreto n 5.266, no ano de 1904, foi contratar o reconhecimento do trecho em solo paulista da Estrada, ou seja, de Bauru ao Rio Paraná. (GHIRARDELLO 2001, p.29)

1.3 O cenário do Brasil ao receber o Bangalô

A América Latina, a partir do final do século XIX, estreitava laços com países industrializados. O Brasil exercia a função de fornecedor de produtos agrícolas; especialmente o café e algumas outras matérias-primas, enquanto a Europa e os Estados Unidos se tornavam industriais e urbanos. Os Estados Unidos começaram a investir nos países exportadores em desenvolvimento, proporcionando a estes infraestrutura, marcando o início do domínio norte-americano, sobre os quais vem se fortalecer através da Doutrina Monroe,²⁴ estabelecida pelos Estados Unidos. Foi a confirmação do sentimento de superioridade estadunidense em relação às demais nações americanas, que passaram a sua tutela de forma consciente, já que tal dominação interessava às próprias elites locais, cuja ascensão era favorecida por esse sistema econômico. (ELIAS et. al., 2014, p.902)

Iniciava-se um momento favorável a diálogos entre Brasil e Estados Unidos. E estes, com a troca de favores estabelecida, passam ao nosso país elementos de sua cultura, e também de sua arquitetura. O bangalô é um elemento claro dessas influências.

No início do século XX, o movimento *arts and crafts* americano de maneira informal o adotou como a casa *Craftsman* (figura 12) ideal. Na prática, o bangalô *Craftsman*²⁵, é muito diferente do modelo original da Índia. Havia mesmo bangalôs de dois pavimentos. (WEISSMAN, 1988, p. 6 apud JANJULIO, 2009, p. 22)

²⁴ James Monroe, presidente dos Estados Unidos, entre os períodos de 1817-1825, declarou, em 1823, não aceitar nenhum tipo de interferência europeia no continente. (ATIQUE, 2007)

²⁵ Entre as revistas, destacava-se *The Craftsman*, que divulgava o movimento social e estético *Arts and Crafts*. No início do século XX, o movimento *Arts and Crafts* americano, de maneira informal, adotou o bangalô como a casa *Craftsman* ideal, conforme implícito no próprio subtítulo da revista: “uma revista mensal ilustrada para a Simplificação da Vida”. (JANJULIO, 2011, p.49)

Figura 12 - Bangalô Craftsman



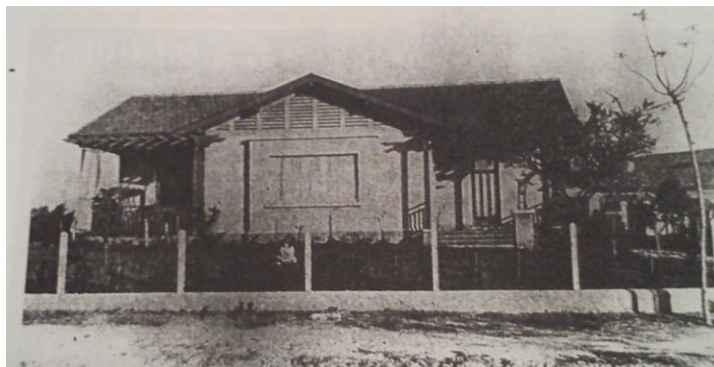
Fonte: www.owenlumber.com/products/craftsman-bungalow. Acesso em 15 de setembro de 2015;
www.arquitecturausa.com/index.php/es/estilo-casas/item/268-casa-estilo-craftsman-bungalow.

Acesso em 07 de abril de 2016

Desde o início do século XX, o bangalô ingressava ao Brasil, através de revistas. Neste momento começavam vigorar no país novos conceitos de implantação de residências no lote, elas podiam conter recuos frontais e de ambos os lados. Entretanto, esses afastamentos só eram viabilizados para novas construções, distantes do centro, destinadas à classe abastada. O bangalô se enquadrou perfeitamente a esta condição e, além disso, estava cada vez mais ligado ao espírito de se morar distante da cidade, em maior contato com a natureza (figura 13). Essa construção não era tida como algo sistemático e preso à uniformidade, mas sim como uma edificação que libertaria o proprietário do caos da cidade e

também da pretensiosa suntuosidade das casas ecléticas. Assim, as pessoas referiam-se ao bangalô como casa de férias, casa de campo. Aqui, devido ao clima, apresentam varanda, mesmo que pequena.

Figura 13 - Bangalô e seu jardim, localizado no bairro Jardim América, 1923.



Fonte: Wolff, 2001, p. 204

A arquitetura residencial do início do século XX era representada de forma majoritária por casas com jardim lateral localizadas nos bairros destinados às classes altas e médias. Reis Filho (2013), explica que a ideia de que a arquitetura é produzida em cada época de maneira diversa, relaciona-se diretamente com a estrutura urbana em que se insere, ou seja, no início do novo século, novas possibilidades moviam a burguesia, como também atuais perspectivas habitacionais possíveis. Comenta Aragão (2011) que era uma época em que as pessoas estavam obcecadas por tudo que era europeu, inclusive os palácios, que aqui não ultrapassavam a dimensão de uma quadra, denominando-se palacetes, os quais eram:

[...] cercados por jardins à francesa ou à inglesa, apresentavam em sua arquitetura uma notória mistura de estilos e, em seu programa de necessidades, adaptações tanto em função das dimensões reduzidas, como em função de hábitos e costumes da família brasileira. (ARAGÃO, 2011, p. 238)

Nesta época, expõe Reis Filho (2013), os arquitetos orientavam a construção de casas para as classes mais altas, com soluções arquitetônicas atualizadas, com porões altos e amplos jardins, programas que conseguiriam unir ao mesmo tempo sobrados e chácaras. Agora, com o progresso impulsionado também através da

ferrovia, era possível morar na capital desfrutando de belos jardins no entorno da casa e ao mesmo tempo se deleitar nas peças teatrais, no cinema, sendo fácil administrar as plantações de café na área rural, incluindo-se entre as facilidades as novas invenções do telégrafo e telefone.

Homem (1996, p.13) estabelece o seguinte parâmetro para os palacetes paulistanos: “tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando apuro estilístico, afastada das divisas do lote, de preferência dos quatro lados, situada em meio a jardins, possuindo área de serviço e edícula nos fundos”.

A ida ao exterior, principalmente à Europa, tornava-se usual para as classes enriquecidas que, através de seus arquitetos, alguns vindos do exterior, copiavam e se inspiravam em novas formas de morar. Comenta Aragão (2011, p. 234) que “para o gosto burguês, não havia coerência entre partido arquitetônico e paisagismo, bastava ser de estilo europeu”.

No período oitocentista, a cidade de São Paulo que era considerada, até certo ponto, pobre e inexpressiva dentro do panorama do Brasil, pode contar com o café que,

[...] logo depois de chegado à zona campineira, trouxe novidades próprias da Revolução Industrial e a partir de 1885, imigrantes em levadas cada vez maiores, somente estancadas com a Grande Guerra de 1914. (LE MOS, 1999, p. 14)

Para a capital tornar-se um centro econômico e político, seu *start* começou através da vinda da ferrovia dos ingleses em 1867, mencionada anteriormente. Expõe Lemos (1989, p.52) “a partir daí são facilmente detectáveis [...] todos os passos relativos à mudança gradual de usos, costumes e comportamentos [...]”. Um exemplo dessas alterações foi o comportamento feminino, pois antes as mulheres saíam apenas acompanhadas de seus pais e maridos, depois elas passeavam desacompanhadas, indo a cafés, lojas e fazendo compras diversas.

Os trilhos assumem papel fundamental no ritmo da cidade e também nas construções. “Transformar a cidade não era apenas substituir a vetusta taipa pelo tijolo, trocar o beiral aparente pela platibanda”. (SEGAWA, 2000, p.15). Ainda ressalta o autor que as mudanças necessárias seriam o rompimento entre os limites do sítio de fundação da urbe.

São Paulo começa assumir paulatinamente, conforme Segawa (2000, p.21), “os ares da metrópole do café. Adormecida em seus três primeiros séculos de existência, a acanhada capital da província despertou de sua sonolência colonial ao barulho do trem”. Contudo, “é verdade que o café nunca fora responsável, sozinho, pela formação de núcleos urbanos [...] especialmente em São Paulo, o foi na medida de sua aliança com a estrada de ferro” (SAIA, 2005, p.209).

“A estrada de ferro, as obras pioneiras de infraestrutura urbana e a chegada dos primeiros imigrantes levaram à fundação de indústrias de bens de consumo [...]” (HOMEM, 1996, p. 63).

Era uma época em que os cafeicultores enriquecidos se concentravam na capital dando início a uma nova etapa urbana, tornando-se a capital dos fazendeiros do café, Homem (1996). Assim, ainda argumenta a autora, que a rede ferroviária facilitou o trajeto que essas famílias de fazendeiros passaram a desenvolver, afinal, os empresários do café dividiam o seu tempo entre a fazenda, na época da colheita e a capital em que residiam e Santos, onde tinham escritório.

“Um trem diário, chamado “trem dos fazendeiros do café”, saía cedo da Estação da Luz levando fazendeiros e comissários a Santos, de onde retornavam à tardinha” (HOMEM, 1996, p. 52).

Era um momento de novos deslumbres, inclusive na arquitetura. O cenário da cidade estava pronto para receber as novidades do ecletismo, que viriam através do crescimento que o café também proporcionou ao porto de Santos, conforme Lemos (1999), este passou a mandar para São Paulo - após o abandono dos portos de São Sebastião, Ubatuba, Macatuba e Parati - as novidades do mundo. A cidade envolvia-se no poder do alto comércio, no eclodir dos empreendimentos imobiliários, lojas, hotéis e restaurantes.

Novos odores poderiam caracterizar os caminhos da cidade, sendo eles dos cafés, das árvores, das lamparinas, dos lixos e do início dos cortiços,²⁶ totalmente envolvidos em insalubridade. Expõe Lemos (1999) que, certa vez, um velho amigo recém-chegado a São Paulo, percebeu que um cego poderia locomover-se através dos cheiros marcantes existentes na cidade, por exemplo, o odor da urina dos cavalos que permaneciam o dia todo na Praça da Sé. Esses odores retratavam

²⁶ Esse tipo de moradia estava cada vez mais comum, pois era bastante rentável aos capitalistas e aos industriais, por dividirem cômodos precários entre inúmeras famílias.

transições entre um passado ainda corrente: o império; e um presente já passado desde a proclamação da República, que agora “ensinava” passo a passo o novo viver em meio às desigualdades, segregações e excessos.

Aos poucos a cidade enquadrava seus costumes e a arquitetura para as classes mais abastadas, “ao viver à francesa”, com ruas arborizadas, palacetes ajardinados, que davam vida ao novo cartão postal da cidade: a Avenida Paulista, inaugurada em 1891 (figura14). A partir daí, os sobrados do período oitocentista vão sendo esquecidos a favor dos novos palacetes ecléticos (ARAGÃO 2011).

Figura 14 - Avenida Paulista em 1902



Fonte: Homem, 1996, p. 186

Se o sobrado representava a tradição, o palacete representava o novo; se o sobrado era um dos tipos de casa já então tipicamente brasileiros, o palacete era a habitação de influência europeia, produzida segundo um programa de necessidades diferenciado, uma técnica construtiva diferenciada, com o emprego de materiais construtivos importados e de acordo com outros padrões estéticos. No espaço urbano denotava a consolidação das mudanças sociais, políticas e econômicas. (ARAGÃO, 2011, p. 255).

Os primeiros palacetes paulistanos continham porão, ornatos neoclássicos, jardim lateral e quartos com janelas que, além da salubridade, proporcionavam às mulheres a visibilidade do exterior e vice-versa. Neste momento, a mulher participava um pouco mais ativamente da vida social, mesmo assim, os palacetes

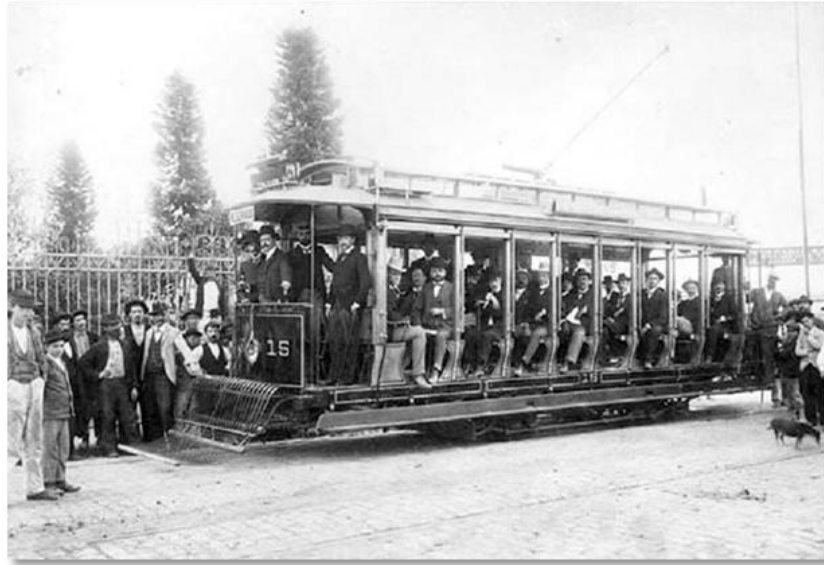
continham áreas de domínios do homem, apresentando ainda resquícios da segregação interna. A maior amplificação da fachada indicava uma das diferenças essenciais entre o sobrado e o palacete, enquanto este se estendia horizontalmente, os sobrados cresciam na vertical mais de um pavimento. O palacete vigorou como a casa urbana, rica e requintada do final do século XIX e início do XX, aponta Aragão (2011, p.256), “a essa altura, o jardim circundava a residência, sendo projetado também segundo as tendências europeias e contribuindo não apenas para a valorização da arquitetura, como para a valorização do espaço urbano”.

As construções aumentavam, conforme Lemos (1989, p. 160), “[...] de 1910 a 1913 houve um enorme surto de construções na cidade, que nada mais foi que uma continuidade ascensional imposta pelo progresso”. Neste momento, além do atrativo café, as indústrias, localizadas na cidade, também atraíam inúmeras pessoas, desde imigrantes até oriundos de outros estados do país.

[...] o ciclo expansivo do café trouxe inevitável aumento de conflitos: excesso de capacidade produtiva, maior organização da classe trabalhadora, conflitos de interesse entre frações da burguesia; alta de preços; reivindicações por mais direitos sociais [...] (CANO, 2012, p.83)

Em meio a esses acontecimentos, ressalta Veríssimo (1999, p. 64), “a cidade cresce e a ferrovia alonga seus tentáculos e povoa áreas antes desconhecidas: os subúrbios”. Com isso, o bonde (figura 15), implantado na cidade de São Paulo, atenderia esse crescimento e também vinha como mais um reflexo do diálogo entre o país e a Europa, em um momento de procura dos mais abastados por novos lotes adequados para a implantação do palacete envolto por jardins. Ao mesmo tempo, os capitalistas também estavam à procura de investir em construções baratas e distantes do centro financeiro e comercial, que atendessem os operários, uma vez que, desde 1890, conforme Segawa (2000), a economia do país assegurava continuidade à especulação e propiciava condições para a atividade da construção e do loteamento.

Figura 15 - Inauguração da linha de bondes Bom Retiro em 12 de maio de 1902



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br/bondes. Acesso em 03 de agosto de 2015.

Assim,

[...] a abundância chegada com o café atraiu muitas e incalculáveis vantagens à sociedade local, mas também fez surgir problemas decorrentes de imprevistos adensamentos populacionais motivados pela descontrolada imigração, de início justificada pela lavoura, mas que acabou satisfazendo demandas urbanas das atividades terciárias e, também, das crescentes secundárias da cidade que se preparava para a industrialização. (LEMOS, 1999, p. 14)

Com essas atuais aspirações, principalmente para atender a burguesia, os “pequenos palácios”, localizaram-se em bairros suburbanos. Desta maneira, muitos bairros, com o intuito de enquadrar essa nova arquitetura isolada no lote, surgem em São Paulo: Consolação, Higienópolis, Jardim América.

O espírito que presidia as primeiras casas térreas do jardim América era o de uma arquitetura que vinha popularizando-se nos Estados Unidos a partir de uma adaptação cultural que as colônias britânicas processaram na Índia desde o século XVII- o bangalô ou bungalow - na origem, um tipo de casa de planta simples e regular, cercada por varandas que sombreavam as paredes. (WOLFF, 2001, p. 188)

Enquanto a burguesia era acalentada por edifícios luxuosos com grandes espaços internos e a presença de jardins ornamentais e climatizados, os menos favorecidos viviam à margem das indústrias, sujeitos a habitações inadequadas.

As habitações burguesas contrastavam com os cortiços onde estavam amontoados os proletários. Com isso, pela primeira vez, aponta Lemos (1989), os programas habitacionais passariam a fazer parte da legislação municipal e, desta maneira, legisla-se sobre as mínimas dimensões dos cômodos. Pensava-se na salubridade das residências, principalmente as destinadas ao aluguel, pois estas estavam diretamente ligadas à especulação imobiliária. A legislação vem tentar atender a um cenário caótico pelo qual passava a cidade em relação à habitação dos operários em geral.

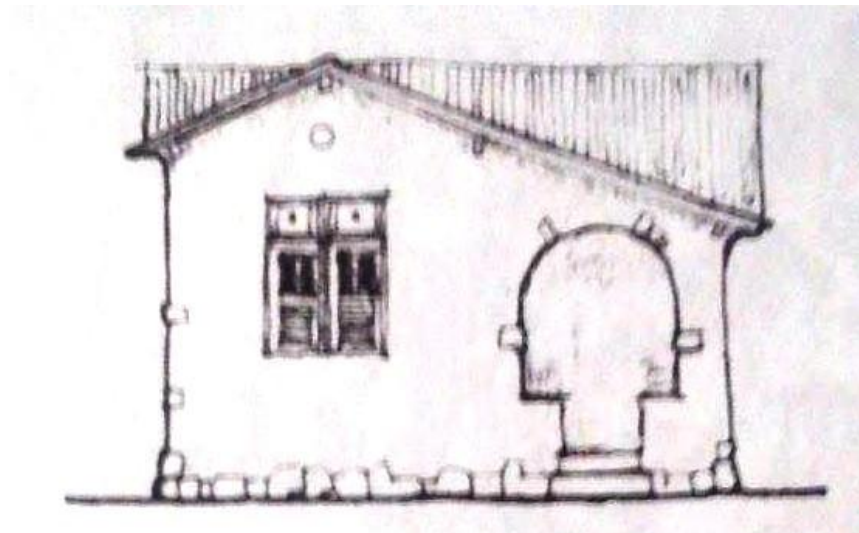
Nota-se que, embora houvesse a preocupação com a salubridade, a prefeitura local não consegue ter o domínio completo da situação e ao mesmo tempo ignorava os palacetes do subúrbio que se localizavam no centro do lote, desobedecendo à exigência de casas no alinhamento, propostas pelo Código de Posturas de 1886²⁷.

Os subúrbios se desenvolviam cheios de requintes e dos mais belos tipos de residências. Vale ressaltar duas vertentes desses belos tipos: o bangalô - que se enquadrava às necessidades da alta classe, mas também foi uma das tipologias utilizadas nas novas vilas operárias, casas de aluguel e casas compradas à prestação para a solução do caos das habitações proletárias – e os palacetes.

²⁷ Na legislação de 1886 passa-se a exigir, para todos os tipos de construção, em qualquer hipótese, porão com altura mínima de 0,50m para que os soalhos fossem ventilados por baixo e ficassem definitivamente afastados da umidade do chão. Já nos cortiços, os porões poderiam ser de 0,20m de altura. Aqui se pode antever certa demagogia, pois o que era bom para a classe média também o deveria ser para o proletariado e, também, não haveria economia alguma naquela diferença de altura. Embora não estivesse explícita no texto legal, já havia a preocupação com a cubagem do ar confinado nos cômodos e, daí o interesse em se fixar pés direitos mínimos: no térreo, no mínimo, 5m a altura livre dos compartimentos, e nos demais pavimentos, pés diretos um pouco menores, 4,88m para o primeiro andar e 4,56m para o seguinte. Assim, as construções de maior altura não seriam menores de 14,44m, com a tolerância que permitia fachadas de até 17m, pois não nos esqueçamos que já era moda o uso de platibandas escondendo o telhado, agora proibido despejar águas pluviais nos passeios. E com a abolição dos beirais do tempo de taipa, a partir de 1886, nasceu a nova tipologia da casa paulistana, novo partido arquitetônico derivado, em resumo, da obrigatoriedade do alinhamento do lote [...]; da obrigatoriedade de porão que às vezes ficava bastante alto, pois nem todos os lotes eram em nível; da obrigatoriedade da platibanda e da conveniência de corredor lateral descoberto que permitisse a iluminação direta dos cômodos. (LEMOS, 1999, p.22)

O bangalô não era considerado um estilo, pois era uma arquitetura de origem vernacular, explica Lemos (1996), que uma arquitetura vernacular estava fora das questões de estilos arquitetônicos, pois era feita originalmente por povos com limitados repertórios de conhecimento e com o uso de materiais disponíveis em cada região. Janjulio (2009) demonstra que diferentes tipologias eram aceitas na época como bangalô. Elas poderiam ser desde um bangalô *cottage*, até mesmo um bangalô californiano ao estilo missões (figura 16) ou um simples bangalô avarandado e menos sofisticado que era, na maioria das vezes, voltado à classe média.

Figura 16 - Bangalô em estilo missões



Fonte: Veríssimo, 1999, p.73

No período da Primeira Guerra,

[...] nossa economia sofreu abalos e nossa balança comercial passou a ficar dependente cada vez mais de acordos com os Estados Unidos que se tornaram, inclusive, intermediários das nossas importações e exportações devido aos boicotes marítimos e dificuldades várias de comunicação. (LEMO, 1989, p. 164)

A década de vinte traz com ela, menciona Veríssimo (1999, p.67), “uma discussão formal e estética de um mundo em ebulição”, um mundo que acabara de passar pelos abalos econômicos da Guerra. Foi um tempo em que se buscava algo

moderno²⁸ e o neocolonial²⁹ tenta atender a essa necessidade. Junto ao “neocolonial lusitano” aparece também, de acordo com Atique (2007), o denominado “estilo missões”, ou “*estilo misiones*”, ou “Californiano”, ou “estilo missão hespanhola”, ou “bangalô Californiano”, que remetia a uma arquitetura colonial da Espanha desenvolvida nos Estados Unidos.

Neste tempo, coloca Saia (2005), que a aquisição de revistas³⁰ e o cinema norte-americano tornavam-se mais comuns, trazendo para a cidade de São Paulo verdadeiros arranjos californianos expressados pelo estilo missões³¹. Neste viés, são encontrados no Brasil, bangalôs com caráter mais californiano do que europeu, embora, segundo Veríssimo (1999), ele fosse tido como uma das vertentes europeias que ainda perduravam.

Em nosso país são encontradas inúmeras tipologias para o bangalô, ele pode se assemelhar às características britânicas representadas por um caráter mais linear avarandado ou até mesmo mais compacto remetendo às particularidades cottage; também bangalôs de dois pavimentos mais presentes nos Estados Unidos e estes poderiam ser térreos e conter uma roupagem em estilo missões. Vale ressaltar, que da mesma forma o Brasil atribuiu ao bangalô elementos que lhe dessem um caráter peculiar brasileiro, ou seja, aos poucos os bangalôs observados no exterior começaram a moldarem-se e a tornarem-se mais urbanos, menores, mais compactos, vislumbrando lentamente a questão da salubridade, enquadrando-se na malha urbana de maneira tão agradável que parecem ter surgido ali.

²⁸ [...] ser moderno nos anos vinte, significava prezar o nacionalismo e a tradição e apesar das propostas modernizadoras encontradas nesse período, esse vocabulário ganha significado e se expande por toda a década, chegando mesmo aos anos quarenta, já com versão popular, recebendo reflexos da então emergente indústria cinematográfica americana. (VERÍSSIMO, 1999, p. 70).

²⁹ Conforme Lemos (1989), o neocolonial surge da ideia de recuperação da nossa tradição arquitetônica, mas que na realidade era uma arquitetura com a cara da arquitetura colonial de Portugal, ainda comenta que, devido a isso, o uso do termo “neocolonial” seria até impróprio.

³⁰ Neste tempo assim como nos Estados Unidos revistas de decoração chegam ao país devido ao grande interesse das mulheres em informações e conselhos para suas casas. (JANJULIO, 2009).

³¹ O termo *Mission* tem profunda ressonância. Ele sustenta o mito de que as missões espanholas foram um grande capítulo na história da colonização americana, ao invés da exploração vergonhosa e dizimação de uma população nativa. Importante também era a maneira como o termo nitidamente se encaixava com a ideologia do movimento *Arts and Crafts*. Esta combinação de moralidade e marketing foi capitalizada por jornais e revistas (KAPLAN 2004, p.273 apud JANJULIO 2009, p. 122).

No âmbito da cidade de São Paulo, o “bangalô urbano” menor e mais compacto (figura17), surge como um atrativo aos novos casais da classe média, e segundo os anúncios dos engenheiros Freire e Sodré mencionados por Janjullo (2009), os bangalôs seriam uma tentação, pois sua compra poderia ser dividida em inúmeras parcelas, o que facilitaria a vida do comprador para ter a casa própria.

Figura 17 – Bangalôs urbanos e menores. Localizam-se respectivamente no bairro Perdizes, na Zona Leste, e Vila Ipojuca

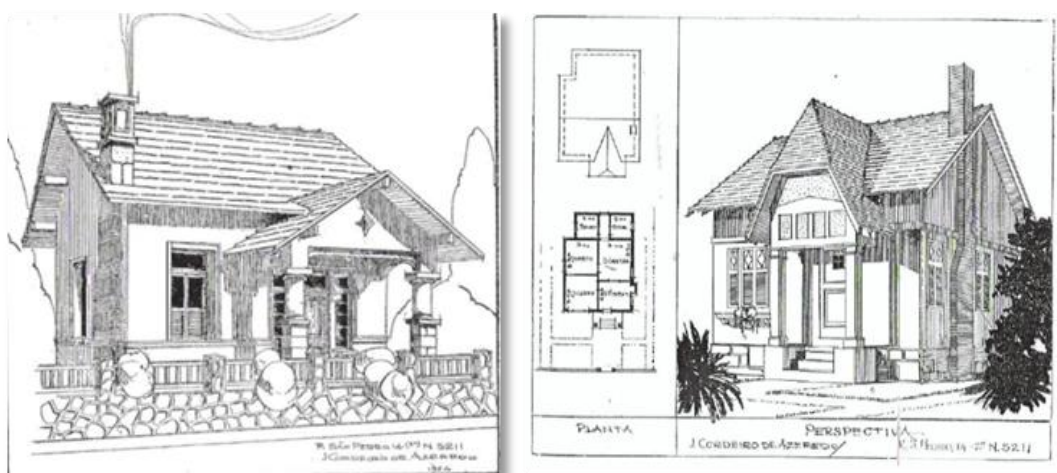


Fonte: Campos, 2008, p.99; www.saopauloantiga.com.br. Acesso em 12 de julho de 2015.

O interesse dos arquitetos e empreendedores era tentar chamar a atenção tanto da classe média quanto da mais abastada para que comprasse esta nova maneira de morar, que poderia atender tanto ao requinte, quanto à simplicidade (figura 18). Essa habitação que, assim como a eclética, estava imbuída da influência europeia e norte-americana, aos poucos foi adaptando-se ao Brasil e tendo

evidências bem peculiares, inclusive em cidades do interior paulista, quando destinada à classe operária, nas vilas ferroviárias.

Figura 18 - Bangalôs destinados à classe média. Elaborados pelo arquiteto J. Cordeiro de Azeredo. É possível notar seu caráter voltado ao *cottage*. Esses bangalôs estavam presentes na revista “A Casa”, 1924.



Fonte: Janjullo, 2009, p. 240 e p.243

Embora os bangalôs tenham sido construídos em inúmeros estados brasileiros, como Paraíba, Rio de Janeiro e Paraná³², o enfoque desta pesquisa passa apenas pela cidade de São Paulo, por ser, naquele momento, influente no desenvolvimento do país e a capital do estado onde se encontra Bauru, cidade objeto deste trabalho.

³² Em Curitiba os bangalôs não se limitaram apenas às classes mais ricas da população, mas também às classes média e pobre localizadas nas áreas mais distantes do centro, porém com suas proporções reduzidas.

2. BANGALÔS, OS BAIRROS E A CIDADE.

2.1 Bangalôs no bairro Jardim América

Em 1911, foi instalada a *Cia. City of Sao Paulo Improvements and Freehold Land Company Ltd*³³ que favoreceu um grande empreendimento imobiliário e urbano em uma cidade que ainda não havia vivenciado nada parecido. Para tamanho empreendimento contou com os arquitetos britânicos Richard Barry Parker e Raymond Unwin, habituados a desenvolver projetos de bairros jardim na Inglaterra. Parker pleiteava novas mudanças, ele dizia que uma casa precisava de cômodos onde se pudesse viver livremente, de maneira simples, singela, que os pisos fossem sem tapetes, as madeiras sem pintura, havendo mais tempo para pensar e ensinar os filhos. (JANJULIO, 2009)

Parker e Unwin estavam em busca de romper com os exageros e com a vida enclausurada em pequenos, fechados e lotados cômodos, geralmente presentes na arquitetura vitoriana. Ambos baseavam-se nas ideias de Ebenezer Howard que idealizava a união do campo/cidade, ele dizia que:

O campo é a fonte de toda a saúde, de toda a riqueza, de todo o conhecimento. Mas ao homem não foi revelado conhecê-lo na plenitude de sua alegria e sabedoria, e isso nunca poderá ocorrer enquanto perdurar essa infeliz e antinatural separação entre sociedade e natureza. Cidade e campo devem estar casados, e dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização. (HOWARD, 1996, p. 110).

Parker ansiava por novos costumes, novo modo de viver, sem fazer com que seus clientes buscassem ostentações errôneas que as residências causariam em outros familiares, amigos, vizinhos. Era nesta questão que o arquiteto iria desenvolver seu papel fundamental: saber mostrar aos seus clientes a sua verdadeira necessidade e não se aterem a meras convicções. (JANJULIO, 2009).

Sua formação e primeiros anos de atividade profissional vão estar mergulhados na arquitetura arquitetônica britânica de final do século XIX, marcada pelo movimento *Arts and Crafts*, mas também pelos estilos da

³³ Wolff (2001, p.53)

época, como o *Queen Anne* [...] ou o *cottage style*, que caracterizará uns dos inúmeros tipos de habitação para trabalhadores projetados no período. (ANDRADE, 1998, p.6).

“Sabemos que só pode existir um modo certo de trabalhar que é construir de forma simples e direta, pois só assim serão bem atendidas as funções e as necessidades.” (PARKER 1986, p. 37 apud JANJULIO 2009, p 72.). Tanto Parker quanto Unwim faziam parte de uma linha de arquitetos que aspiravam mudanças nos projetos residenciais britânicos e no modo de vida. Atraídos pelo movimento *Arts and Crafts* defendiam a ideia da utilização dos materiais disponíveis em cada região e o emprego de tijolos aparentes, para que estes com suas cores e texturas naturais pudessem compor a nova e bela arquitetura.

Os dois arquitetos se empenharam em construções de cidades-jardim³⁴ num primeiro momento, conforme mencionado anteriormente, em Letchworth e depois Hampstead, que significaram, conforme Hall (1988), uma guinada decisiva para a questão tanto da cidade-jardim - Letchworth - quanto do subúrbio-jardim – Hampstead³⁵. Passados dez anos, projetaram para *Cia. City* alguns bairros-jardim em São Paulo, inclusive o Jardim América no início do século XX.

Segundo Andrade (1998), dos projetos elaborados por Parker, é notória a existência de um processo de transferência recíproca de concepções arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas entre Europa, Estados Unidos e Brasil.

O Jardim América foi o primeiro projeto imobiliário brasileiro baseado no conceito de cidade-jardim. Deste modo,

O conceito genérico de cidade-jardim consagrou-se associado a uma terminologia que transita pelos termos cidade-jardim e subúrbio-jardim de maneira nem sempre precisa. A rigor refere-se a núcleos urbanos que buscam viver independentes de outras cidades e que surgiram dentro de uma perspectiva de planejamento com finalidades sociais amplas e um espírito que buscava reunir cidade e campo num todo orgânico. [...]

³⁴Conforme Andrade (1998), Letchworth e Hampstead foram exemplos de integração entre as casas, o traçado das ruas; pátios abertos e jardins.

³⁵ As cidades-jardim e subúrbios-jardim eram núcleos urbanos que procuravam ser unidos ao campo. A cidade-jardim tinha o intuito de ser independente de outra cidade, porém o subúrbio-jardim ou bairro-jardim era ligado a cidades já existentes. (WOLFF, 2001)

Subúrbios-jardins caracterizavam-se mais como extensões, conectadas com o tecido urbano ou não, mas viabilizadas pela sua relação de dependência com uma cidade preexistente (WOLFF, 2001, p.23).

Uniam-se dois pontos: a vontade que a classe mais abastada tinha de morar na cidade com padrões europeus e a busca da união campo/cidade, uma vez que a cidade, já industrializada, passava por turbulentas questões de poluição e falta de moradia aos menos favorecidos, que muitas vezes eram operários.

As casas do Jardim América eram isoladas no lote, cada uma interagiu com o entorno repleto de jardins, se uniram, conforme Wolff (2001), à casa rural, à vernacular inglesa, cottage, ao chalé suíço, à arquitetura residencial do movimento *Arts and Crafts* e ao bangalô, tendo como resultado um bairro com grande variedade arquitetônica.

O movimento *arts and crafts*

[...] atingiu, na América, sua maior popularidade de forma mais pragmática, sem a carga ideológica da Inglaterra. E o maior símbolo desta democratização do movimento foi o bangalô. Os Bondes tornaram possíveis os novos subúrbios de classe média e o bangalô encontrou ali seu lugar. Uma nova arquitetura doméstica. (JANJULIO, 2009, p.239)

O bangalô tornou-se uma tipologia cada vez mais utilizada. Era muito procurado por ser considerado uma arquitetura despojada, à qual era agregada a relação entre campo e cidade, rural e urbano, edifício e jardim. Ele também se insere na terra da garoa pela influência de Barry Parker e Unwin, no recém-loteado bairro: Jardim América. Wolff (2001) coloca que, nesse bairro, verificavam-se que as construções não eram semelhantes à casa tipicamente inglesa nem à arquitetura brasileira, mas a uma produção com elementos e influências de ambas as arquiteturas.

Contudo, o bangalô, na maioria das vezes, era o exemplo das casas térreas no Jardim América,

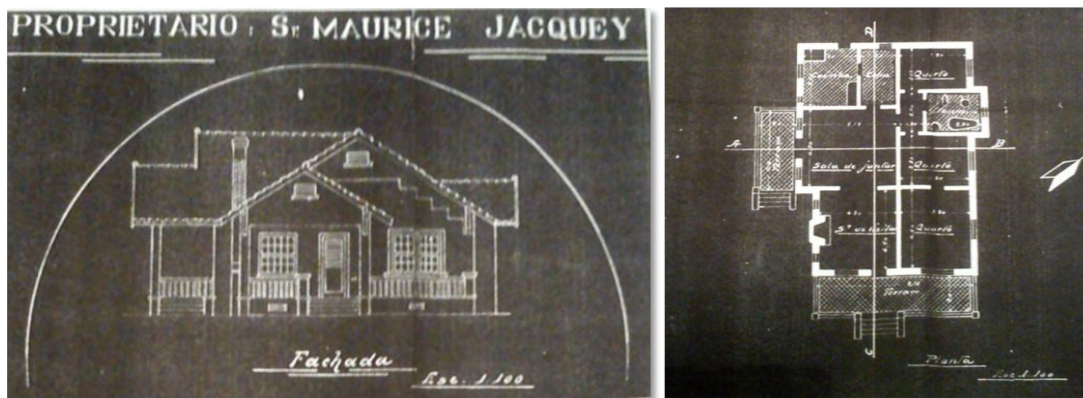
O padrão de simplicidade podia implicar ainda a existência de uma grande sala que centralizava a construção e que cumpria o múltiplo papel de receber as visitas, reunir a família e organizar os fluxos entre os três setores da casa, superpondo-se à função do hall. (WOLFF, 2001, p.190).

É dentro deste viés, conforme Janjullo (2011, p.48), que “uma nova cultura, que se expressava, não apenas em termos econômicos, sociais e políticos, mas também espaciais, deixava sua marca nas cidades e na maneira de viver de seus habitantes”. (figura 19).

A tipologia do bangalô seria “limpa”, sem muitos ornamentos, como reflexo de um momento em que o sanitarismo estava sendo discutido e aplicado, e, assim, o bangalô vem atender algumas destas necessidades, especialmente na ventilação do edifício.

Os bangalôs suburbanos, segundo Janjullo (p.54, 2011), eram “refúgios abertos a jardins e fechados à cidade, próprios para seu “novo” habitante, morador de pequenas casas e recluso em seu subúrbio-jardim, o “oásis” na metrópole”.

Figura19 - Projeto bangalô Jardim América



Fonte: Wolff, 2001, p. 203

Ao mencionar o “oásis” da metrópole, é perceptível a busca dos abastados ou até mesmo da classe média, por novos ares, visto que a cidade tornava-se um ambiente hostil para se viver.

Assim, o “oásis” buscado pelos mais abastados, chega aos operários, que encontram no bangalô simples e aconchegante uma nova forma de morar.

2.2 O contraponto: cortiços x subúrbio

O café havia promovido o *status* da arquitetura residencial apalacetada e o inchaço urbano, com isso, grande parte da população ficou à mercê de habitações insalubres.

O crescimento das cidades era visto como algo que teria agravado suas condições sanitárias, aumentando o volume de lixo e de dejetos produzidos e, sobretudo, acentuando o amontoamento de edificações³⁶ de indivíduos, que impedia uma ampla circulação do ar, das coisas e pessoas, e a penetração da luz e dos raios solares nas ruas e casas. (CORREIA, 2004, p. 13).

Era necessário solucionar essa problemática, contudo, a ação do poder público na produção de moradias para os operários foi quase nula, devido às características da economia agrário-exportadora que favorecia o investimento privado na habitação de aluguel. (BONDUKI, 2012).

A busca incessante de capitalistas por novas casas de aluguel tornava-se mais comum, assim, muitos sobrados antigos, entre outras moradias, eram alugados aos operários, que viviam de forma precária, dividiam os mesmos cômodos, sanitários, compartilhavam igualmente o modo de vida. Até as doenças, foram espalhando-se por conta da falta de preocupação com as questões sanitárias. A essas residências - muitas feitas em áreas alagadiças, com materiais de baixa qualidade - deu-se o nome de cortiço³⁷.

O cortiço insalubre começava a compor o cenário da cidade, onde nunca se imaginou que chegasse. Argumenta Lemos (1999, p.14) “que a carência de moradia se agravou ao desespero, fazendo surgir o cortiço promíscuo e insalubre nunca imaginado por essas bandas”.

³⁶ [...] a moradia do pobre foi vista como local impróprio à saúde e à virtude; como lugar sujo e desconfortável, propício à geração de doenças e à transmissão de epidemias; como ambiente imoral e desagradável, que corrompia seus moradores[...] (CORREIA, 2004, p. 3).

³⁷ “[...] casa de abelhas, com seus alvéolos repetidos à exaustão; e as primeiras construções aproveitando os fundos dos grandes quintais, onde havia a repetição monótona de cubículos [...]” (LEMO, p. 15, 1999).

Desde 1886 o Código de Posturas tentava solucionar a questão da moradia dos cortiços e casas operárias inadequadas, em seu capítulo IV estava regulamentado que,

[...] deveriam possuir necessariamente um jardim fronteiro graças ao recuo que garantisse 30 m² livres. Aliás, essa exigência não havia para todos os lotes do perímetro urbano, parecendo ser ali facultativo o jardim de frente. [...] ainda exigia uma torneira ou um poço de água do tanque de lavar roupas, um para cada grupo de seis casas. Deveria haver uma latrina para cada duas habitações. Se térreas, as casas deveriam ter 4,00m de pé direito, sendo tolerados 3,50m de altura para os pavimentos assobradados. Cada habitação deveria possuir, pelo menos, três cômodos e todos eles com aberturas para o exterior, “de modo que dispunham amplamente de ar e luz”. (LEMOS, 1978, p.66).

Assim, “as limitadas iniciativas do Estado no campo da habitação para os trabalhadores surgem no marco das grandes transformações resultantes do advento do trabalho livre e da República.” (BONDUKI, 2012, p. 19).

“[...] a República deflagrou grande esforço modernizador e, pela primeira vez, introduziu nos códigos exigências ligadas à higiene, sobretudo a da habitação. A lei entrou dentro de casa, não ficando só nas veleidades estéticas dos frontispícios.” (LEMOS, 1999, p.17).

Em 1894 o Código Sanitário Estadual proíbe a construção de cortiços e sugere a extinção dos existentes; ato louvável, porém de difícil fiscalização, por ser esse tipo de construção alvo de investimento dos especuladores que recebiam o máximo de rendimentos.

Em 1896 a Lei nº 286, Artigo 13º: “entendia-se por cortiço o conjunto de duas ou mais habitações que se comuniquem com as ruas públicas por uma ou mais entradas comuns para servir de residência a mais de uma família”.

Era um momento de difícil fiscalização, devido à alta demanda de moradias necessárias para atender a carência da população, entretanto, apenas os trabalhadores que ganhavam melhor poderiam pagar pelas moradias higiênicas, os demais, ainda sem escolha, tinham que habitar nos cortiços.

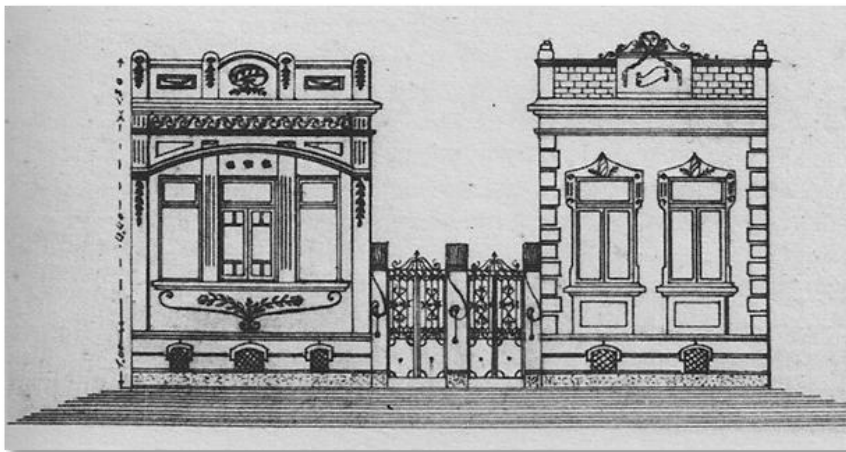
O Decreto Estadual 2.141 de 1911 cria o Serviço Sanitário do Estado, em que não mencionava a palavra “cortiço” e sim “habitações coletivas”, que funcionaria

como disfarce, definindo-as como: “casas que abrigassem ou servissem de dormitório, ainda que temporário, a várias famílias ou a muitas pessoas de famílias diferentes”. Ainda exigia-se que houvesse, no mínimo, uma latrina para cada grupo de vinte indivíduos e, também, banheiros e lavabos indispensáveis. Afinal, “as imagens de sujeira, aglomeração intensa [...] traduziam um ambiente responsabilizado por uma pretensa degradação e desmoralização dos trabalhadores.” (CORREIA, 2004, p. 5).

Ao mesmo tempo, a criação do Jardim América na segunda década do século, tornava-se um contraponto a essa realidade da metrópole. “A guerra, o crescimento do proletariado, as primeiras greves operárias, a falta de habitação [...]” (SEGAWA, 2000, p.128) eram o que marcava o momento.

A cidade passou por um período - devido à Primeira Grande Guerra - em que até os capitalistas investidores de casas de aluguel, visando novas aplicações mais rentáveis, abandonaram esse tipo de investimento, em razão da crise da habitação, que ocorrera devido ao encarecimento do material de construção³⁸. (figura 20).

Figura 20 - Casas de aluguel para a classe média com entrada lateral.

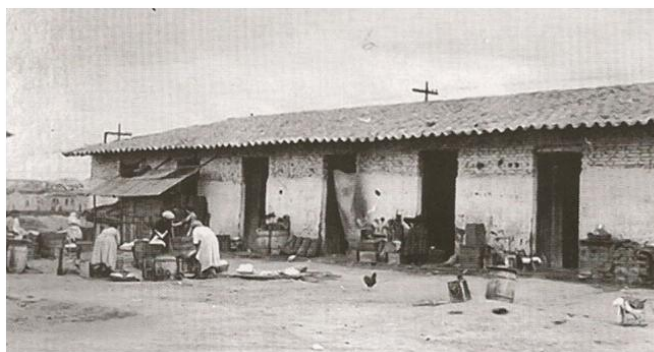


Fonte: Lemos, 1989, p. 79

Essa situação vai tornando-se cada vez pior com o aumento da população e a diminuição da construção civil. Na época da Primeira Guerra, os cortiços (figura 21) estavam mais abarrotados de famílias que não tinham onde morar. Eram repletos de pestilências e faltava um plano de necessidades.

³⁸ Segawa (2000, p. 128)

Figura 21 - Cortiço Moóca, em São Paulo.



Fonte: Correia, 2004, p.6

Enquanto os grandes palacetes continham inúmeros cômodos, cada um destinado a uma função e necessidade, os cortiços tinham, muitas vezes, um único cômodo dividido para mais de uma família, que usava do espaço externo para cozinhar, lavar suas roupas, sendo os banheiros coletivos. O palacete Vila Penteado (figura 22) compreendia desde os dormitórios de empregadas aos de governantas; dos quartos de vestir aos da rouparia, da sala de jantar à sala de bilhar. Enfim, uma única família usufruía os mais completos planos de necessidades.

Figura 22 - Vila Penteado, aquarela de 1902.



Fonte : Homem, 1976, p.57

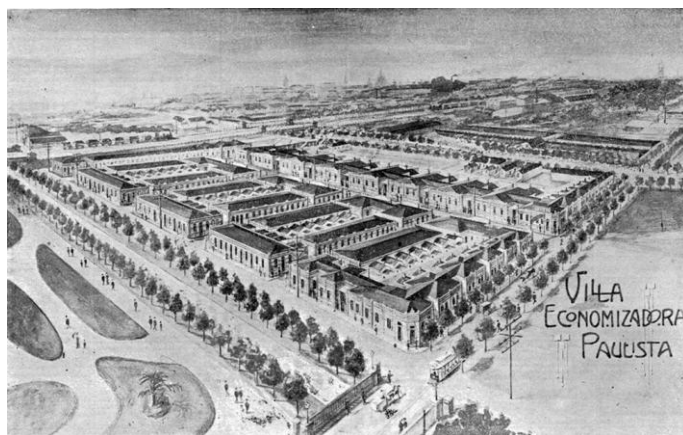
Em meio a este cenário caótico em relação às moradias destinadas aos operários, que moviam as indústrias e a riqueza dos industriais, foram criadas vilas (figura 23) com o intuito de melhorar a salubridade das cidades e “extinguir” os cortiços. Ressalta Aragão (2011), com a intenção de combater os cortiços, que eram focos de epidemia, o governo estimulou a construção desses edifícios proletários, oferecendo incentivos fiscais aos construtores.

“[...] industriais, empresas de mineração, companhias ferroviárias e empresas imobiliárias estiveram envolvidas na construção de casas salubres e baratas para proletários, a partir, sobretudo, da década de 1890.” (CORREIA, 2004, p.39).

As vilas construídas sem componentes pré-fabricados eram artesanais e desenvolveram tipologias arquitetônicas novas, que se baseavam na economia, salubridade e racionalidade. (BONDUKI, 2012).

A vila operária quase sempre era composta por residências geminadas, térreas ou sobrados e, além das habitações dos operários, poderiam conter escolas, igrejas, farmácias, armazéns, creches que serviriam às necessidades³⁹ dos proletários ali residentes e essas benfeitorias eram uma maneira de controlar a vida dos operários (BONDUKI, 2012). Essa foi a primeira iniciativa de habitação coletiva feita no Brasil. Aqui, “o modelo preconizado de moradia operária seguia as mesmas diretrizes do europeu; também se tratava de conceber casas salubres, cômodas, sólidas e econômicas.” (CORREIA, 2004, p.32).

Figura 23 - Vila Economizadora – exemplo de vila criada para solucionar a insalubridade da habitação alugada, destinada aos operários.



Fonte: www.saopauloantiga.com.br. Acesso em 12 de julho de 2015.

“A casa da vila era a casa higiênica em oposição ao cortiço” (ARAGÃO, 2011, p.257). Todo e qualquer conjunto de residências destinadas aos proletários deveria seguir as normas de dimensões mínimas e de higiene.

³⁹ Conforme Correia (2004, p. 32), “A criação de aparelhos coletivos de salubridade é outro momento central na criação do habitat moderno” que seria entendido como uma nova abordagem higiênica às casas dos trabalhadores.

E é nessa busca por tentativas de melhorias nas residências operárias (figura 24), que se notam inúmeras vilas, principalmente ferroviárias – em várias regiões do país - compostas por bangalôs, afinal, conforme aponta Correia (2011), da mesma forma que o pitoresco adentrou os subúrbios burgueses no final do século XIX e início do XX, ele também penetrou no cenário de muitas vilas operárias e os bangalôs evidenciam isso. Além do mais, os bangalôs atendiam às questões de praticidade de execução, presença de recuos, contribuindo não só financeiramente, graças a sua simplicidade construtiva, como também era considerado uma habitação higiênica.

Figura 24 - Exemplo da vila operária com bangalôs em Curitiba.



Fonte: vidadmaquinista.blogspot.com. Acesso em 22 de novembro de 2015;
www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/ferrovia-130-anos/a-rede-ferroviaria.jpp.
Acesso 22 de abril de 2016.

2.3 A cidade Bauru

“O processo de desbravamento do oeste de São Paulo, foi relativamente rápido. É claramente demonstrado pelo grande número de cidades fundadas no território paulista em fins do século XIX.” (GHIRARDELLO, 1992, p. 37).

Bauru teve sua formação inicial no período de desbravamento do interior do Estado de São Paulo. Seu embrião urbano nutria e garantia segurança para as ocupações de terras rumo ao oeste do estado por volta da segunda metade do século XIX. (LOSNAK, 2014, p.646)

Por estar em uma posição estratégica, quase ao centro do estado, passavam por suas terras, desde o século XVIII, bandeirantes destinados a chegarem a Mato Grosso e a Goiás em busca de ouro. Neste momento, o local ainda era ocupado pelas tribos indígenas caingangues, guaranis e bauhuz.

Em seguida, no século XIX, muitos mineiros vinham para a região, pois estavam desiludidos com as lavouras de Minas, ou eram expulsos, devido à decadência das lavras. Deste modo, procuraram trabalhar nas lavouras de café e alguns se embrenharam sertão adentro à procura de terras próprias.

Com isso, vieram de Minas Gerais, os pioneiros, a partir de 1850, em busca de novas possibilidades, pois sua província encontrava-se em crise econômica, acarretada pela decadência da mineração. Ainda se empenharam a desbravar os sertões para não se sujeitarem ao alistamento militar ocasionado pela Guerra do Paraguai⁴⁰ (1864-1870), chocando-se com os índios estabelecidos na região. (MONBEIG 1984)

A chegada dos mineiros ao território de Bauru não foi algo pacífico, afinal, ali estavam instaladas tribos indígenas que sofreram inúmeros ataques dos colonizadores, que desbravaram o local e o colonizaram.

Reforça Fontana que, (2003, p. 8) “os nativos da região foram praticamente ignorados pela referida lei de 1850 e pelos próprios conquistadores, que não se intimidaram com os intensos confrontos branco-índio”.

⁴⁰ Em busca de conquistar terras na região da Bacia do Prata, para obter uma saída para o Oceano Atlântico, o Paraguai luta contra a Tríplice Aliança formada por Brasil, Uruguai e Argentina.

Os Caigangues que não foram mortos de forma violenta pelo colonizador, já que era uma luta de arco e fecha contra armas de fogo, o foram por intermédio de doenças exóticas contraídas, que chegaram a dizimar tribos inteiras. GHIRARDELLO (1992, p.44)

Menciona Fontana (2003) que, na corrida em busca das terras devolutas, foi registrado um grande movimento migratório de mineiros que procuravam novas fontes de subsistência.

Em meio a disputas, divisões e doações de terras, começa surgir a vila de Bauru, que passou a abrigar os novos moradores, que seriam os parentes dos mineiros colonizadores. Esta vila era subordinada ao município de Espírito Santo da Fortaleza, localizado perto de Agudos. E assim, como outras cidades do interior paulista, formou-se a partir de um patrimônio religioso.

Felicíssimo e Antônio Teixeira do Espírito Santo foram os primeiros mineiros a se estabelecerem nas terras da futura Bauru. Formaram a Fazenda Água do Sobrado e a Fazenda das Flores.

Em 1856, Felicíssimo Antonio de Sousa Pereira, procurou garantir a posse de suas terras compradas de Luís Francisco Gomes, registrando um documento no cartório de Botucatu. Pela primeira vez o nome de *Bauru* aparece em um documento oficial. O processo de delimitação adotado era o da *aguada*, pois era mais fácil definir suas terras em função de um regato, principalmente para um criador. Para um lavrador, a parte alta do terreno, o espigão, era o mais importante. Era apenas uma fazenda: A fazenda das Flores que posteriormente foi desmembrada e doada à igreja uma parcela, ficando conhecida como arraial de São Sebastião de Bauru. (CONSTANTINO, 1998, p.3)

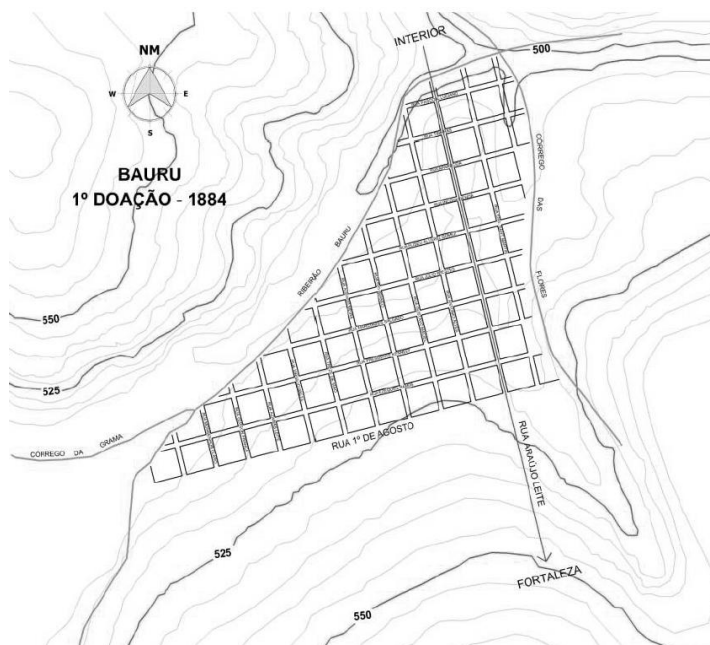
Antônio Teixeira do Espírito Santo doou⁴¹ parte de sua Fazenda⁴² das Flores a São Sebastião que era o seu santo devoto. (PEREGRINA, 1991). O patrimônio foi

⁴¹ 57 ha e 25 ares (CONSTANTINO, 1998).

⁴² Fazenda adquirida em 1855, do posseiro João Batista Monteiro.

doado em 1884, e como tradição, denominou-se São Sebastião do Bauru por localizar-se próximo ao curso d'água cujo nome era Bauru⁴³ (figura 25).

Figura 25 - Traçado Urbano de Bauru, primeira doação, 1884.



Fonte: Gulinelli, 2015, p.56.

A figura do centro original do patrimônio da primeira doação remetia a um triângulo cujas divisas eram dois cursos d'água, Ribeirão Bauru e seu afluente Córrego das Flores, que se encontravam ao norte.

A partir daí, segundo Oliveira (2008, p. 10), “de uma região conhecida como “boca” do sertão paulista em 1834, o então povoado foi elevado a município em 1896 surgindo, assim, a cidade de Bauru”.

A vila foi prosperando, pois chegaram novos migrantes de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. E nesta época, em 1888, radicou-se à vila, Azarias Ferreira Leite⁴⁴, que, posteriormente, foi responsável pela emancipação de Bauru.

Enquanto os imigrantes bauruenses estavam lutando para a emancipação do município, podem-se destacar importantes marcos na história nacional,

⁴³ As denominações dos lugarejos, a maioria das vezes, se davam a partir do nome do santo devoto seguido por um acidente natural marcante da região.

⁴⁴ Azarias Leite foi uma figura fundamental para a emancipação da vila e também foi presidente da Câmara nos primeiros anos do século XX. (PAIVA, 1975).

como a República, proclamada por Manuel Deodoro da Fonseca em 1889 e a primeira Constituição da República, por Floriano Peixoto, em 1891. (FONTANA, 2003, p. 9).

As primeiras edificações foram construídas junto à estrada que ligava a boca do sertão até Fortaleza e Lençóis, depois denominada Rua Araujo Leite. Eram construções muito simples em taipa de mão ou mesmo tijolos, de padrão vernacular, com muitas semelhanças às moradias coloniais, pois foram trazidas para a cidade pelos primeiros moradores mineiros, ainda no século XIX.

O município desenvolvia-se lentamente, não possuía repertório colonial, por causa do período de formação da cidade, nem mesmo quaisquer tipos de residências mais ornamentadas que eram encontradas na capital em meados do século XIX,

[...] ainda não se observava qualquer referência ao ecletismo. Através das poucas fotos das construções da época, percebe-se a influência do elemento mineiro de residências simples dentro de um determinado padrão estético, vindos como uma resistência da tradição colonial num tempo de república. Algumas edificações eram de tijolos cobertos com telhas e outras feitas em taipa ou madeira, cobertas com sapé. (FONTANA, 2003, p.11) (figura 26).

Figura 26- Construções simples de tijolos cobertas com telha e de taipa cobertas com sapé. Primeira foto da cidade de Bauru, tirada pela Comissão Geográfica em 1905.



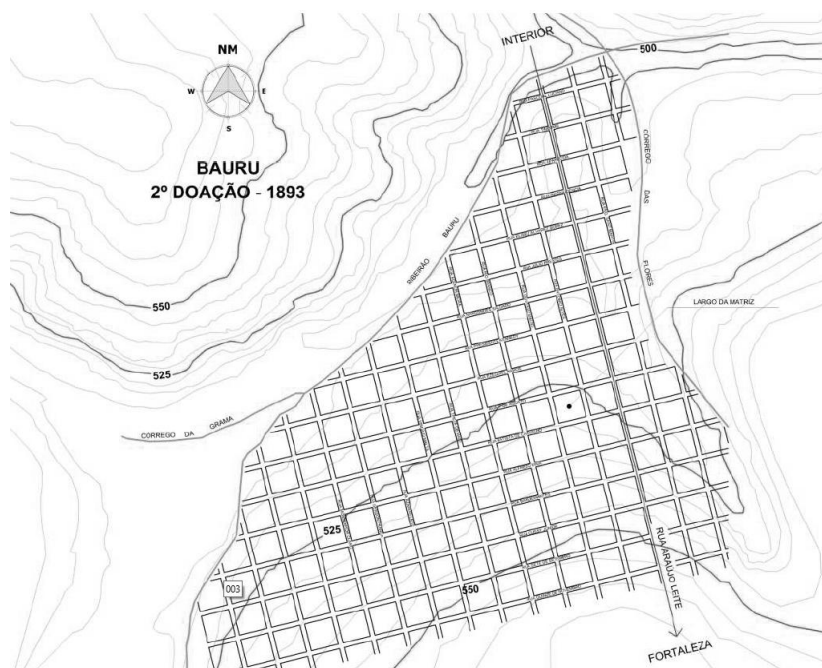
Fonte: Museu Histórico de Bauru, 2016.

“O arruador para demarcação do traçado urbano só vai ser indicado quatro anos depois da doação do patrimônio [...]” GHIRARDELLO (1992, p.52), ele tomou como base a primeira estrada que ligava o lugarejo Bauru à Fortaleza, onde se iniciou a povoação urbana. E, em sentido norte-sul, delimitou-se pela Rua Azarias Leite e, em sentido leste-oeste, a Rua 1º de Agosto, e esta foi a marcação da primeira doação. (figura 27).

Vicente Ferreira de Farias foi indicado para arruador do município em abril de 1888. O Código de Posturas de 20 de dezembro de 1897 colocava que as ruas que fossem abertas deveriam ter 16 metros de largura e as avenidas 25 metros. Esta legislação foi posterior ao traçado original, sendo provavelmente baseada em normas de outras cidades. A Lei n.01 de 19 de fevereiro de 1906, em seu artigo 5, estabelece que as quadras deverão ter 88 metros em quadro, as praças com a mesma largura do quarteirão e as ruas com 20 metros e 17,60 metros de largura. (CONSTANTINO, 1998, p.2)

Só em 1893, o filho de Felicíssimo, Veríssimo Antônio Pereira, doa à igreja mais 134 hectares e 80 ares de Terra da Fazenda Grande, que se localizava nas proximidades do patrimônio.

Figura 27 - Traçado Urbano de Bauru, segunda doação, 1893.



Fonte: Gulinelli, 2015, p.58

“De 1887 a 01 de agosto de 1896⁴⁵ Bauru estava subordinada à Espírito Santo da Fortaleza. A velha estrada que ligava Bauru à Fortaleza propiciou a formação da primeira rua da comarca de Bauru, onde surgiram as primeiras casas.” (CONSTANTINO, 1998, p.2).

Em agosto de 1896, é decretada a Lei nº 428:

Art. 1º: O município do Espírito Santo de Fortaleza passa a denominar-se Bauru, mudando sua sede para esta última povoação.

Bauru manifestava-se como cidade de passagem, de forasteiros, sem muito tradicionalismo e raízes⁴⁶. Implantada em terreno arenoso, que não propiciava a constituição de uma forte sociedade agrária, como algumas da região continham, eram elas: Jaú, Bocaina, Mineiros do Tietê e outras ao redor.

“Nos anos oitenta do século XIX, o café atinge em escala ascendente a região de Jaú, Brotas, São Carlos, Ribeirão Preto, e, mais ou menos, dez anos depois, transpõe o rio Tietê, atingindo Botucatu, São Manoel e Lençóis” (GHIRARDELLO 1992, p. 56).

Tamanha era a abrangência do café no interior do estado, que este se desenvolveu, além das terras roxas, aos solos arenosos, isto é, embora Bauru estivesse localizada em solo arenoso, suas terras também produziram café por algum tempo.

Bauru contava com vastas plantações de café, que produziam em escala, por se aproveitarem do húmus advindo da floresta original existente sobre o solo arenoso, devido a isso, Fortaleza, a sede do município, foi perdendo poder mais ainda pela aprovação da vinda da ferrovia a Bauru. Esse fato contribuía negativamente ao município, que mantinha sua população estagnada enquanto a de Bauru crescia.

Conforme a ferrovia adentrava o estado buscando café, mais plantações iam surgindo em suas proximidades até atingirem o Paraná. Em 1887, chegavam os

⁴⁵ Dia da emancipação de Bauru.

⁴⁶ Fontana (2003).

trilhos da Paulista a Jaú⁴⁷, vindos da região de Rio Claro e a Sorocabana atinge Botucatu, no ano seguinte, Lençóis.

A posição estratégica de Bauru, no centro do interior paulista, favoreceu o entroncamento ferroviário que ali se instalou, entretanto, ainda no final do século XIX, apenas começavam os rumores da implantação das ferrovias, assim,

O número de casas na área urbana da cidade cresce bastante, porém, de forma precária e improvisada, como uma espécie de “acampamento”, que teria sua fixação definitiva se a vinda das ferrovias se concretizasse. (GHIRARDELLO, 1992, p.67)

Este “acampamento” estava em busca de motivações econômicas, que foram alimentadas pelos indícios da implantação das ferrovias. E esses “acampamentos” ali se estabeleceram, fazendo com que Bauru não tivesse um esvaziamento como sua antiga sede do Poder Municipal, Espírito Santo da Fortaleza.

Ao mesmo tempo, a ideia da estrada de ferro que ligaria São Paulo a Mato Grosso volta a ser discutida e Bauru, como era previsto ter um entroncamento de duas futuras ferrovias, poderia vir a ser contemplado com mais uma.

No início do século XX, a cidade Bauru foi marcada pela vinda das ferrovias Sorocabana, Noroeste e Paulista, estabelecidas respectivamente no período de 1905 a 1911, seguindo a lógica histórica da inserção das ferrovias no Estado de São Paulo.

A Sorocabana (figura 28) se instala paralela ao Córrego Água da Ressaca e depois ao Ribeirão Bauru. Os trilhos iam instalando-se em áreas de difícil aproveitamento residencial, como as do Ribeirão Bauru que reforçavam a segregação promovida pelo relevo natural.

⁴⁷ Antes da chegada da ferrovia à cidade, a produção cafeeira da região era destinada a Jaú, pois já tinha sido inaugurada a Companhia Paulista em 1887.

Figura 28 – Estação Sorocabana



Fonte: Museu ferroviário, 2014.

A ferrovia mais importante implantada e nascida em Bauru foi a Companhia Noroeste, (figura 29) por ser a única a conduzir, nos anos seguintes, imensas quantidades de café que eram deslocadas até a cidade para depois serem transportadas pela Sorocabana ou Paulista.

Figura 29 - Estação Noroeste do Brasil



Fonte: Museu ferroviário, 2014.

O ponto de chegada da Paulista (figura 30) tornou-se o local de sua futura estação no início da Rua Agenor Meira, onde se ligava à Noroeste e Sorocabana. Conforme Ghirardello (1992, p.93) “das três ferrovias aqui instaladas, é a Paulista que ocupa áreas mais densas e nobres, completando a divisão da cidade em duas partes principais: norte/oeste, sul/leste”.

Figura 30 – Estação Paulista



Fonte: Museu ferroviário, 2014.

A chegada dos trilhos é quase sempre um marco na história de uma cidade. Com a estrada de ferro vem todo o aparelhamento que ela exige, especialmente quando a cidade, por alguma razão, é escolhida para sede de qualquer atividade especial da estrada: armazém, oficinas, escritórios, ponto de cruzamento de trens ou local de baldeação. (MATOS, 1974, p. 197).

Com isso,

[...] a antiga metrópole do sertão, com seus 33.500 habitantes, continua bem viva. Isto em virtude da sua função ferroviária, pois se tornou o entroncamento das linhas que servem a margem esquerda do Tietê: a Sorocabana ali se une à linha da Paulista e aos trilhos da Noroeste que estão para alcançar a Bolívia [...] Continua, pois, a velha capital da Noroeste, a participar da expansão do povoamento, participação que se vai tornando cada vez mais perceptível. Derivada da função primitiva, a função nova tem outras razões de ser. Se deixassem de estender-se às regiões novas, tal fato muito pouco se refletiria sobre Bauru. (MONBEIG, 1984, p. 353).

“O entroncamento ferroviário possibilitou o fortalecimento do município e revelou sua vocação como polo regional de desenvolvimento.” (OLIVEIRA, 2008, p. 100). Os três trechos ferroviários tornaram-se um dos maiores do interior do país.

Figura 32 – Rua Batista de Carvalho, década de 1910.



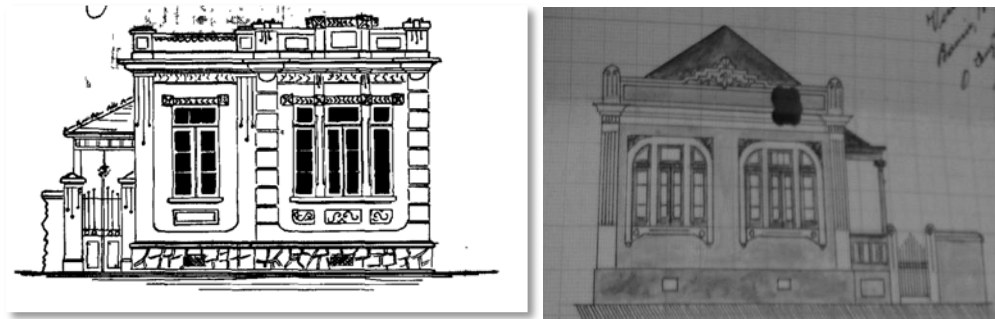
Fonte: Biblioteca Municipal de Bauru

Devido ao aumento populacional ocasionado pela ferrovia, a cidade começa a desenvolver-se nos arredores do Patrimônio, e essa população, na maioria das vezes, mais pobre, não dispunha dos serviços básicos. Porém, em 1911, iniciavam-se os estudos do engenheiro da Noroeste, Silvio Sant Martin, para inserir água e esgoto na cidade, em razão de muitas epidemias registradas no período. Esses serviços foram acelerados por conta das doenças, contudo, ainda as regiões periféricas estavam desprovidas de qualquer tipo de saneamento.

Nas primeiras décadas do século XX, o tecido urbano de Bauru já apresentava um preliminar zoneamento para a cidade. Na região central concentravam-se as moradias da classe média, o comércio, os serviços, e os edifícios institucionais. Na região leste e oeste havia bairros mais populares, industriais e ferroviários. Na região sul concentravam-se as casas das famílias mais abastadas. (ALVES, 2008, p. 85).

Segundo Fontana (2003), as edificações ecléticas (figura 33) surgiram tardiamente na cidade de Bauru em consequência da sua distância dos centros difusores. No caso de São Paulo e Rio de Janeiro, embora capitais, as construções eram caracterizadas pelas justaposições e imitações dos estilos históricos, resultando em correntes do ecletismo.

Figura 33 - Residências ecléticas, da classe média bauruense. Pé direito alto, janelas grandes e verticais, embasamento, alinhamento frontal, entrada lateral. A imagem da esquerda (1926) estava localizada à Rua Inconfidência. A da direita (1928) à Rua Sete de Setembro.



Fonte: Fontana, 2013; SEPLAN, 2014.

Foi a vinda da ferrovia que abriu novas possibilidades e avanços na arquitetura bauruense, ela estimulou o desenvolvimento e trouxe, de certo modo, mesmo que indiretamente, o bangalô à cidade, afinal, foi através dela que o antigo vilarejo abriu suas portas para o mundo, enxergando novas tipologias na arquitetura, inclusive a do bangalô, que se adaptou e se adequou às características de uma cidade marcada pelos trilhos do trem.

Essa arquitetura se fez presente na vida do operário da ferrovia, e como era utilizada como solução à moradia operária na capital paulistana, em Bauru, ela cumpriu o mesmo papel, assumida como um modelo predominante fazendo parte do cenário (figura 34) e da vida das pessoas de diferentes classes sociais.

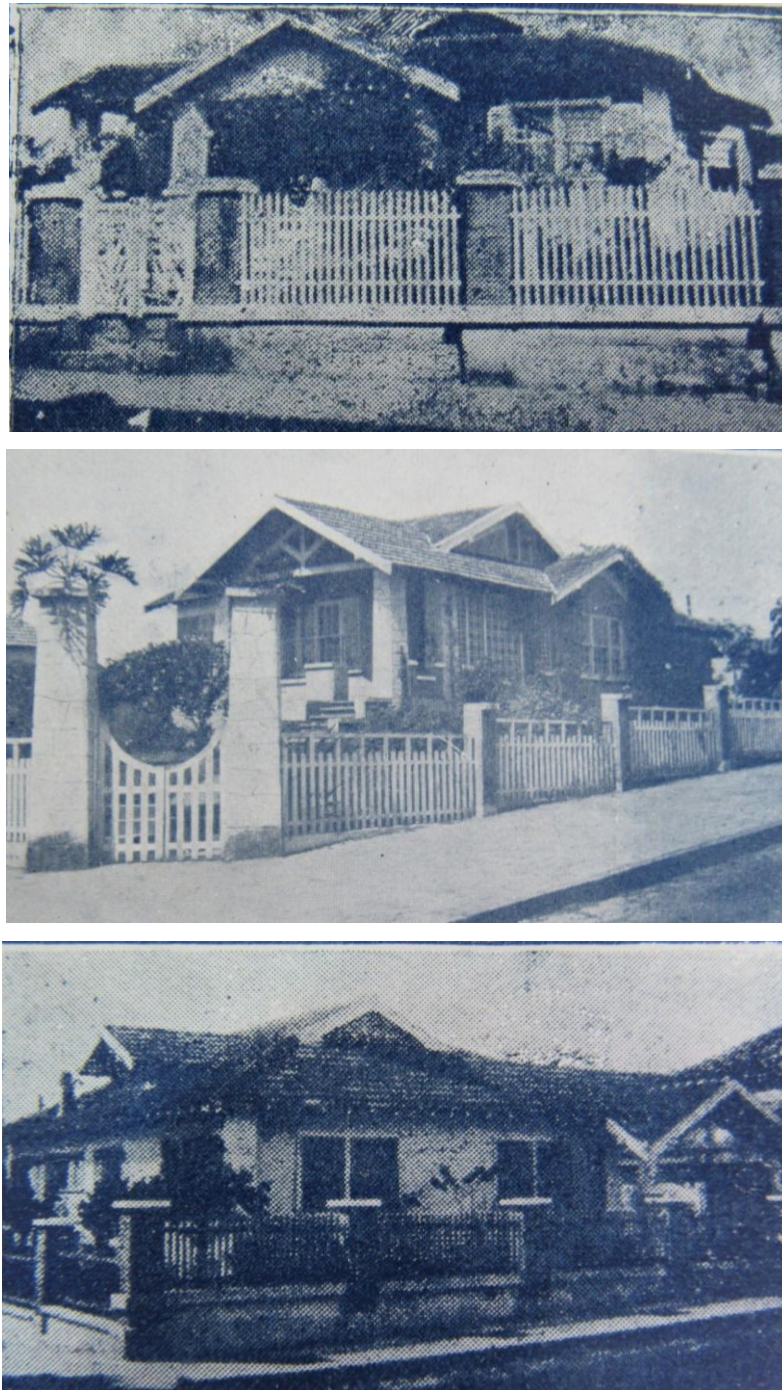
Figura 34– Bangalôs localizados à Rua Albuquerque Lins, 5-22, 12-64, Vila Falcão. Foto de 1953.



Fonte: Museu Histórico de Bauru, 2016.

Poucos foram os bangalôs em Bauru com um caráter próximo aos encontrados no Jardim América, porém existiram. A imagem abaixo (figura 35) demonstra um bangalô mais elaborado e maior em relação aos demais encontrados, em grande quantidade na cidade como o exemplo da imagem anterior.

Figura 35 – Bangalô do Dr. J. C. Macedo Guimarães, do Sr. João Baptista Manga e do Dr. Alípio dos Santos.



Fonte: Zona Noroeste, 1928. Museu Ferroviário de Bauru, 2016, p. 167.

O desenvolvimento na região central (figura 36) da cidade propiciou a especulação imobiliária, em vista disso, os menos favorecidos, buscavam moradias na periferia, além da área do patrimônio inicial. Então, houve estímulo à iniciativa privada em parcelar sítios e fazendas ao redor da zona urbana, sendo que a Vila

Falcão foi a primeira vila a se formar, e esta, por causa da proximidade da ferrovia, fora habitada por parte significativa de seus operários. Neste viés, é possível notar que, assim como na cidade de São Paulo - mencionada no capítulo anterior - várias casas feitas para atender esses funcionários, eram bangalôs. Mais uma vez o bangalô torna-se presente para dar atenção às necessidades dos trabalhadores.

Figura 36 – Edificações na Rua Araújo Leite em 1928.

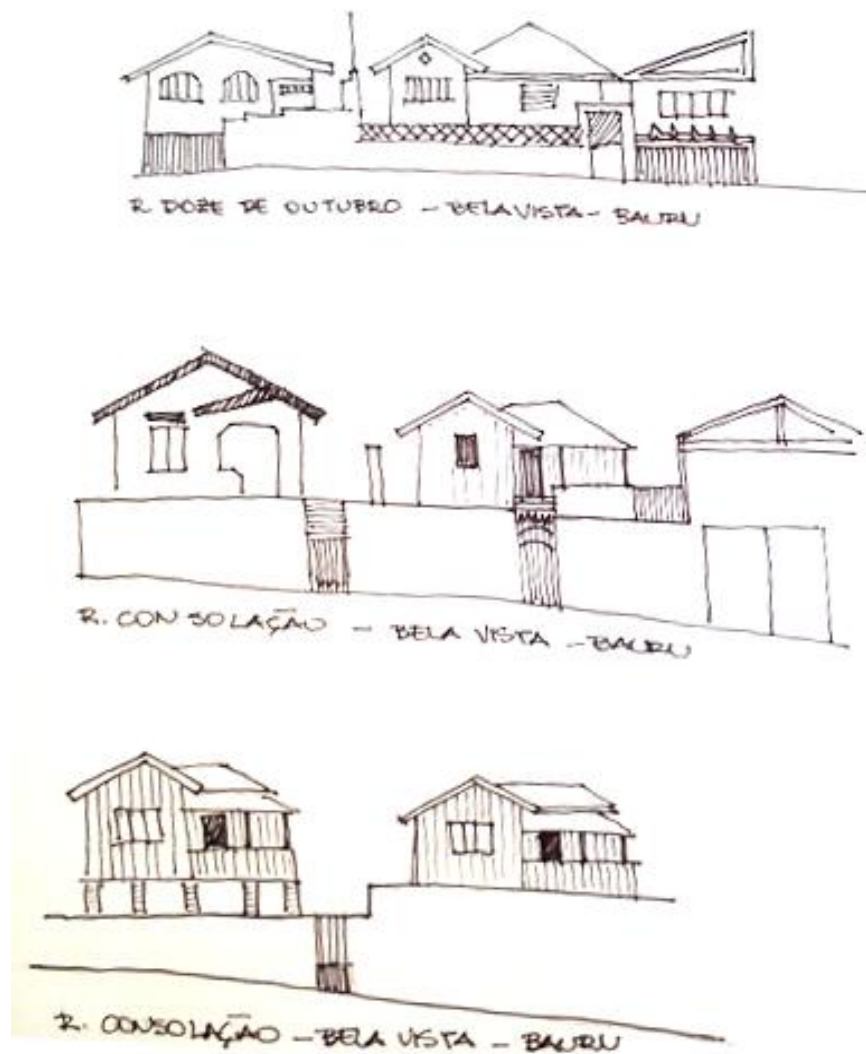


Fonte: Núcleo de Pesquisa Histórica (NUPHIS), 2014.

É possível notar na imagem acima que na região central, por exemplo, na Rua Araújo Leite em 1928, as feições das moradias continham um aspecto mais grandioso.

O trem estava mudando as características e as formas locais, dotando a cidade de infraestrutura básica e trazendo novas possibilidades tipológicas de habitação, como o bangalô, que compôs o cenário de Bauru. Um exemplo foi a criação do Bairro Bela Vista, 1929, que primava ser um bairro-jardim, assim como o Jardim América, contendo uma quantidade significativa de bangalôs, ainda existentes (figura 37).

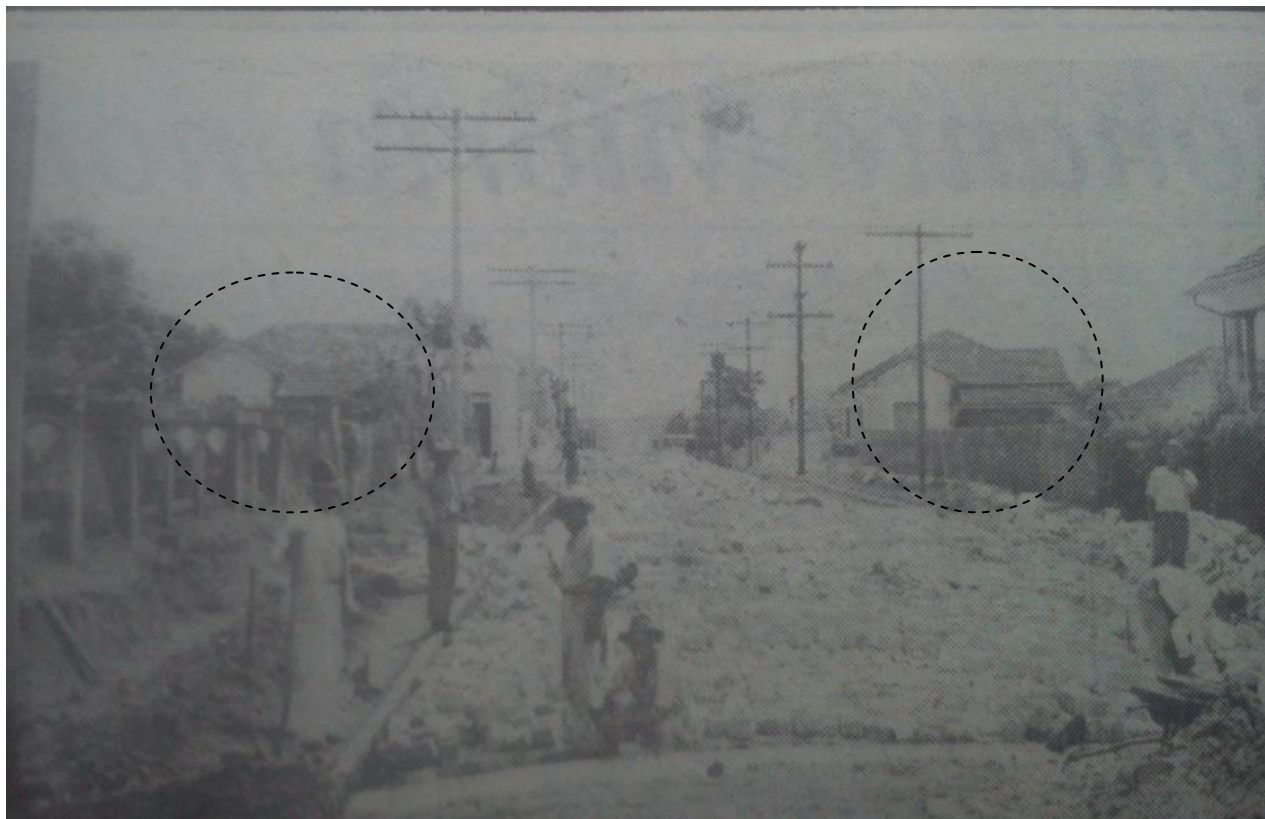
Figura 37 – Bangalôs existentes no Bairro Bela Vista.



Fonte: Desenho da autora, 2014.

A partir daí, o bangalô foi tornando-se comum ao gosto da população, e assumindo importante papel no que se refere à história da arquitetura de Bauru (figura 38).

Figura 38– Pavimentação da Rua 15 de Novembro entre as Ruas Araújo Leite e Antônio Alves. No registro do acervo há dúvida na data correta da foto, mas acredita-se que seja por volta de 1930. Há presença de dois bangalôs na imagem.



Fonte: Biblioteca Municipal de Bauru, 2014.

Percebeu Ghirardello (1992, p.155), em sua dissertação de mestrado, a presença do bangalô marcante na cidade, em vista disto, ressalta que “paulatinamente os *bungalows*, depois simplesmente bangalôs, se espalharão (figura 39) por todas as regiões da cidade, criando certa homogeneidade construtiva”.

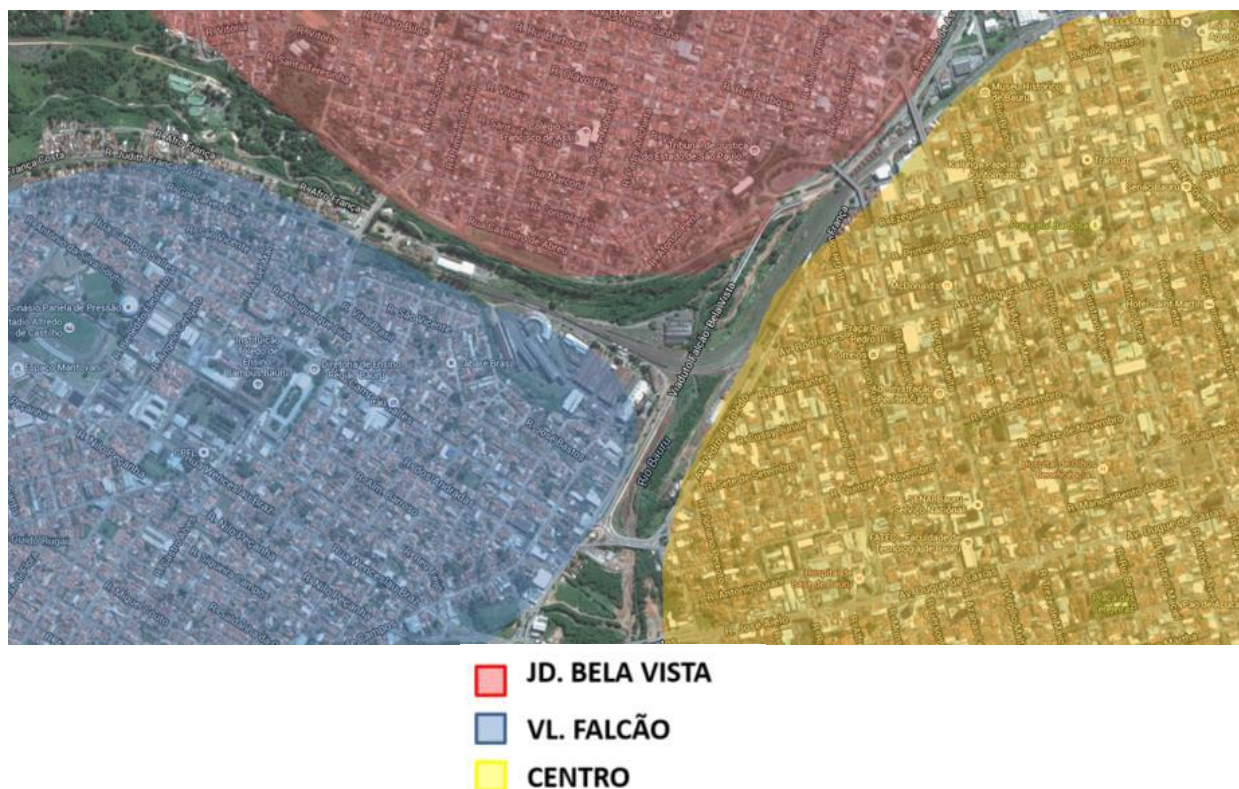
Figura 39 – Bangalôs na Rua Padre João.



Fonte: Foto da autora, 2015.

Foi junto ao arruamento ortogonal existente no centro da cidade, definido em 1888, ou seja, no sítio histórico (figura 40), identificado o maior número desse exemplar construído no início do século XX.

Figura 40 - Área da pesquisa - proximidades da ferrovia - Vila Falcão, abrangendo o Jardim Bela Vista e mais a parte central como um todo.



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica do aplicativo *google earth*, janeiro de 2016.

A cidade de Bauru possuía grande quantidade deste novo tipo de habitação por ser uma cidade sem muitas tradições e raízes, cidade de classe média, voltada à função ferroviária. Isso pode ser comprovado pela ausência de uma arquitetura eclética faustosa, presente nas cidades onde o café foi o motor principal do desenvolvimento.

Ainda hoje, é impossível caminhar pelas ruas da parte central da cidade e não se deparar com essas edificações, ou com parte delas, afinal, muitas já foram descaracterizadas, porém, seus vestígios nas fachadas são bem marcantes.

Os bangalôs tinham como característica diferenciada, a implantação, por situarem-se ao centro do terreno com telhados de várias águas e pequenos jogos de volumes.

Esse novo tipo de habitação rompia com os parâmetros das casas ecléticas do momento, os bangalôs viabilizavam as questões ligadas ao conforto térmico e as de saneamento (ventilação/iluminação), pois poderiam se localizar no meio do lote, dando lugar a recuos laterais e frontal, possibilitando a diminuição do pé direito do edifício ocasionando a redução dos tamanhos das portas e janelas.

Em 1928, já constavam no Código de Posturas, Art. 64º§2º, os regulamentos dos recuos dos bangalôs, sendo de quatro metros na parte frontal e, a lei permitia internamente o pé direito de três metros em contraste com as edificações ecléticas, que eram no alinhamento, não podendo conter pé direito inferior a 4,5 metros). E, como consequência, o tamanho das portas e janelas dos bangalôs foi diminuído e isto foi registrado no do Art 68º§1º, que possibilitava a alteração das dimensões quando a linguagem do edifício exigia.

A respeito da arquitetura eclética que se contrapõe ao bangalô (figura 41), coloca Reis Filho (2013, p.49) que os primeiros exemplares apresentavam apenas discreto afastamento em um dos lados.

Figura 41: Planta de uma típica residência eclética.



Fonte: Reis Filho, 2013.

A imagem representa uma moradia eclética destinada à classe média. Tinha acesso lateral que levaria ao seu interior, primeiramente à sala de visitas ou de jantar, em seguida havia um corredor que dava acesso aos quartos e aos demais cômodos que, na maioria das vezes, se localizavam aos fundos, sendo estes cozinha e banheiro. Neste exemplo ainda há ao fundo do lote, separado da casa, o

dormitório destinado à criada. Os primeiros exemplares, como é o caso da imagem acima eram no alinhamento do lote com discreto recuo em um dos lados, posteriormente os jardins laterais foram tomando parte no contexto dessas habitações.

Esse verdadeiro corredor ligava-se à rua por meio de pequenos portões de ferro, ou mesmo de madeira; era utilizado comumente como entrada de serviço – nas cidades menores sem serviço de gás, como entrada de lenha – e sua desvalorização social era tão acentuada, que por vezes não era revelado no exterior, ocultando-se sob um pano falso da fachada, com platibandas e pilastras, a fingir, para os passantes, um prolongamento da sala de visitas, apenas desmentido pela presença do portão. (REIS FILHO, 2013, p.49)

Em contrapartida, a imagem abaixo (figura 42) é de um bangalô em Bauru, que tinha seu acesso frontal através de uma varanda, que dava diretamente na sala e nesta estavam distribuídas as portas dos demais cômodos, quartos e cozinha. Contudo, podemos observar, através das plantas, as ecléticas e as dos bangalôs, que há entre elas expressivas diferenças, tanto na distribuição e quantidade dos cômodos quanto no que diz respeito à localização no lote, sendo a eclética no alinhamento e a outra não.

Figura 42- Bangalô construído na cidade de Bauru em 1927.



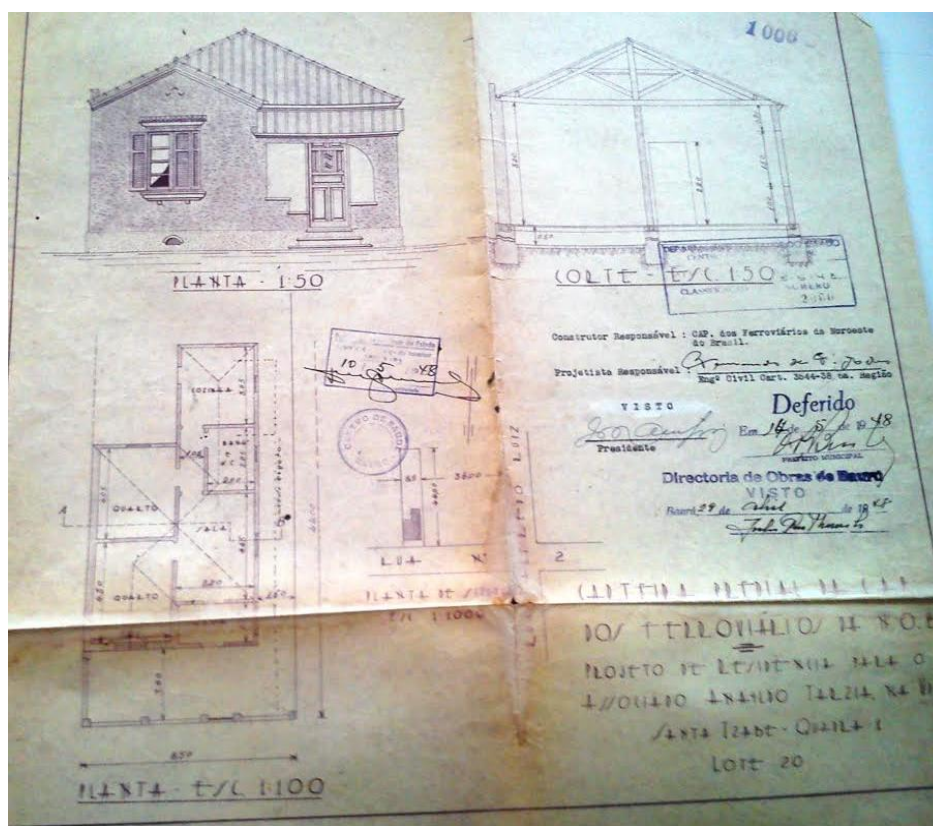
Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Bauru (SEPLAN), 2014.

Percebe-se que o longo corredor central existente na casa eclética desaparece em favor de uma sala de visitas que exerce o papel de ordenadora do espaço. Quanto à ornamentação, os bangalôs se destacam pela simplicidade e

despretensão plástica, ao passo que as moradias ecléticas, mesmo as das classes médias, tentavam repetir em menor escala, o luxo e exagero decorativo das grandes mansões, nem que apenas destinado, exclusivamente, à fachada frontal.

Bauru possuiu diversos bangalôs destinados à vila operária⁴⁸ (figura 43) dos ferroviários e, como relata Correia (2011), às vezes, essa tipologia voltada ao pitoresco destinava-se aos gerentes, secretários da empresa e engenheiros.

Figura 43- Bangalô típico construído aos ferroviários, na vila Santa Izabel, nas proximidades da ferrovia⁴⁹.



Fonte: SEPLAN, 2014.

A partir disso deduz-se que os bangalôs foram construídos de forma mais compacta, econômica e contemporânea, adaptados às necessidades da classe

⁴⁸ “As vilas ferroviárias tiveram grande importância quantitativa e um papel destacado na formação das muitas cidades que nasceram ao longo das estradas de ferro.” (BONDUKI, 2012, p. 21). A cidade de Bauru, interior de São Paulo, não se formou devido à ferrovia, mas se desenvolveu a partir dela.

⁴⁹ Vale ressaltar que esta vila foi construída em 1948, ou seja, após a data recorte deste trabalho (1920-1940), porém demonstra a continuidade dessa tipologia nos anos seguintes.

média urbana em ascensão: ferroviários, pequenos comerciantes e funcionários públicos, características abordadas com detalhes no próximo capítulo.

Gradualmente, a arquitetura do bangalô atendia às necessidades contemporâneas não pela vertente do modernismo formal, mas como habitação do homem médio, já que não era presa a uma ornamentação específica e nem ao exagero, consistindo um modo de morar despojado, que rompeu paradigmas ecléticos. Não se pretendia o "moderno", como propunham os arquitetos modernistas, para as novas edificações do século XX, mas também não se compartilhava da tradição excessiva e faustosa do ecletismo. Sua inserção, em Bauru, confronta com o momento das especulações recentes no país, e enquadra-se ao que preconizava Gregori Warchavchik, em 1925 no Manifesto: Acerca da Arquitetura Moderna:

Construir uma casa a mais cômoda e barata possível, eis o que deve preocupar o arquiteto construtor da nossa época de pequeno capitalismo, onde a questão de economia predomina sobre todas as mais. A beleza da fachada tem que resultar da racionalidade do plano da disposição interior, como a forma da máquina é determinada pelo mecanismo que é a sua alma. (GREGORI WARCHAVCHIK, 1925)⁵⁰.

O bangalô também pode ser entendido como uma "entrada" do homem médio na habitação moderna, contudo, não em relação aos novos materiais, plástica ou forma, mas sim no âmbito da simplicidade dos espaços construídos, na limpeza ornamental, nos pés direitos mais baixos, aberturas bem dimensionadas, centralidade ao lote, etc.

Alguns dos argumentos de Warchavchik, para a arquitetura modernista, serviriam para definir os bangalôs: "A nossa arquitetura deve ser apenas racional, deve basear-se apenas na lógica e esta lógica devemos opô-la aos que estão

⁵⁰ Manifesto publicado no Correio da Manhã, Rio de Janeiro, em 01 de novembro de 1925.

Republicado em Depoimentos nº 1, Centro de Estudos Brasileiros, GFAU, São Paulo, s/d, na Arte em Revista nº 4 (Arquitetura Nova), São Paulo, em agosto de 1980, e em Arquitetura Moderna Brasileira: Depoimento de uma Geração (coletânea de textos organizada por Alberto Xavier), ABEA/FVA/PINI – Projeto Hunter Douglas, São Paulo, 1987.

procurando por força imitar na construção algum estilo”. (GREGORI WARCHAVCHIK, 1925)⁵¹.

Para tanto, não há como falar das modificações ocasionadas em Bauru pela ferrovia, sem versar sobre o bangalô, afinal, ele possibilitou nova visão do *skyline* da cidade, abrindo possibilidades das casas mais simples também poderem ter recuos, iluminação, ventilação e jardins frontais.

2.3.2 Os bairros Vila Falcão e Bela Vista

Barracão de zinco sem telhado, sem pintura lá no morro

Barracão é bangalô

Lá não existe felicidade de arranha-céu

Pois quem mora lá no morro já vive

Pertinho do céu

Tem alvorada, tem passarada no alvorecer

Sinfonia de pardais, anunciando o anoitecer

[...]

Jair Rodrigues – Barracão de Zinco

“Entre os problemas que aos nossos olhos se apresentam como inadiáveis, as cogitações dos nossos poderes públicos sobressai de modo bastante significativo o da construção de casas para o operariado.” Bauru – jornal 12 de fevereiro de 1921.

Diante do grande número de profissionais, técnicos, engenheiros e operários que chegaram a Bauru para trabalhar na CEFNOB, nos setores de administração, transporte, montagem de peças, manutenção das maquinarias, construção, formação técnica, entre outros, houve necessidade de projetar e construir residências, equipamentos coletivos, culturais. A Companhia construiu residências agrupadas em vilas segundo

⁵¹ Idem 50.

segmentos de trabalho: superintendência, engenheiros, funcionários administrativos e operários. (SALCEDO et. al., 2012, p.8).

Deste modo, “como reflexo imediato, surgiram os bairros operários, além das linhas férreas, loteados por antigos proprietários rurais. A ocupação territorial foi ocorrendo através de sucessivos fracionamentos da terra e pela forma de transmissão de suas parcelas.” (CONSTANTINO, 2008, p.26)

Parte significativa do operariado, representado por funcionários da NOB, formará a Vila Falcão, junto à estrada que ia para Piratininga, sendo o primeiro bairro organizado fora dos limites urbanos. Sua incorporação ao perímetro urbano só vai se dar, por lei em 1918, quando sua população já é significativa. (GHIRARDELLO, 2008, p.43).

Desde a implantação da ferrovia Noroeste nas suas proximidades, nas terras de Maria Falcão Machado, estabeleciam-se algumas moradias no local, ali residiam os ferroviários e imigrantes que trabalhavam nas lavouras de café, inclusive Val de Palmas. Porém, até 1918 a Vila Falcão ainda não estava integrada ao perímetro urbano da cidade, mas na metade do mesmo ano o bairro foi incorporado à área urbana.

Dentre os agentes que atuam na produção do espaço estão: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado, e os grupos sociais ou movimentos sociais. A atuação dos agentes na produção do espaço urbano está enquadrada dentro de um marco jurídico que regula a ação dos mesmos. (SALCEDO et. al., 2012, p.2).

“As pessoas quase não iam à ‘cidade’, pois o comércio da vila tinha de tudo: desde cebola e tomate até lenha e arreio para cavalos, recorda-se o ferroviário aposentado Ricieri Trevisan, 79 anos, que vive no bairro há quase oito décadas”⁵².

O bairro era bem equipado, então, em 1929 foi construída uma nova capela, pois a comunidade estava em pleno crescimento. Trevisan lembra-se também das sessões de cinema que costumavam ocorrer na praça da igreja, atraindo

⁵² Jornal da Cidade 17 de maio de 2009.

verdadeiras multidões. “Na maioria das vezes, eram filmes educativos. Também costumavam passar fitas de ‘o Gordo e o Magro’”⁵³.

Argumenta Possas (2004, p. 153) que “as vilas operárias, próximas às zonas industriais em razão da instalação das Oficinas da NOB em 1921, não só absorveram os novos contingentes populacionais como impuseram a necessidade de construir habitações mais populares que margearam os trilhos da ferrovia”.

A baixa qualidade da terra para o plantio nos redores da cidade e a inexistência de política para o crescimento levou a expansão desordenada, e a setores urbanos com traçados não correspondentes entre si, iniciados nesse momento histórico. O loteador através de um topógrafo ou agrimensor definia o novo bairro dentro de sua gleba, sempre em xadrez, conforme rezava o Código de Posturas, da forma que o número de lotes e, por consequência, o lucro fosse maior. A justaposição com o traçado existente não era preocupação prioritária e nem sempre ocorria, obrigando as custosas desapropriações futuras para a regularização ou abertura de vias. (GHIRARDELLO, 2008, p.43)

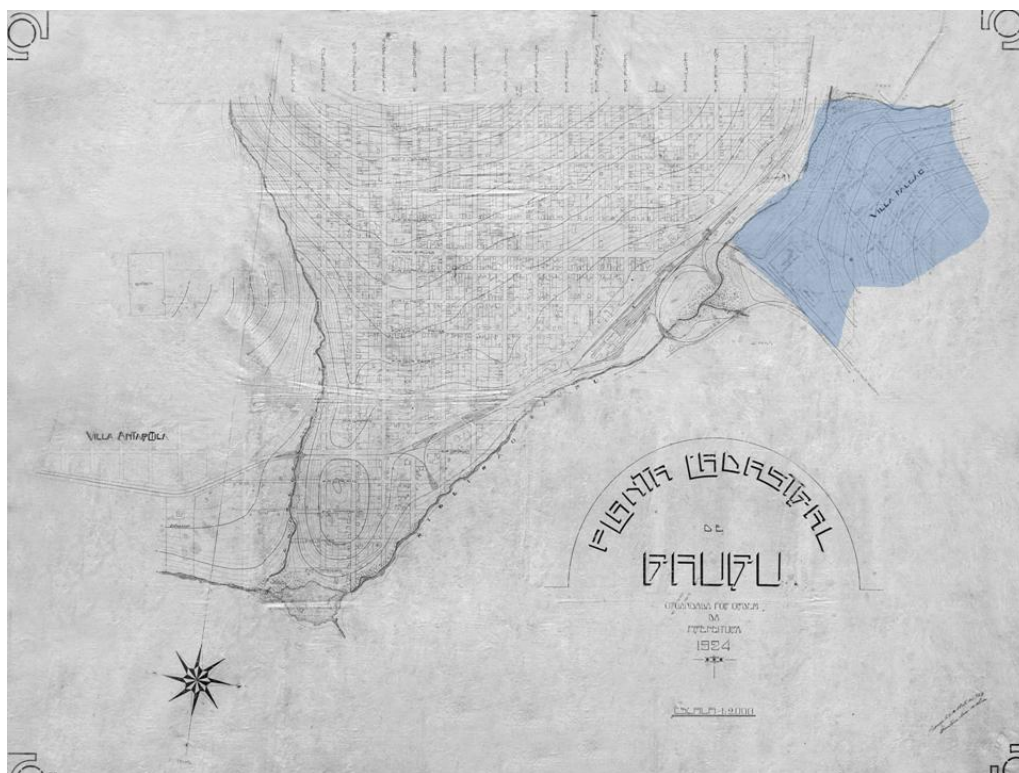
A próxima imagem é de 1930 contendo a Vila Falcão (figura 44), Antártica e o cemitério, além destes, comenta Constantino (1998, p. 27), os caminhos para Piratininga e Val de Palmas.

Assim a criação da vila repercutiu:

Faz alguns meses tendo sido levado a efeito a criação da Vila Falcão nas proximidades da Sorocabana cujo engenheiro encarregado do alargamento das ruas desprezou a velha estrada de rodagem e cortou-a em diversos lugares justamente onde principiava uma reta de quatro quilômetros... admitindo que a estética da nova Vila obrigou a mudar o rumo da estrada, não se pode perdoar que não tenham levado em consideração as reclamações do sitiantes e fazendeiros que moram para aqueles lados.. obrigando os carroceiros e cavaleiros a fazer um zig-zag no meio da capoeira a fim de encontrarem a estrada que vem desde Palmas. (JORNAL O BAURU, 14 DE MAIO DE 1916).

⁵³ Jornal da Cidade 17 de maio de 2009.

Figura 44 – Planta Cadastral de Bauru, 1924. Já consta a Vila Falcão.



Fonte: Museu Histórico de Bauru, 2016, intervenção da autora.

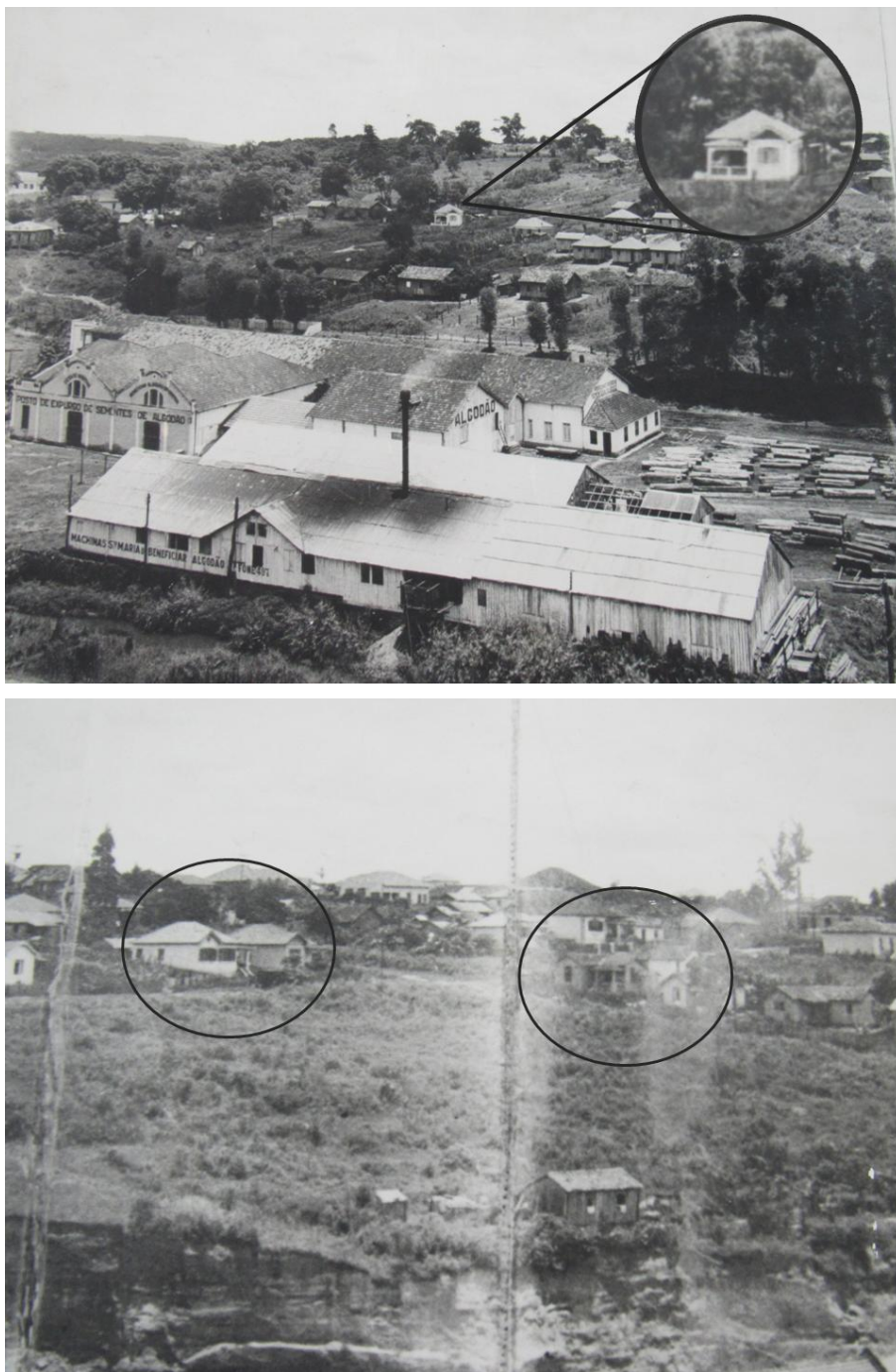
Não tão distante da formação da Vila Falcão, em 1929, o bairro Jardim Bela Vista foi criado, com o intuito de seguir as ideias de um bairro-jardim, destinando-se à classe média, com propagandas de habitações a serem pagas de forma parcelada. O estímulo, segundo jornal da época⁵⁴, era feito através da oferta de uma casa confortável em estilo *bungalow*. Segundo Constantino (2005, p.51), “para estimular o pagamento em dia das prestações dos lotes eram organizados sorteios” desses bangalôs.

Entretanto, o bairro não atingiu os objetivos para se diferenciar dos demais e enquadrar-se como bairro-jardim, afinal, no que se referia ao traçado das ruas, se manteve com o modelo clássico presente na cidade: tabuleiro de xadrez; não ousou a sinuosidade, mesmo que a topografia em encosta “pedisse” tal desenho; nem alta arborização e parques. Além do mais, houve falta de infraestrutura ao bairro e este, destinou-se aos trabalhadores, compreendendo os operários da ferrovia e não a classe média.

⁵⁴ Diário Noroeste, 15 de junho de 1930. Ver mais em Constantino (2005, p.50).

Vale ressaltar, que por volta de 1938, na imagem a seguir (figura 45), podem ser visualizados inúmeros bangalôs no bairro Bela Vista e este cenário remete ao trecho da música “Barracão de Zinco,” de Jair Rodrigues, mencionada no início deste subcapítulo, quando cita a figura do bangalô ao morro, onde há felicidade da simplicidade e aproximação com a natureza.

Figura 45 – Imagem do bairro Bela Vista. Bangalô compondo o cenário.



Fonte: Museu Ferroviário de Bauru, 2016.

Possivelmente, inúmeras casas de madeira, que aparecem nas imagens anteriores (figura 45), eram destinadas a operários e poderiam ser substituídas, demolidas, à medida que os serviços fossem cumpridos, alguns operários fossem transferidos, ou o progresso adentrasse a região.

A presença do bangalô foi tornando-se cada vez mais marcante na cidade, sendo alvo de críticas infundadas do colunista e engenheiro⁵⁵ H. de Andrade Campos⁵⁶, afinal, ele se refere ao bangalô como uma tipologia criada na Índia e que o britânico se apropriou, mas, em seguida, ele trata como se o bangalô bauruense fosse inglês, porém isso não aconteceu em Bauru, pois o bangalô assume características bem diferenciadas quando se instala no Brasil. O autor ainda critica a falta de cumprimento ao Código de Posturas e dois anos após sua publicação, em 1928 – como mencionando anteriormente – o novo Código contará com as exigências necessárias para a tipologia bangalô, especialmente na questão do pé direito reduzido.

3 BANGALÔS EM BAURU

3.1 Suas particularidades

Em Bauru havia bangalôs feitos de madeira e de alvenaria, os de madeira (figura 46) eram edificadas sobre um embasamento de alvenaria⁵⁷ que, poderia ter um sistema de ventilação. Para analisá-los foi utilizado o trabalho de Zani (2013), que estuda as edificações de madeira na cidade de Londrina-PR em que muitas são bangalôs similares aos de Bauru.

⁵⁵ Formado pela Poli.

⁵⁶ Diário da Noroeste, 9 de Julho de 1926.

⁵⁷ Para que a madeira não ficasse em contato com o chão e apodrecesse.

Figura 46 – Bangalô, ainda existente, de madeira. Rua Ver. Antônio F. de Menezes e Rua Vital Brasil, Vila Falcão.



Fonte: Foto da autora, 2015.

Conforme Zani (2013), a sequência que os profissionais carpinteiros utilizavam era a seguinte: em primeiro lugar, após nivelarem e esquadrejarem o terreno, cortavam vigas para o quadro inferior a fim de montarem o que serviria de

base, com vigas guias “mestras” ou frechais “de baixo”. Em seguida usavam a medida do quadro inferior e elaboravam o quadro superior, que era montado sobre o inferior. Cortavam as vigas, pontaletes rochantes, terças e espigões e montavam a estrutura do telhado no rés do chão que seria coberto com telhas cerâmicas francesas, ou capa canal, alinhavam e colocavam os esteios e enquadramento dos vãos, amarravam o quadro superior, frechais e vigas mestras.

O uso da madeira (figura 47) era facilitado pela abundância da mesma nas áreas abertas pela ferrovia no extremo oeste de São Paulo e Mato Grosso. A mesma era transportada pelos trens, ficando mais barata sua utilização que a alvenaria de tijolos.

Figura 47– Alguns edifícios estudados por Zani são bangalôs em Londrina.



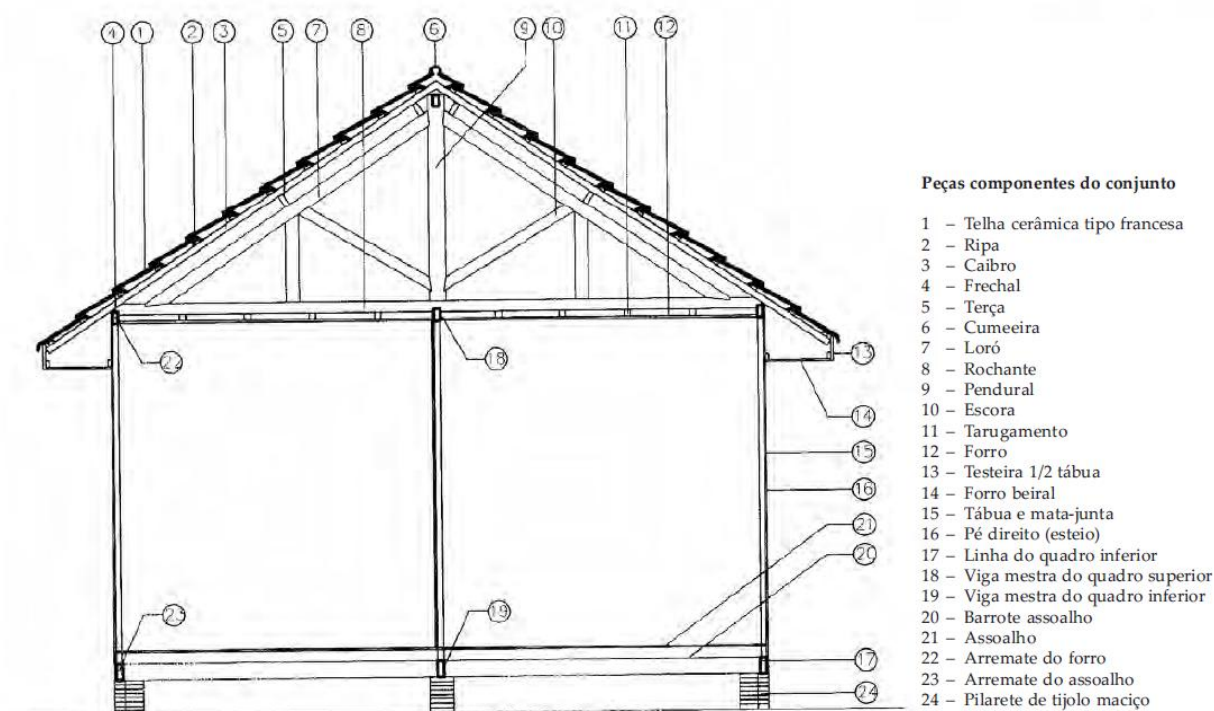
Fonte: Zani, 2013, p. 109.

As paredes eram fixadas com tábuas grossas bem juntas com uma ripa fina para cobri-las e vedar o máximo possível o clima externo, essas tábuas eram

pregadas sobre um dormente. Amarravam a estrutura do telhado, tesouras, espigão e terças, juntamente com o madeiramento desta cobertura em que colocavam as telhas. Em seguida, colocavam os barrotes para o soalho e os assoalhos, depois as janelas e portas emolduradas por um quadro de vigas ou caibros que ligavam os quadros inferiores aos superiores, essas, eram tímidas se comparadas às ecléticas. Em sequência, preparavam o tarugamento, a colocação do forro, para que antes do forro a fiação e o encanamento estivessem prontos.

Por fim, colocavam as mata-juntas internas e externas e os elementos de arremate nos beirais, as grades da varanda acompanhadas de emolduramento. E o que não poderia deixar de conter nos bangalôs era o adorno no frontão, que nos de madeira seria nomeado rendilhado. Da mesma forma os bangalôs de madeira paranaenses e bauruenses eram construídos (figura 48).

Figura 48 – Esquema dos itens utilizados em uma construção de madeira.



Fonte: Zani, 2013, p. 72

Segundo Zani (2013), a técnica construtiva do uso da madeira de rápida e fácil execução tendo a possibilidade de reaproveitamento, foi o que fez proliferar a arquitetura com esse material na região do Paraná. O mesmo ocorre, com o bangalô, seu projeto simples, sua elaboração em madeira compõe um conjunto de

técnicas construtivas de fácil realização, ou seja, assim como a madeira em abundância ligada à praticidade de execução das casas paranaenses, o bangalô rompia a dificuldade construtiva das casas ecléticas e tornava-se cada vez mais comum, sendo ele de madeira ou alvenaria, em meio à malha urbana de Bauru.

Tratando-se dos bangalôs de alvenaria, conforme foi possível observar em alguns dos memoriais⁵⁸, estes seguiam as seguintes diretrizes: os alicerces eram de alvenaria de tijolo sobre concreto de pedregulho e cimento, sobre o alicerce uma camada isoladora constituída de três fiadas de tijolos no mínimo - que poderiam variar de acordo com a topografia do terreno - os quais eram assentados com argamassa de cimento e areia, o embasamento revestido interna e externamente com uma camada impermeável, onde se aplicavam pedras com a função de revestimento; as paredes executadas com tijolos comuns no modo amarração, revestidas com argamassa de cal e areia, sendo as externas com 0.30m e as internas e da cozinha com 0.15m.

Continham janelas em quase todos seus cômodos, afinal, para ser considerado um bangalô, não bastava ter apenas todas as características mencionadas anteriormente, ele teria que se manter distante dos alinhamentos. As esquadrias feitas frequentemente de peroba ou cedro, e os dormitórios continham janela com veneziana.

O madeiramento do telhado, executado em peroba, por ser acessível e de boa resistência, era coberto por telhas cerâmicas, as “francesas”, mas podendo ser também a “capa canal”, assim como os bangalôs de madeira. As calhas e condutores feitos de ferro galvanizado. Os forros de estuque, ou de reboque com cal e areia sobre tela metálica.

Os pisos com ladrilhos hidráulicos ficavam nas áreas molhadas, como cozinha e banheiro, quando interno; os soalhos dos demais cômodos, geralmente feitos de peroba, eram assentados sobre um vigamento da mesma madeira.

A pintura era caiada; as esquadrias e também as paredes da cozinha - a uma altura de 1,50m - eram pintadas a óleo para que servisse como revestimento⁵⁹, sendo mais fácil a manutenção do que seria com a pintura caiada em um local de umidade, gordura e fuligem de lenha.

⁵⁸ Apenas poucos projetos dos analisados continham o memorial descritivo.

⁵⁹ Previsto no Código de Posturas de 1928, Art.100.

O porão existia tanto nos bangalôs de madeira quanto nos de alvenaria, munido de grades fixas com tela metálica de malhas estreitas; servia para ventilação, respondendo às exigências de higiene. Utilizavam porões, por uma questão de adaptação, afinal, os pisos eram soalhos e utilizar porões tornou-se bastante usual e obrigatório, pois a madeira não poderia ficar em contato com o solo para que não apodrecesse.

Geralmente, os bangalôs não continham porões habitáveis, por não fazer parte de sua estrutura um porão que pudesse atingir a metragem de 2,50m, a metragem mínima exigida pelo Código de Posturas de 1928 para o porão ser usado como morada, portanto, eles também teriam que ter ventilação com solo impermeabilizado e de preferência com soalhos⁶⁰.

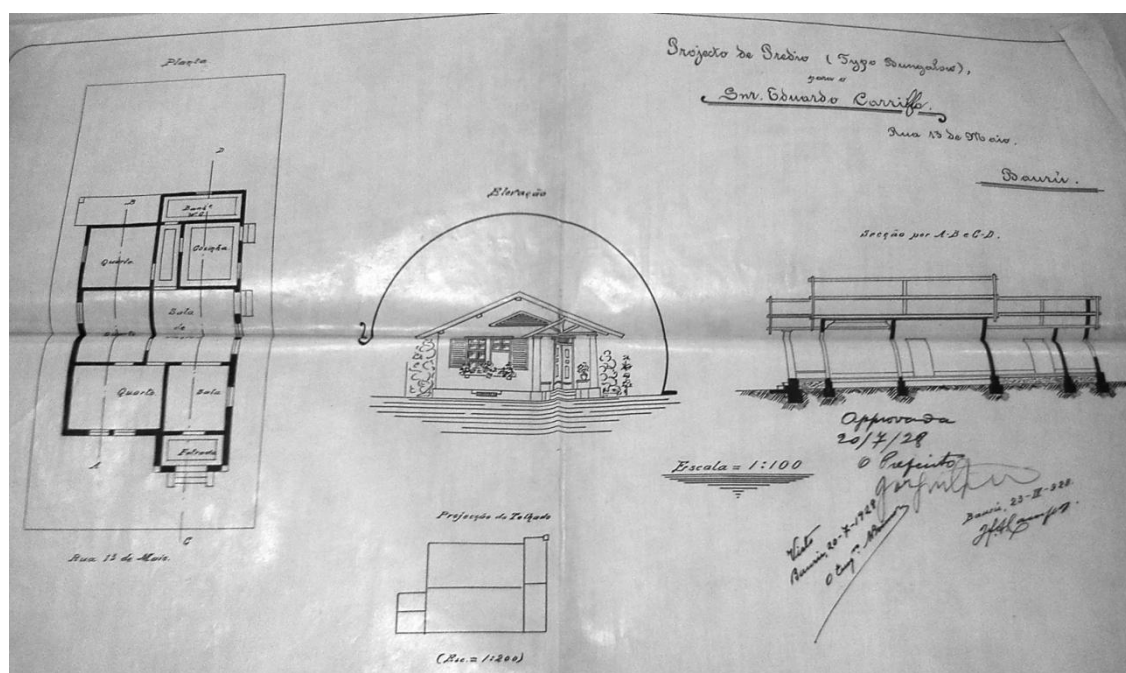
Os bangalôs bauruenses possuem caráter mais urbano, tanto por localizarem-se em áreas parceladas, como bairros, proximidades da ferrovia e na região central em desenvolvimento, quanto por seu esquema compacto, que atenderia não a fuga da cidade para o campo, mas a vida em busca da praticidade encontrada na cidade.

Embora os bangalôs não tivessem tantas ornamentações, eles poderiam contê-las sutilmente. Por ser uma arquitetura despojada, ela dava a possibilidade de estar sempre na moda, ou seja, os bangalôs podiam ser "vestidos" com os adornos que se quisesse. Era bem peculiar essa característica, fazendo com que os bangalôs bauruenses se enquadrassem nas vertentes de estilos arquitetônicos. As ornamentações predominantes dos bangalôs eram: o próprio ecletismo, o neocolonial, *art nouveau*, missões, *art déco*. São pequenos os detalhes que ressaltam essas roupagens, porém são bem perceptíveis e de extrema importância quanto a sua caracterização.

Através desta análise das roupagens, é possível notar que o bangalô foi contemporâneo a cada período em que se inseriu, sendo considerado como uma "casa tipo", nos anos de 1920 a 1940. Assim, por volta de 1927, começavam surgir, além dos anúncios nos Jornais mencionados no capítulo anterior, a nomenclatura bangalô nos projetos de prefeitura (figura 49).

⁶⁰ Ver Código de Posturas de 1928, Art. 60.

Figura 49 – Projeto de prédio “typo Bungalow”. Apêndice – prancha 11.



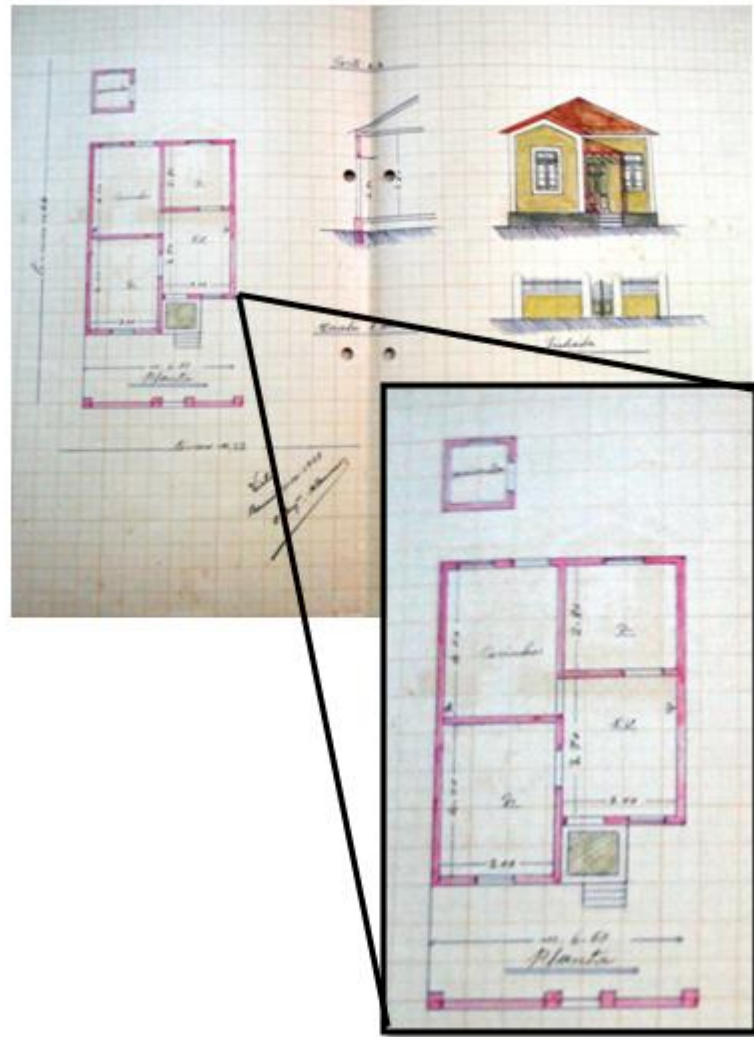
Fonte: SEPLAN, 2014.

Na figura 49, após o título da prancha: “Projeto de prédio”, está entre parênteses: *typo bungalow*, pois, neste momento, a figura do bangalô começou a ser procurada pela classe média, que já tem o conhecimento de que esta edificação com volumetria bem peculiar trata-se de um bangalô. Neste caso, devido às proporções do edifício, talvez fosse um bangalô de um proprietário de classe média. Vale ressaltar alguns detalhes presentes no projeto: o desenho da vegetação em floreira na janela e nos recuos, o que demonstra a busca deste tipo de habitação livre no lote com possibilidade de harmonizar a natureza ao edifício aconchegante e urbano.

Há um caráter que o diferencia de muitos construídos na mesma época, o hall de acesso a um quarto, cozinha e banheiro, acredita-se que a presença deste esteja ligada ao poder aquisitivo do proprietário, pois ao serem analisados bangalôs menores e mais compactos, sobretudo os destinados a operários, estes dificilmente possuem um hall de circulação, a sala não perdeu sua função de dar acesso a cômodos, ela ainda exerce esse papel.

Observando-se a figura 50, nota-se um bangalô mais compacto em que a sala é o elemento principal de acesso.

Figura 50 - Bangalô localizado à Rua Sete de Setembro.



Fonte: SEPLAN, 2014.

Não consta em planta, mas ao serem observados e fotografados em meio à cidade, percebe-se que em lotes maiores era construído outro bangalô ao fundo. Parece ser destinado aos parentes do dono do primeiro bangalô, ou, assim como hoje ainda acontece, para aluguel (figura 51).

Figura 51 – Dois bangalôs no mesmo lote.

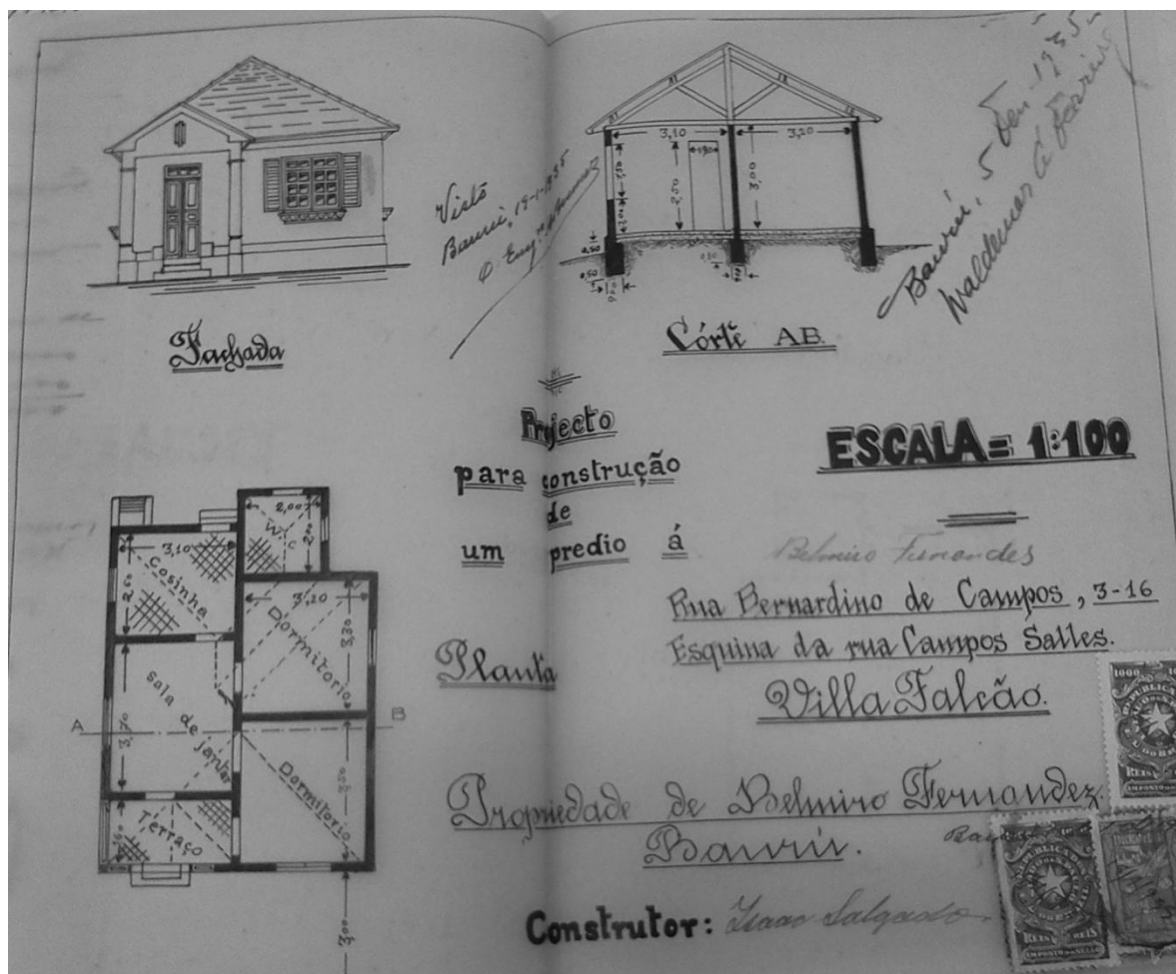


Fonte: Foto da autora, 2015.

A construção dos banheiros variava bastante nos bangalôs analisados, nem sempre apenas os maiores o apresentavam anexado ao corpo da casa. O bangalô abaixo demonstra uma característica que se repete em diversos projetos da época, o banheiro encontra-se junto à edificação, porém, seu ingresso é externo, por conta da falta da construção do acesso a ele como há na figura 52, geralmente para não encarecer a obra.

O seguinte bangalô tem uma característica que o diferencia, sua varanda não contém pé direito inferior em relação ao da casa, ou seja, ela faz parte da volumetria do telhado principal.

Figura 52 – Bangalô localizado à Rua Bernardino de Campos – Apêndice – prancha 19.



Fonte: SEPLAN, 2014.

A figura 53 apresenta o banheiro integrado à casa e seu acesso é por um hall interno. Há uma peculiaridade neste lote, assim como em inúmeros lotes da Vila Falcão, os bangalôs são construídos sobre um embasamento de aproximadamente 1,50 metros, devido à topografia dos terrenos. O lote abaixo segue os parâmetros antes mencionados, é um terreno largo e longo (22mx44m). O motivo do banheiro estar próximo à cozinha se vincularia ao fato do aquecimento da água na cozinha através de serpentinas, as quais esquentariam a água do banho, e também reduziriam os gastos em relação às tubulações hidráulicas. (Lemos, 1978)⁶¹.

[...] os casos de classe média passaram a conhecer o binômio hidráulico: banheiro-cozinha, dependências necessariamente vizinhas para o

⁶¹ Ver Cozinhas, etc. p. 56.

denominadas como lavanderias, deveriam ser localizadas fora da residência em local arejado e afastado da habitação⁶⁴, fato que não ocorre nos bangalôs encontrados, talvez por ser uma arquitetura que visava a praticidade e a redução de gastos.

Por volta de 1930 torna-se mais comum, nos projetos da prefeitura, a presença do Norte (figura 54), tamanho do lote, medida dos cômodos, possivelmente em virtude da exigência de uma planta mais completa, destinada à aprovação da Prefeitura Municipal de Bauru, previsto no Código de Posturas de 1928 Art. 32 §1º. O responsável pelo projeto era o construtor, que em alguns não aparece, mas na maioria deles consta. A presença dos dados varia bastante, de acordo com o construtor que os projetou. Há certa proximidade projetual nas plantas (detalhes e desenho) quando se trata do mesmo profissional⁶⁵. Em muitos projetos há detalhamento no corte do telhado, podendo ser observado o uso de tesouras simples com asnas.

Figura 54 – Gráfico de projetos com e sem Norte.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, 2016.

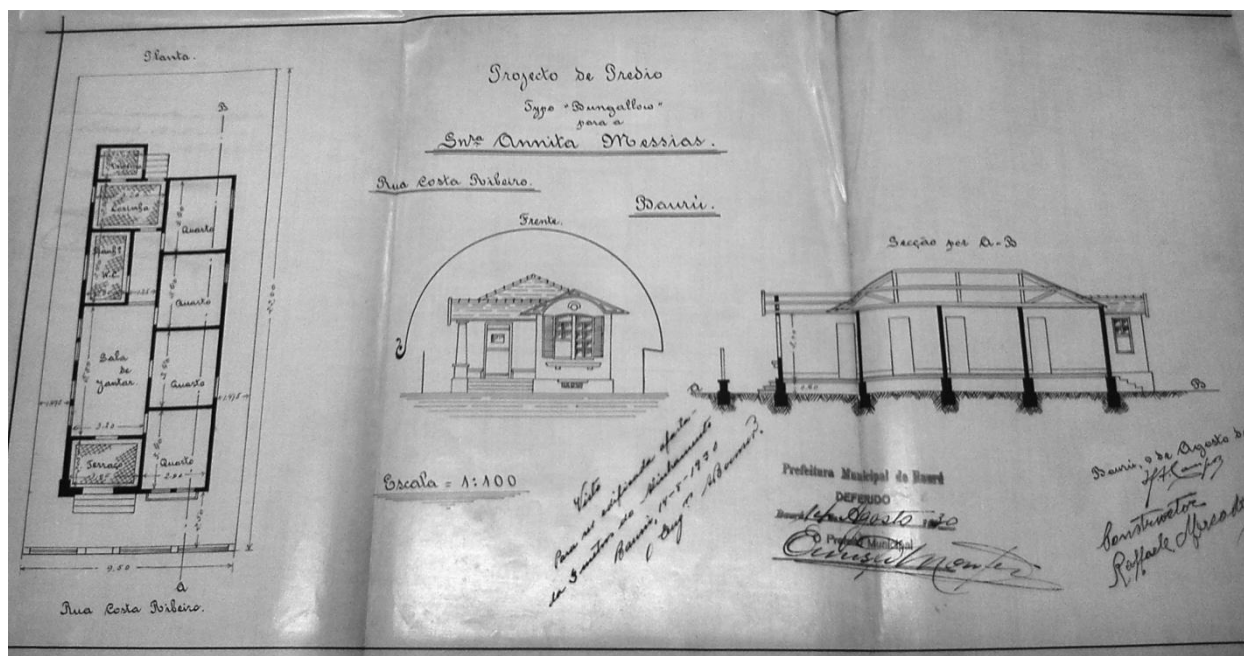
Abaixo, o bangalô (figura 55) se distingue dos demais analisados, por conter quatro dormitórios, pois sua dimensão pega quase toda extensão do lote, contudo, os recuos são preservados, há um banheiro com medidas maiores do que era

⁶⁴ Ver Código de Posturas 1928, Art 101.

⁶⁵ Ver figura 49 e 55.

comum ser encontrado, acessado por um hall que também levaria à cozinha com sua despensa. Seria um bangalô destinado à classe de melhor poder aquisitivo.

Figura 55 – Projeto “Typo Bungalow”. Apêndice – prancha 14.



Fonte: SEPLAN, 2014.

O projeto da figura 56 apresenta um bangalô com uma distinção em relação à cozinha, pois esta se encontra em um nível abaixo em relação aos demais cômodos da casa. Outra peculiaridade é o desenho de um fogão à lenha, provavelmente, foi a sua presença que fez com que a cozinha não acompanhasse o nível dos demais cômodos, pois o conceito de cozinha ao fundo segregada vem desde os tempos coloniais, em função do fogão à lenha. Porém, o desnível não se limita simplesmente a esse fator, acredita-se que a redução do custo também culminaria no aproveitamento do declive do lote.

A cozinha é algo bem particular, ao longo dos anos ela sofreu inúmeras transformações, por exemplo, para o português, a cozinha junto à casa era um fator de obtenção do conforto ambiental nos dias frios do inverno europeu. Lá, conforme Lemos (1993, p. 97) “[...] o fogão e a cozinha são o centro de interesse da casa. E uma questão cultural que, apesar dos árabes, fez confundir, desde os romanos, fogão e lar; lar no sentido que se quiser dar à palavra”, mas no Brasil, ressalta o autor, que o calor tropical espantou o fogão de dentro da casa. A cozinha era vista desta maneira “Cozinha separada no quintal. Cozinha no alpendre posterior.

Cozinha em puxado”. (LEMOS, 1978, p.67). Porém, aos poucos, os antigos fogões à lenha foram sendo substituídos pelos aquecidos a carvão “a novidade dos fogões e fogareiros fez ganhar espaço nas cozinhas e, a partir daí, [...] nas casas operárias, cozinhas cada vez menores” (LEMOS, 1989, p.88).

É neste viés que a cozinha dos bangalôs encontra-se ao fundo da edificação, mas agregada ao corpo e à volumetria do telhado. Todavia, muitos costumes ainda faziam parte do cotidiano da população, incluindo o uso do fogão à lenha, porém, em uma época em que já havia possibilidades de cozinhas internas nas capitais, o interior ainda continha os traços dessa cultura “caipira”. Contudo, o bangalô enquadrou-se a uma arquitetura urbana, contemporânea à época, portanto, as cozinhas encontravam-se ao fundo da planta, como de costume, mas faziam parte do corpo da casa, assim como os demais cômodos. Neste caso, as tradições culturais do uso da lenha no interior paulista, mantiveram esse fogão fazendo parte do novo modo de morar de Bauru, dentro dos bangalôs.

Segundo o Código de Posturas de 1928, as cozinhas deveriam ser afastadas dos aposentos e estabelecimentos, não podendo comunicar-se diretamente com os dormitórios e com o banheiro. Ainda consta que, de preferência, as cozinhas deveriam ser um puxado ou anexo.

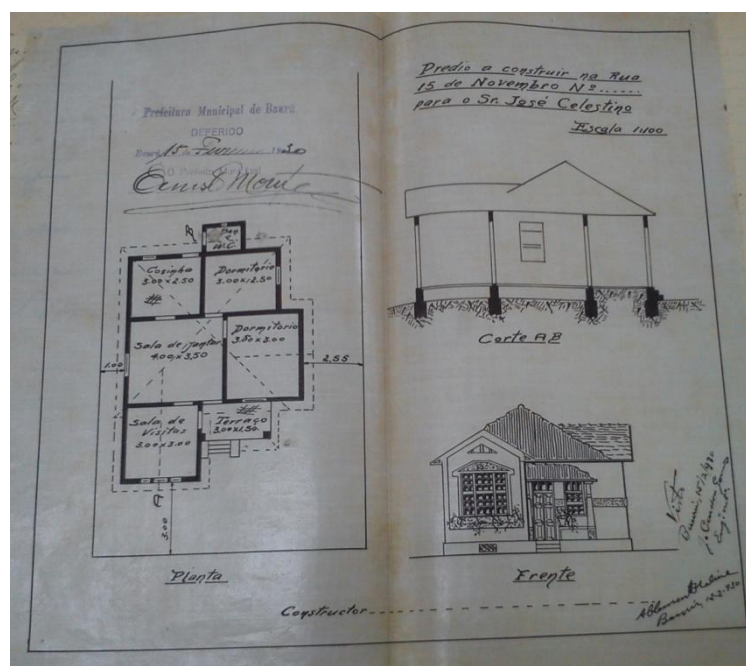
Figura 56 – Bangalô com cozinha como “puxado”. Apêndice - prancha 15.



Fonte: SEPLAN, 2014.

O projeto seguinte (figura 57) diferencia-se, pois o seu cômodo, cuja janela é na fachada da casa, é sala de visitas e não dormitório, como era comum nos bangalôs bauruenses.

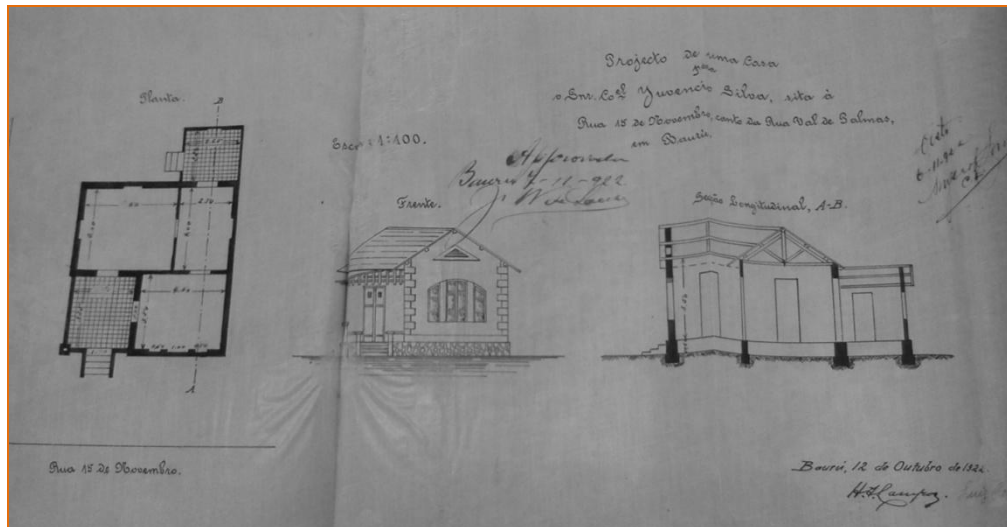
Figura 57 - Bangalô localizado à Rua 15 de Novembro.



Fonte: SEPLAN, 2014.

Os projetos apresentados neste capítulo referem-se aos que se diferem com caráter marcante em relação aos apresentados ao final deste trabalho como apêndice. Dentro deste viés, o seguinte projeto é o mais antigo encontrado, não contem nomenclatura nos cômodos, assim como muitos, e também apenas um dormitório. Contudo, vale ser ressaltado em virtude da sua data 1922 (figura 58), pois mostra que os padrões mantiveram-se bem parecidos até o final do período analisado, nos anos 1940. Possivelmente, este, de acordo com suas características, era do mesmo construtor que elaborou outros denominados “projetos de bangalô” apresentados anteriormente.

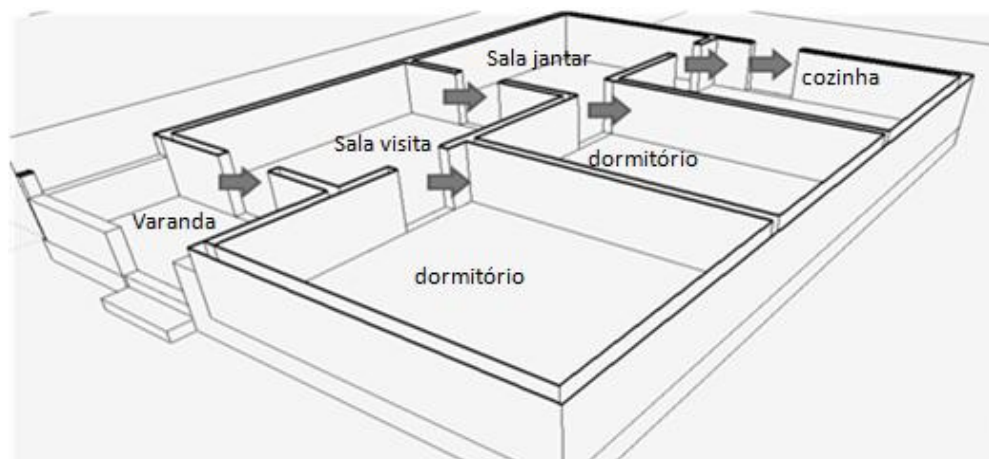
Figura 58 - Bangalô localizado à Rua 15 de Novembro. Apêndice - prancha 1.



Fonte: SEPLAN, 2014.

De forma geral, os bangalôs se modelavam internamente da seguinte maneira: o acesso ao seu interior dava-se através de uma varanda - evidência marcante em um bangalô - que ingressa à sala, à sala de jantar e ambas a um, dois ou três quartos e também à cozinha, que dá passagem ao quintal, onde, quase sempre, se encontrava o banheiro junto ou não à casa (figura 59).

Figura 59– Acessos internos.



Fonte: Esquema de fluxo elaborado pela autora, 2014.

3.1.2 A varanda

“[...] a varanda rural ou urbana é o principal elemento filtrante do exterior, permeando apenas o que interessa à intimidade da família [...]” (VERÍSSIMO 1999, p.30)

Segundo Lemos (1996, p.9), “a casa tem que ser entendida como um invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas, enquanto oferece as mais variadas possibilidades de proteção”. A partir disso, vale destacar a questão da varanda que ajuda a capacitar a correção das manifestações climáticas, em países tropicais.

Mas como o alpendre chegou ao Brasil? Há muitas conjecturas e, na verdade, este breve texto não pode estender-se às minúcias investigativas a respeito de origens de agenciamentos arquitetônicos. Só queremos lembrar que sempre é lembrada a experiência oriental. Certamente, o bangalô indiano influenciou a moda do alpendre na arquitetura dos engenhos de açúcar pernambucanos, devido à presença de técnicos ingleses, durante a instalação da estrada de ferro, somente na segunda metade do século XIX, como recentemente demonstrou o arquiteto Geraldo Gomes. Agora, basta lembrarmos que o alpendre se tornou uma constante brasileira na casa rural (LEMOS, 1993, p. 98).

A palavra varanda tem variantes de aceção conforme a época, mas tem origem oriental, assim como a palavra bangalô, Lemos (1996). Está mais ligada a um caráter de local de lazer refrescante na casa tropical, enquanto que alpendre⁶⁶ vincula-se com a construção anexa à casa. Ao contrário de Lemos (1996), que fez uso da palavra varanda em seu livro, sendo ela alpendrada ou não, nesse texto se fará uso da palavra varanda - quando se tratar de um bangalô - sempre que ela for alpendrada, afinal, faz parte da particularidade de um bangalô tropical.

Enquanto nos exemplares rurais o alpendre ou a varanda é constante em todo o período colonial, nas cidades tal fato não ocorre. Pelo menos à vista dos transeuntes, pois esse próprio elemento arquitetônico volta-se para o

⁶⁶ [...] telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em sua extremidade por colunas, tendo como função fazer sombra à construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol (Lemos, 1996).

quintal, para os fundos, criando uma área de convívio de família, distante dos olhares curiosos dos passantes (VERÍSSIMO, 1999, p.32).

Lemos (1996) aponta que a varanda era utilizada na arquitetura brasileira urbana podendo vir a ser alpendrada ou fazer parte do corpo da casa integrando a cozinha, que se localizava na parte externa aos demais cômodos. Nela poderiam ser feitas as refeições, os descansos, as reuniões em família, porém, a dos bangalôs servia como proteção ao clima quente, mas também podia acolher uma ou mais pessoas sentadas em cadeiras, descansando aos finais de semana, conversando após um dia cansativo de trabalho, ou para vedar o interior da casa à rua, ou que pudessem observar a rua, sentadas à varanda da casa. Mais tarde, esta, mencionada por Lemos (1996), transforma-se em sala de jantar, diz o autor que isso ocorreria a partir dos meados do século XIX, pelo menos em São Paulo.

A aplicação do alpendre se tornou habitual nas casas rurais coloniais e nas chamadas casas bandeiristas, afinal, a mesma varanda alpendrada, que encantou os ingleses na Índia, já havia cativado, antes deles, os portugueses, que trazem essa solução para o calor do Brasil.

Bruand (1981) coloca que, sem dúvida, o clima foi o fator físico que mais interferiu na arquitetura brasileira, logo, ele apresenta o exemplo das casas rurais do período colonial, ressaltando a importância de generosas varandas para atender a necessidade do excesso de calor e luminosidade. O alpendre das fazendas chegou às casas urbanas e definiu-se como “peça que servia à separação de classes”. (SAIA, 2005, p.209).

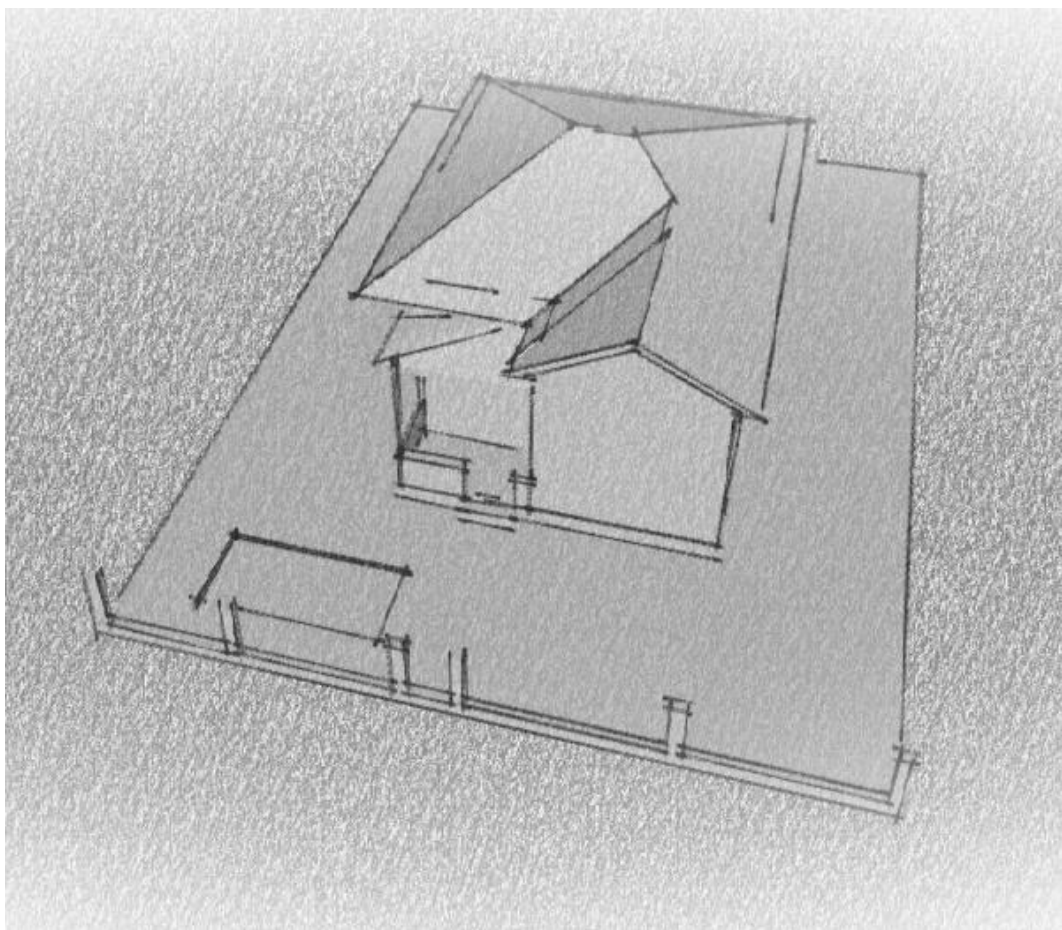
Ressalta Lemos (1989) que, talvez o alpendre, sombreador das paredes das casas coloniais rurais, tivesse vindo da Índia, trazido pelos portugueses que perceberam as qualidades do conforto existente no bangalô, que era a casa rural alpendrada daquele país. Ambos os países colonizados eram de clima tropical e os colonizadores europeus estavam acostumados com o clima mediterrâneo ou temperado.

Desta maneira, nota-se que o bangalô já era observado e tido como uma referência quanto ao seu conforto térmico. Mesmo tendo chegado ao nosso país nos séculos seguintes, sua característica marcante, a varanda, compunha uma arquitetura que buscava aprimorar a edificação de nossos colonizadores, desacostumados ao calor brasileiro.

3.2 “Roupagens”

A volumetria do bangalô segue, em grande parte dos edifícios analisados, os parâmetros da imagem a seguir (figura 60). Telhado com várias águas, recuo frontal de três metros, recuos laterais, presença de jardins. Essa seria a “casa tipo” mencionada anteriormente, contudo, em meio a sua simplicidade, era possível adorná-lo de maneira agradável e condizente com o período em que seria construído e com o gosto do construtor ou proprietário, ou com a moda.

Figura 60 – Volumetria de um “bangalô tipo”.



Fonte: Volumetria elaborada pela autora, 2014.

Esses bangalôs, por mais que sejam despojados, possuem “roupagens”⁶⁷ arquitetônicas, ou seja, eles se revestiam com certa delicadeza e singeleza do mesmo ecletismo do momento, só que de maneira sutil; de *art nouveau* com arranjos florais e sinuosos, especialmente nas grades e portões; de neocolonial simplificado; de *art déco* com novas formas urbanas geometrizadas, que adotou uma tipologia de fachada futurista, menos rebuscada, com linhas estilizadas e geométricas, utilizado principalmente para mostrar modernidade à cidade; e de estilo missões de caráter nacionalista, que procura resgatar as origens, diferente dos estilos eclético e *art déco* que tiveram sua origem na Europa.

O ecletismo representava,

Um estado de espírito. Sim, o Ecletismo teria surgido de um estado de espírito sempre olvidado pela maioria dos historiadores muito atentos às formas tangíveis, aos produtos finais, às expressões estilísticas [...] pressupõe coletividade imbuída de uma libertação romântica, que todas as vezes acaba traindo a razão. [...] é uma questão de afirmação personalista de cada um na multidão. [...] seria uma somatória das criações individuais, cada qual com sua explicação. [...] é a linguagem eufórica da liberdade calcada na nova tecnologia (LEMOS, 1987, p. 70).

Este era “a par de novos partidos, nova ornamentação, novos estilos” (LEMOS, 1989, p. 50). Desta forma, essa linguagem estava presente na maior parte dos bangalôs, porque muitos apresentavam os “rendilhados” em madeira como acabamento nas varandas e esse elemento o aproxima da linguagem mencionada. Como o bangalô não é um estilo e sim um tipo de morada vinculado à praticidade e na sua origem à vernacularidade, a maioria dos bangalôs são caracterizados neste trabalho conforme suas roupagens através de seus ornatos decorativos, porém, alguns possuem, na sua construção, elementos de determinada linguagem, como é o caso do arco nos edifícios denominados como missões ou, como exemplo, a figura 61, que possibilita uma somatória de estilos, resultando no ecletismo, através de suas colunas clássicas e frontão, e a janela da frente com arco ogival.

⁶⁷ As roupagens dos bangalôs foram identificadas em cada projeto analisado, porém, as fotografias dos bangalôs ainda existentes e pouco descaracterizados retratam de maneira fiel a questão abordada.

Figura 61 – Bangalô com “vestimenta” eclética, sito à Rua Gustavo Maciel. Provavelmente os ornatos são posteriores ao período de sua construção.



Fonte: Foto da autora, 2015.

É possível destacar alguns elementos decorativos que adornavam os bangalôs, como a imagem abaixo (figura 62), as grades na janela, a porta, os portões e os gradis apresentam uma linguagem *art nouveau*, - embora sejam posteriores ao período de construção do bangalô - com suas linhas curvas remetendo a elementos florais bem comuns no *art nouveau* ⁶⁸, conforme Ducher (1992), foi um movimento europeu, que, ao contrário do ecletismo, procede mais por fusão ou por síntese do que por adição ou acumulação. Assim, tendia a criar uma relação orgânica entre o ornamento e a função do objeto. E seus traços remetiam à linha “CHICOTADA”, que seria assimétrica e exprime dinamismo (ritmo e contra-ritmo); a FLORA, que mostra uma relação intimista com a natureza, conservando o princípio de vida, ou seja, os botões das flores. Ondulações, entrecruzamento de caules associados às flores (papoulas, crisântemos, orquídeas, lírios); à TENDÊNCIA À ABSTRAÇÃO: associava-se a fusão e à união do ornato com a

⁶⁸ Nos projetos analisados no apêndice, não foram encontradas “vestimentas” *art nouveau*.

estrutura que passa por ondulações e torções que submetem o material - ferro, vidro, pedra - ao seu objetivo⁶⁹.

Figura 62 – Bangalô sito à Rua Antonio Alves, com ornato de gradis posteriores, voltado ao *art nouveau*.



Fonte: Foto da autora, 2015.

O *Art nouveau* assumiu aspectos variados de acordo com o país que se desenvolveu. No entanto, coloca Lemos (1978, p. 105) que, “na verdade, o estilo *Art Nouveau* nunca foi bem compreendido entre nós, isto é, não foi na sua essência compreendido pelo povo que aceitava, com certa curiosidade, os objetos daquela corrente, importados para o guarnecimento das casas”.

Era comum, muitas vezes, nos bangalôs de alvenaria, o beiral e os forros serem feitos em estuque. A figura 62 contém esse detalhe do beiral. Outra questão que vale salientar em relação a essa imagem é o tamanho de sua varanda que se diferencia de muitos, por ser maior em comparação com os demais, tornando possível entender a varanda não só apenas como proteção do meio exterior do calor, mas sim, relacionada ao lazer, ao descanso que ela promoveria a várias pessoas da família. Num final de tarde ou no final de semana, os familiares e amigos poderiam juntar-se na varanda para contemplar o movimento da Rua Rio Branco, no

⁶⁹ Ducher 1992.

centro de Bauru. Provavelmente, a dimensão desta esteja ligada ao poder aquisitivo da família, à localização e ao gosto do proprietário pela estada no local, bem como ao número de integrantes da família e do convívio do dono ou, simplesmente, seria para acompanhar as dimensões do corpo da casa.

Outra linguagem é representada nos adornos dos bangalôs, o neocolonial, “nascido da reação contra o ecletismo dominante nos primeiros anos deste século, o neocolonial encontrou sua justificativa na ânsia de buscar, nas formas construtivas tradicionais do Brasil, uma arquitetura que pudesse ser definida como genuinamente autóctone” (KESSEL, 1999, p. 65)⁷⁰. Assim, buscava uma estética nacionalista, foi uma representação moderna ao período e, segundo Lemos (1989), foi um estilo que nada tinha de brasileiro, era mais voltado ao barroco lusitano das casas, afinal, inspirava-se nos moldes da arquitetura historicista europeia, surgida no século XIX.

Deste modo,

Voltou-se aos seus princípios e foi buscar nos primórdios coloniais a inspiração na materialização de seu desenvolvimento. Até os Estados Unidos, na Califórnia, por exemplo, houve esse movimento recordador da civilização material espanhola [...] as revistas mundanas trazendo notícias holywoodianas mostravam que até na terra do cinema era válida a inspiração na arte colonial e o “estilo missões” aqui veio fazer verdadeira concorrência ao neocolonial, quando não se mesclava a ele em verdadeiras soluções sincréticas onde predominavam os pequenos pátios internos e caprichosos trabalhos de “serralheria artística” tema que nunca foi de muito agrado da arquitetura lusitana e ainda menos da nossa, colonial (LEMOS, 1989, p. 183).

Fizeram parte das roupagens dos bangalôs bauruenses, tanto o neocolonial quanto o estilo missões. Ambos resgatam a tipologia de uma arquitetura colonial, e são considerados neocoloniais, porém, neste trabalho são nomeados separadamente por conterem algumas características diferenciadas, o neocolonial “brasileiro” remete às casas coloniais portuguesas, enquanto que o missões é mais voltado às casas coloniais espanholas existentes nos Estados Unidos. A

⁷⁰ KESSEL, Carlos. *Estilo, discurso, poder: arquitetura neocolonial no Brasil*. In: *História Social*, n. 6, p. 65-94, 2011.

maioria dos bangalôs com vestimenta neocolonial aproxima-se do neocolonial simplificado⁷¹.

A respeito deste assunto, Lemos (1989) ressalta que, após os anos de 1920, o país voltava-se a seus princípios e foi buscar nas origens coloniais a inspiração de seu desenvolvimento materializado. Até na Califórnia, nos Estados Unidos, houve esse recordar da civilização material espanhola. “O “*estilo misiones*” aqui veio fazer verdadeira concorrência com o neocolonial [...]”. (LE MOS, 1989, p. 183).

Na figura 63, o que mostra o caráter neocolonial são os adornos em forma de voluta, as telhas utilizadas como ornamentação, as colunas torsas ou salomônicas e a presença de arco. Conforme Janjullo (2009), o bangalô foi o resultado do movimento *arts and crafts* inglês, ocorrido nos Estados Unidos, e, dentro desta vertente, o movimento do estilo missões se enquadraria perfeitamente na temática do *arts and crafts*. É possível notar que a popularização do bangalô se deu a partir de ambos os eventos, afinal, estão interligados, dificilmente se fala de *arts and crafts* ou do estilo missões ou até mesmo do neocolonial, sem sequer abordar a tipologia do bangalô, e este compôs ricamente esse cenário.

⁷¹ Em um momento, no pós-guerra, o ferro, o vidro, as chapas galvanizadas, as ferragens de esquadrias, o cobre se tornaram caros ou até mesmo proibidos. Neste contexto, aponta Lemos (1989), que por falta até de melhor denominação chamaria as residências com certo “retrocesso” na maneira construtiva, de neocolonial simplificado que não exigia nada além de cal, tijolo, areia e telhas capa e canal, seus beirais em estuque e com tijolo à vista.

Figura 63 – Bangalô com roupagem neocolonial sito à Rua Inconfidência.



Fonte: Foto da autora, 2012.

Nos países da América Latina, a confusão e a convivência com o Mission Style, com o Bangalô, e com o Californiano, também aconteceu como no Brasil, com o acréscimo de que em muitos desses países surgiram outros estilos que resgatavam uma cultura anterior ao período colonial. A ruptura com o academicismo esteve presente e envolveu a questão Neocolonial em quase toda a América Latina, porém, desenvolveu-se de maneira diferente em cada um dos territórios, seja devido a questões políticas, artísticas ou culturais. (CARVALHO⁷², 2002, p.159)

Muitos bangalôs apresentam poucos ornamentos, como na figura 64, mas o adorno no oitão da fachada é sempre usual. As aberturas das varadas dão ao edifício um caráter voltado mais para uma tendência estilística do que à outra. No bangalô abaixo, a entrada em arco “abatido”, ou como se costumava dizer “boca de forno”, de sua varanda, caracterizam-no com uma roupagem missões.

⁷² Carvalho (2002) aborda em sua pesquisa a arquitetura neocolonial e dentro deste viés expõe a popularização do bangalô na Califórnia.

[...] deve-se dizer da pertinência de enxergar o Mission Style como um fator cultural de união das Américas, divulgado dentro do debate pan-americanista tão presente nas décadas iniciais do século XX. [...] Teria sido a fusão do missões com o estilo tradicional brasileiro algo que pôde equiparar, pelo menos em termos arquitetônicos, Brasil e Estados Unidos, naquelas décadas da primeira metade do século XX? (ATIQUE, 2007, p.306).

Figura 64 – Bangalô com roupagem missões sito à Rua Batista de Carvalho.



Fonte: Foto da autora, 2012.

Alguns, ainda apresentam suas esquadrias originais em madeira, outros, como neste a seguir, substituídas por metal. Este exemplo (figura 65) mostra bangalôs com garagem ao fundo, uma construção mais atual, devido ao uso da telha de fibrocimento, contudo, o costume de se deixar um recuo maior em uma das laterais era comum, por isso, talvez essa garagem existisse desde a construção do bangalô e foi reformada depois, ou apenas havia o espaço e sua construção foi feita recentemente.

Figura 65 – Bangalôs com varanda “boca de forno”, localizados à Rua Antônio Alves e à Rua Aviador Gomes Ribeiro.



Fonte: Foto da autora, 2012, 2014.

Existem inúmeras habitações edificadas seguindo a volumetria do bangalô, porém, encontram-se localizadas no alinhamento frontal, como na imagem abaixo,

além disso, algumas também faceavam os alinhamentos laterais. Esses edifícios seguiam duas vertentes: a de um bangalô, com jogo de telhados, varanda, acesso aos cômodos dado pela sala, jardim lateral que chega até a frente. Esse recuo era deixado, muitas vezes, para que este desse abertura a uma garagem localizada ao fundo, não identificada em projeto, pois, como era uma construção independente, poderia ser construída depois da casa. A segunda vertente seria o proprietário querer um bangalô, mas manter as características de implantação das casas ecléticas ainda em voga, uma vez que as exigências do Código de Posturas⁷³ para o bangalô só vão ser inseridas em 1928.

Neste trabalho serão evidenciados os bangalôs locados no centro do lote, ou alinhados em uma das laterais, fato que não extingue a possibilidade da existência de bangalôs, localizados no alinhamento, sobretudo frontal (figura 66).

Figura 66 – Bangalô em alinhamento frontal, sito à Rua 15 de Novembro.



Fonte: SEPLAN, 2014.

O bangalô da figura 67 é mais simples, situado na Vila Falcão, local onde habitavam operários, devido à proximidade com a ferrovia – conforme mencionado

⁷³ Devido ao bangalô (figura 66) encontrar-se no alinhamento, seu pé direito é de quatro metros, não sendo reduzido, como se exigia no Código de Posturas de 1928, já que se trata de uma edificação de 1930.

no capítulo anterior. Nota-se que não há construção ao fundo e nem espaço na parte frontal. Seu lote é reduzido, logo, ele foi construído em um dos alinhamentos laterais. Contudo, em meio a sua singeleza, não deixa de conter o adorno no oitão.

Figura 67– Bangalôs em um dos alinhamentos laterais, Vila Falcão.



Fonte: Foto da autora, 2014.

Alguns bangalôs com roupagens *art déco* também foram encontrados. Embora o *art déco* tenha surgido através de experimentações, técnicas e formas, executadas sobre o concreto armado, com linhas circulares ou retas, estilizadas,

geométricas do design abstrato, com influências do construtivismo, futurismo e cubismo, nos bangalôs bauruenses essa roupagem é feita seguindo a expressão construtiva habitual em alvenaria, não há presença do concreto armado nessas vestimentas, contudo, se revestem de elementos geometrizados elaborados na massa de reboco.

Nada marcou mais o cenário arquitetônico das cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1940 que a arquitetura de tendências *art déco*, que se mostrou capaz de colocar-se como expressão de modernidade, posição que seria ocupada na década seguinte pela arquitetura moderna. Em construções novas ou em fachadas reformadas, a linguagem *déco* foi durante aquelas duas décadas, a expressão de renovação da arquitetura de maior alcance junto a diferentes segmentos da população (CORREIA, 2008, p.52).

O *art déco* foi suporte formal para inúmeras tipologias arquitetônicas que se afirmavam a partir dos anos 1930⁷⁴, expõe Segawa (1999) em seu livro “Arquitetura no Brasil 1900-1990”. Ainda, conforme o autor, essa linguagem reafirma a característica de uma arquitetura de vanguarda, demonstrando ser modernizadora à época. E, no que diz respeito a Bauru, esta tendência foi fortemente expressa pelo Edifício Sede da Noroeste do Brasil, provocando ressonâncias entre os demais edifícios (figura 68).

⁷⁴ A crise de 1929 talvez tenha provocado [...] talvez na curva das construções paulistanas e a partir dessa depressão podemos dizer que se iniciou verdadeiramente o império do concreto armado, até então empregado com muita timidez entre nós. Só nos anos trinta é que o concreto armado foi empregado sistematicamente nas residências da classe média, sempre escamoteado por vestimentas e tratamentos plásticos ligados agora a um novo estilo em moda, o *art déco*. (LE MOS, 1989, p.201).

Figura 68 – Bangalô sito às Ruas Alfredo Ruiz e Antônio Alves, com linguagem *art déco*. Provavelmente com garagem feita posteriormente.



Fonte: Foto da autora, 2015.

A imagem seguinte (figura 69) revela bangalôs que se diferenciam dos mais comuns à época, todavia ainda assumem liberdade no lote, em virtude dos recuos, varandas de acesso ao interior, jardim, jogos de telhados, estes, mais diferenciados em relação aos encontrados nos projetos de prefeitura e aos fotografados.

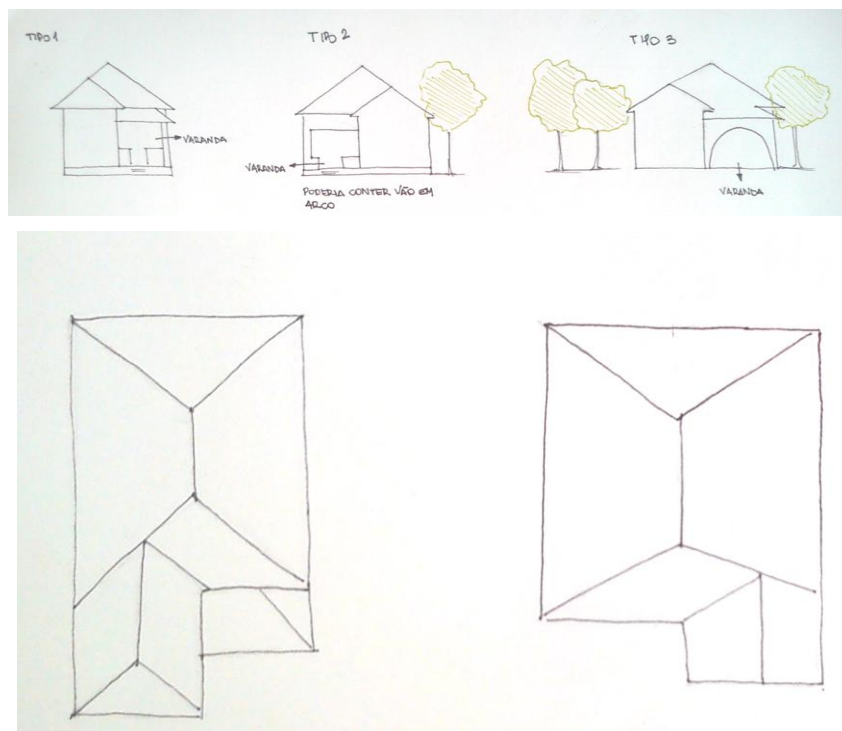
Figura 69– Bangalôs que se diferem dos demais encontrados, localizam-se às Ruas Albuquerque Lins e Alfredo Ruiz.



Fonte: Foto da autora, 2015.

Por fim, além dos exemplos mostrados através das fotos, os parâmetros dos bangalôs, variam de acordo com a imagem abaixo (figura 70) em relação à cobertura e abertura da varanda, à presença de oitão ou não na fachada.

Figura 70 – Tipologia geral dos bangalôs obtidos.



Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2015.

Os bangalôs menores, ainda mais compactos que os do subúrbio, tornaram-se, em Bauru, frequentemente utilizados pelos operários qualificados e isto se pode observar através de um bairro ainda existente, a Vila de Santa Izabel (figura 71 e 72) e do projeto (figura 73) encontrado junto às plantas investigadas.

Figura 71 – Vila Santa Izabel, antes e depois. Ainda existem alguns bangalôs.



Fonte: NUPHIS, 2015; foto da autora, 2015.

Figura 72 – Vila Santa Izabel, bangalô localizado na esquina das Ruas Alfredo Ruiz e Aviador Gomes Ribeiro.

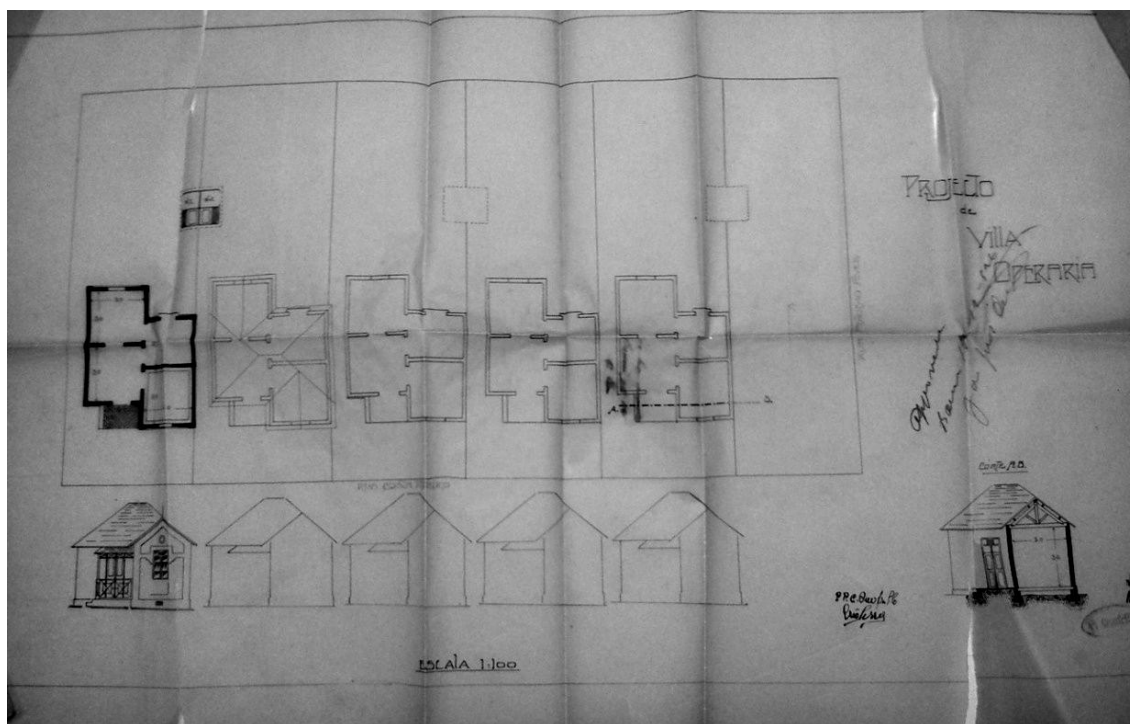


Fonte: Foto da autora, 2015.

A figura 73 representa uma Vila que, provavelmente, seria construída na Rua Costa Ribeiro, atual Presidente Kennedy, confrontando com a Rua Antônio Alves, porém, não há indícios de que tenha sido realmente executada, no entanto, no projeto encontrado na prefeitura, nota-se que a tipologia que compreenderia a Vila é predominantemente a dos bangalôs. Estes apresentariam recuos, mas não o recuo lateral direito, talvez por causa do tamanho dos lotes. Contudo, vale ressaltar que não impediria a disposição das janelas em todos os cômodos. Não há bangalôs em Bauru que não possuam aberturas para o exterior em todos os seus cômodos.

Outro dado dessa imagem é que os banheiros, independentes e ao fundo, até por facilidade de execução e diminuição de gastos, seriam feitos no alinhamento do terreno vizinho, sendo construídos de forma geminada, no sentido de aproveitarem uma mesma parede de encanamentos.

Figura 73 - Projeto de Vila Operária na Rua Costa Ribeiro.



Fonte: SEPLAN, 2014.

3.3 Do campo à cidade: bangalôs urbanos

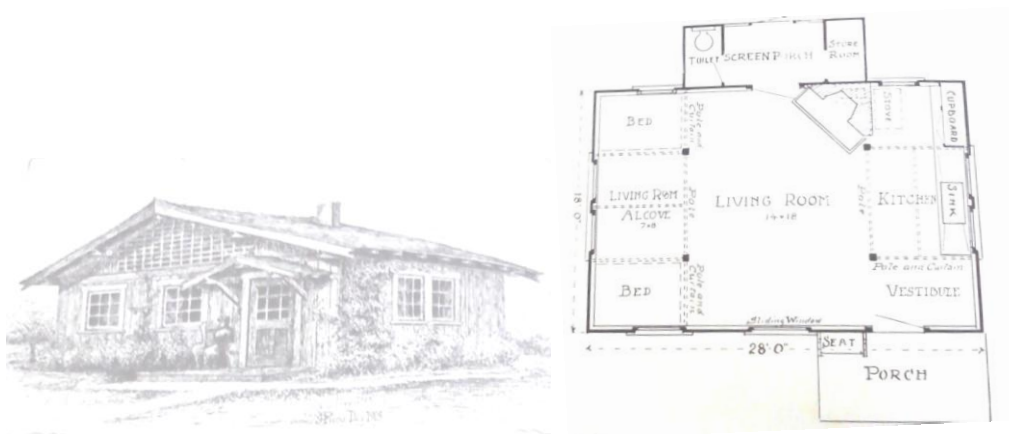
A partir dos tempos de outrora há uma conexão entre uma cidade propriamente dita e o que era chamado de cite na Idade Média e os burgos, hoje conhecidos como arrabaldes, “daí a articulação centro - cidade - bairros - subúrbio” (LE GOFF 1998, p.143). Fato que ainda pode ser observado tratando-se da análise abordada neste trabalho em relação à trajetória do bangalô do campo até o subúrbio, chegando à região central.

Desde a origem do bangalô foi possível observar a sua proximidade com o campo, com a zona rural ainda distinta da cidade, mas que com o tempo foi incorporada a ela transformando-se em subúrbios, mencionados anteriormente. Mesmo assim, ao adentrar a Inglaterra, o bangalô trazia esse caráter de ligação com a natureza, de fuga da cidade. Contudo, em consequência a se localizarem em

zonas suburbanas ou até mesmo em zonas rurais ainda existentes, o bangalô inglês e o norte-americano apresentam características distintas dos pesquisados, e, principalmente, dos destinados aos operários no Brasil.

Muitas vezes, essa arquitetura era representada, na imagem do bangalô abaixo, mesclando duas vertentes: a do bangalô dos colonizadores britânicos – quanto à representação da planta - e a do primeiro bangalô inglês – quanto à volumetria. É possível notar a proximidade desse bangalô Californiano ao bangalô apresentado no primeiro capítulo (figura 5), onde existe um cômodo central que dá acesso aos demais. Além de remeter a essa tipologia, a imagem também se aproxima externamente do primeiro na Inglaterra, apresentado por Lancaster (1985) (figura 74). Pode-se notar que iam sendo agregadas, substituídas, modificadas várias características presentes nessa arquitetura.

Figura 74 – Bangalô localizado na Califórnia, 1909.



Fonte: Lancaster, 1985, p.186.

O bangalô norte-americano retoma o que era abordado por King (1982), ou seja, este estaria mais vinculado a um espírito campestre, não seguiria necessariamente os requisitos do bangalô dos colonizadores britânicos nem o vernacular, estaria agregando valores culturais de acordo com a região em que se implantou.

Desta forma, a região onde a arquitetura exterior se fixa, a ela se incorporam influências locais, agregando ao edifício características únicas, que não o descaracterizam, mas possibilitam novas percepções ao analisar ou observar essa “arquitetura nova”.

Estava marcada a entrada definitiva do bangalô à cidade, chegando pelos subúrbios e posteriormente adentrando regiões centrais, sua inserção no centro urbano é um exemplo de que a expansão da cidade envolveu parte da zona rural e, como uma onda do mar, trouxe de volta com ela a natureza que poderia estar presente no lote e na tipologia do bangalô, seguindo essa sequência: do campo para o subúrbio, do subúrbio para o centro urbano. Conforme Janjullo (2009, p.216), ele era “[...] térreo, como raramente se encontra na Inglaterra, e remete ao bangalô americano. Este tipo de casa térrea se tornará muito comum no Brasil, popularizado como habitação de baixa renda”.

[...] na versão brasileira, as varandas arejadas se limitam àquela pequena, que protege a porta de entrada; as amplas salas de estar e jantar são duas pequenas saletas conjugadas; a lareira agradável, apenas uma chaminé decorativa e as linhas baixas do telhado, apenas as da pequena varanda. (JANJULLIO, 2009, p.239).

O bangalô conquistou inúmeras regiões do Brasil. Desta maneira, Elias et. al. (2014) comenta a respeito dos bangalôs em João Pessoa, sendo possível notar que o mesmo ocorreu em Bauru.

Dentre as tipologias residenciais existentes para a livre escolha de seus proprietários, os bangalôs foram uma das mais utilizadas, chegando inclusive a ganhar uma "versão" com dois pavimentos que, embora não mais se configurasse como um bangalô autêntico, claramente demonstrava a preocupação em atender os traços básicos que o definiam. Não obstante, a conformação térrea foi a mais comum, por ser mais acessível às famílias de classe média, uma vez que demandava menos tecnologia e materiais. (ELIAS et. al., 2014, p.904).

No Brasil, os bangalôs organizavam-se desta forma:

Os esquemas distributivos pouco variaram, organizando os três setores básicos de uma residência social, íntimo e de serviços em plantas retangulares ou quadradas. O padrão era o de casas relativamente modestas, cujo programa comportava no máximo três dormitórios. (WOLFF, 2001, p.190).

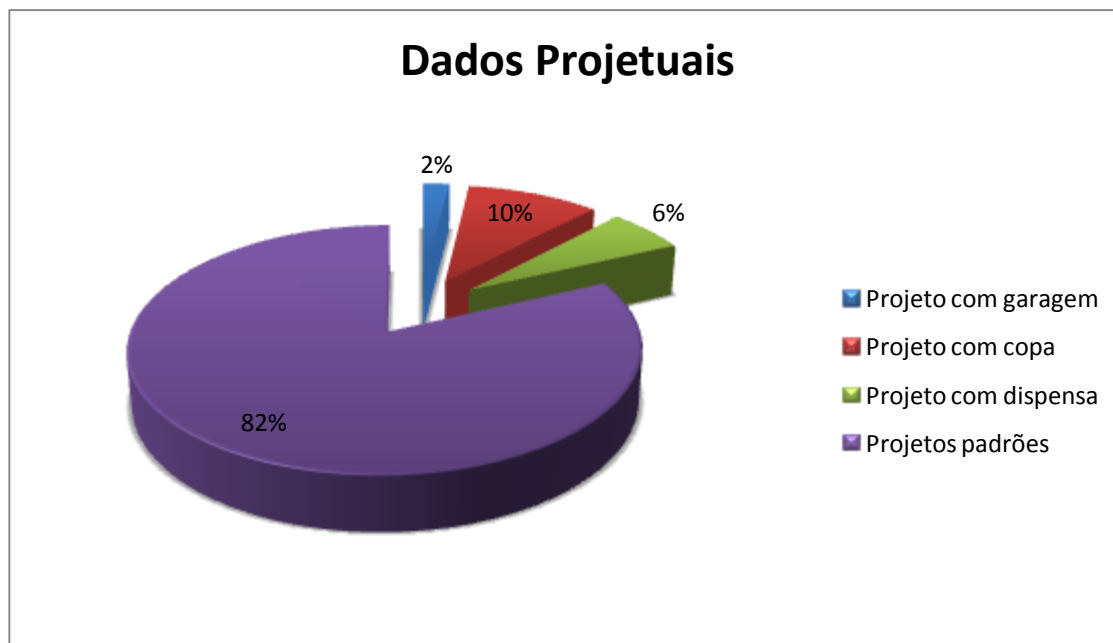
Essa foi a ideia que adentrou a cidade, afinal, não era só atraente, mas também atendia às normas higiênicas,

A ideia higiênica da habitação unifamiliar, isolada e devidamente compartimentada, com jardim em frente para a ocupação moral do tempo livre e bem-disposta em arruamentos e conjuntos planejados, se espalharia ao mesmo tempo pela opinião e pelo espaço com impressionante rapidez. [...] E não foi por acaso que, a partir da década de 30, os ícones românticos da arquitetura residencial europeia como o cottage, o bungalow e o chalet, viessem a fornecer o modelo inspirador de um sem-número de paraísos proletários e vilas populares construídas pelo Estado e pelo empresariado local (LIRA, 2002, p. 56, apud ELIAS et. al., 2014, p. 903).

Em Bauru, por exemplo, o bangalô atenderia aos requisitos exigidos pelo Código de Posturas referentes às vilas operárias que deveriam ser edificadas em local salubre e que foi facilitada a ventilação e iluminação do edifício, desta maneira, a localização ao centro do lote da maioria dos bangalôs facilitaria essa questão abordada pelo código.

Ao serem analisados os exemplares de projetos - apêndice - obtidos junto à secretaria de planejamento de Bauru, alguns dados os evidenciam diferenciando-os dos demais bangalôs mencionados neste trabalho, podendo ser eles, indianos, ingleses ou norte-americanos. Os dados são: na questão do projeto como um todo, a maioria encontra-se dentro do padrão: sala, cozinha, banheiro e quarto, independente da quantidade dos mesmos, a minoria vai conter algo diferente, como a presença de garagem, copa ou despensa (figura 75).

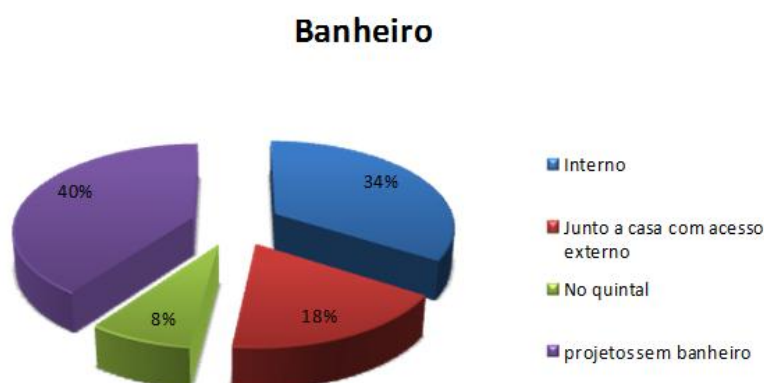
Figura 75 – Gráfico com representação dos itens incomuns que aparecem em alguns bangalôs.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, 2016.

Quanto aos banheiros (figura 76) encontrados nos bangalôs de Bauru, poucos projetos contêm a representação destes ao fundo do lote. A maioria dos projetos não tem o banheiro em planta, o que leva à dedução de que estes existiam também ao fundo do lote, provavelmente, seriam latrinas. Em geral, pode-se concluir que existiam banheiros internos, no quintal e externos, junto ao corpo da casa.

Figura 76 – Gráfico de estudo dos banheiros.

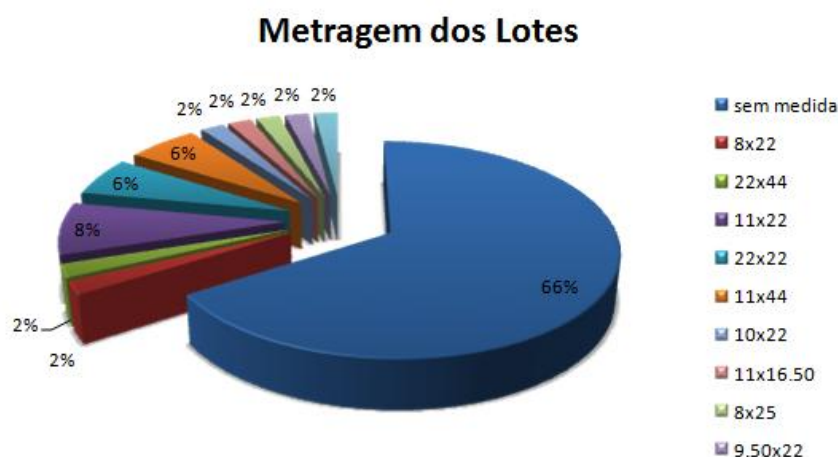


Fonte: Gráfico elaborado pela autora, 2016.

As metragens dos lotes (figura 77) variavam de 8m, 9.50m, 10m, 11m, 22m de testada a 16.50m, 22m, 25m e 44m de profundidade, variando de 180 a 970 metros quadrados, sendo que os poucos encontrados com maior metragem poderiam conter mais de um bangalô no mesmo lote, conforme mencionado em capítulo anterior.

A maioria dos bangalôs encontrados localizava-se no centro do terreno, o que possibilitava seu aproveitamento, por isso, os recuos eram utilizados, na frente para uso de jardins, na lateral ao acesso à garagem ou à despensa fixadas ao fundo, ou até para plantação de árvores frutíferas, e neste mesmo quintal poderiam ser criados animais.

Figura 77 – Gráfico com a representação dos tamanhos dos lotes encontrados.

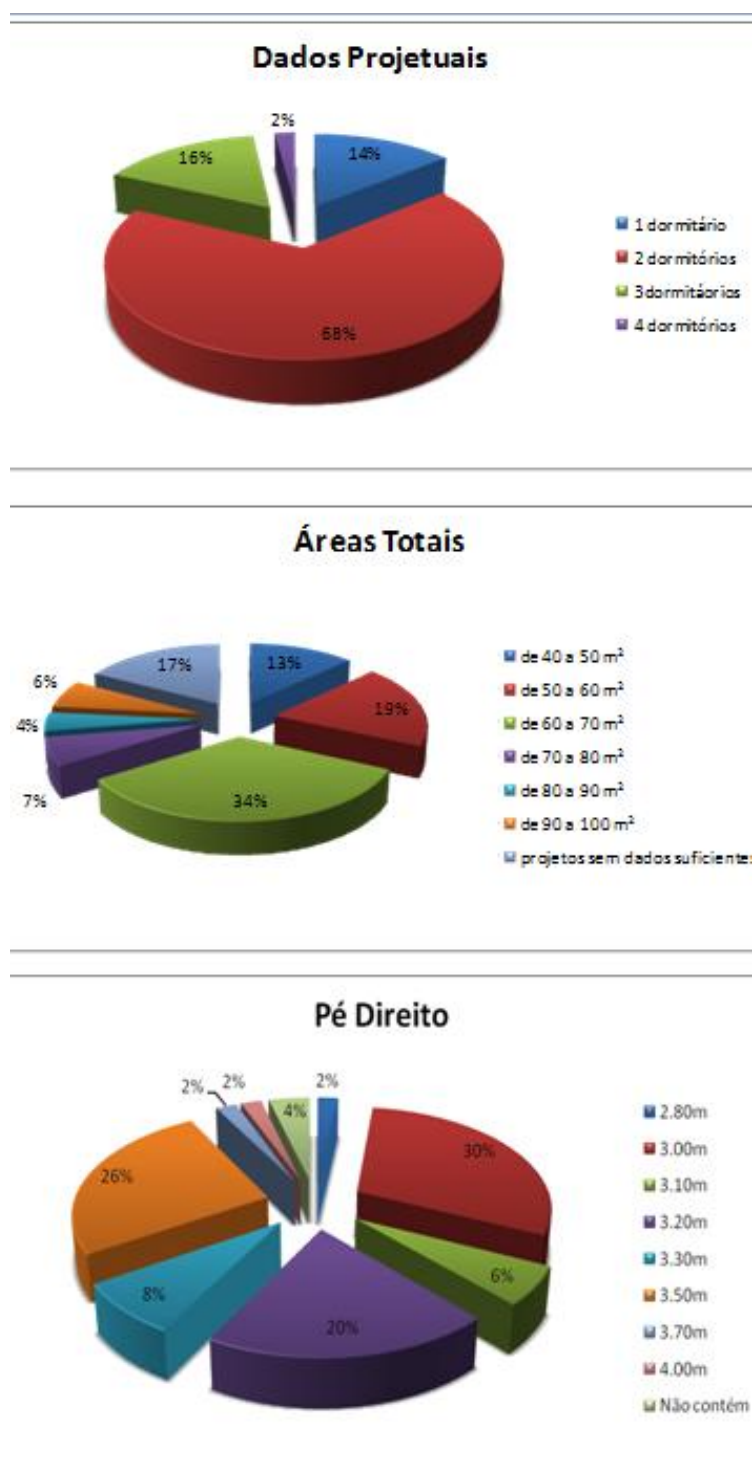


Fonte: Gráfico elaborado pela autora, 2016.

Quanto aos dormitórios, a maioria deles possuía dois e a minoria quatro, fato determinante na área total do bangalô, que era comum ser de aproximadamente 70 metros quadrados.

Quanto ao pé direto, este atenderia ao mencionado no Código de Posturas de 1928 que poderia ter a metragem mínima de três metros, devido ao recuo frontal de quatro metros, porém, esses recuos, nos projetos que o continham, não atendiam a essa especificação, eles eram um pouco menores (figura 78). Portanto, seguindo essas características gerais, os bangalôs analisados atraem singularidade e personalidade a uma arquitetura campestre e urbana em Bauru.

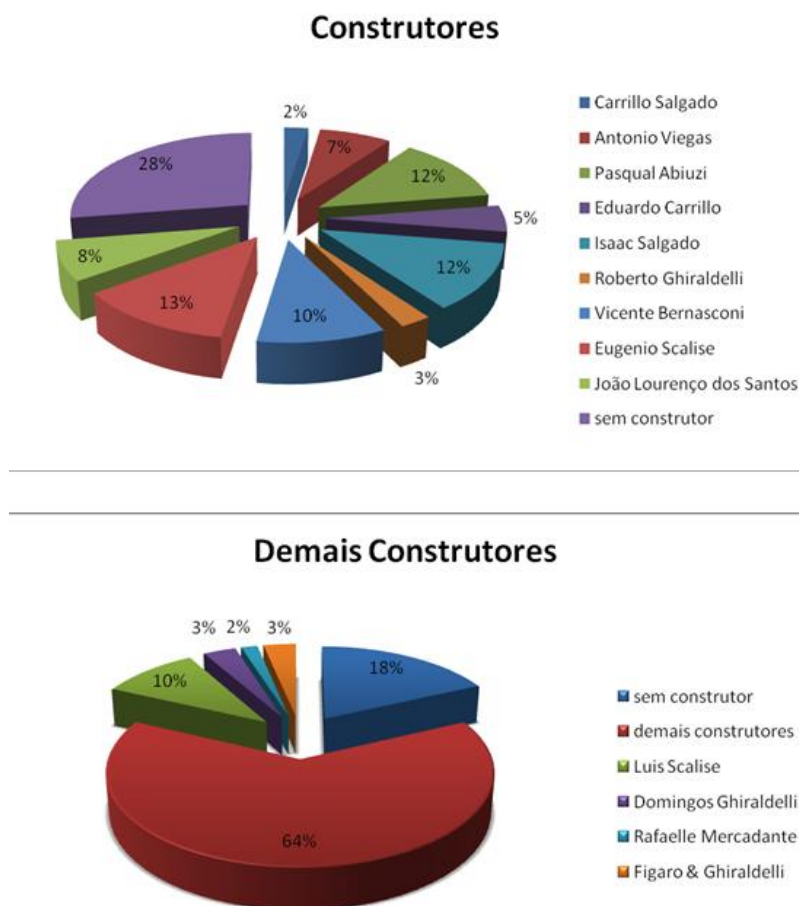
Figura 78 – Dados gerais de projeto.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, 2016.

Nesta época, alguns construtores se destacavam. Porém, em muitos projetos, os mesmos, não eram especificados. Os seguintes gráficos demonstram os construtores que elaboraram os projetos em apêndice (figura 79).

Figura 79– Gráfico demonstrando a relação dos construtores comuns à época.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora, 2016.

Vale ressaltar que a propaganda do construtor Isaac Salgado, continha um bangalô (figura 80), o que demonstra que a tipologia era bastante popular e requisitada na cidade. Os construtores que mais elaboraram projetos de bangalôs foram: Eugenio Scalise, João Lourenço dos Santos e Isaac Salgado.

Figura 80- Propaganda do Construtor em Jornal.



Fonte: Folha do povo 1935, NUPHIS, 2014.

O que de fato difere os bangalôs rurais mais voltados ao *cottage*, ao inglês ou Californiano, dos bangalôs aqui mencionados como urbanos, é a sua forma compacta (figura 81), como se o bangalô tivesse abandonado o excesso do beiral, o uso da chaminé, os entalhes em madeira, o madeiramento aparente vistoso nas varandas, os tijolinhos ou até mesmo as pedras aparentes. Nas cidades brasileiras, inclusive em Bauru, o bangalô adentra a cidade, as vilas ferroviárias⁷⁵, com esse caráter, sendo inovador, acessível. Contudo, continuava salubre, despojado, ainda com jardins, de fácil execução, e como estava simplificado⁷⁶, difere do bangalô campestre, suburbano, porque este se destinava, conforme King (1982), cada vez mais à classe média alta inglesa e norte-americana, como moradia permanente ou de veraneio.

⁷⁵ Ou vilas industriais.

⁷⁶ Esse fator foi bem proveitoso e lucrativo aos investidores em habitações de aluguel ou compradas através de longas parcelas, como citado no capítulo primeiro.

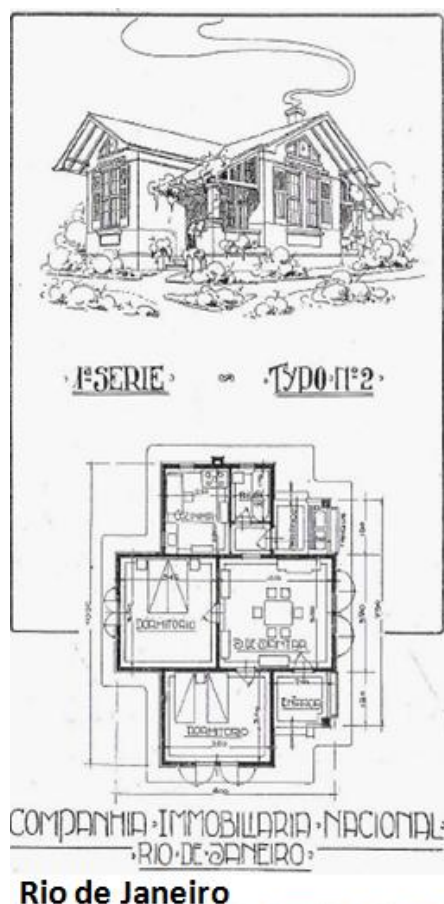
Figura 81– Bangalô sito à Vila Falcão, Rua Albuquerque Lins.



Fonte: Foto da autora, 2015.

O bangalô, já urbanizado, vai além dos limites de Bauru, conquistou diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Pernambuco, entre outros (figura 82).

Figura 82 – Bangalôs em diversos Estados do Brasil.



Rio de Janeiro



Paraíba – João Pessoa



Mato Grosso do Sul – Campo Grande



Minas Gerais – Belo Horizonte



Paraná - Curitiba

Fonte: Janjullo, 2009, p.216; Elias et. al., 2014, p.908; www.skyscrapercity.com, Acesso em junho de 2016; www.circulandoporcuritiba.com.br. Acesso em junho de 2016.

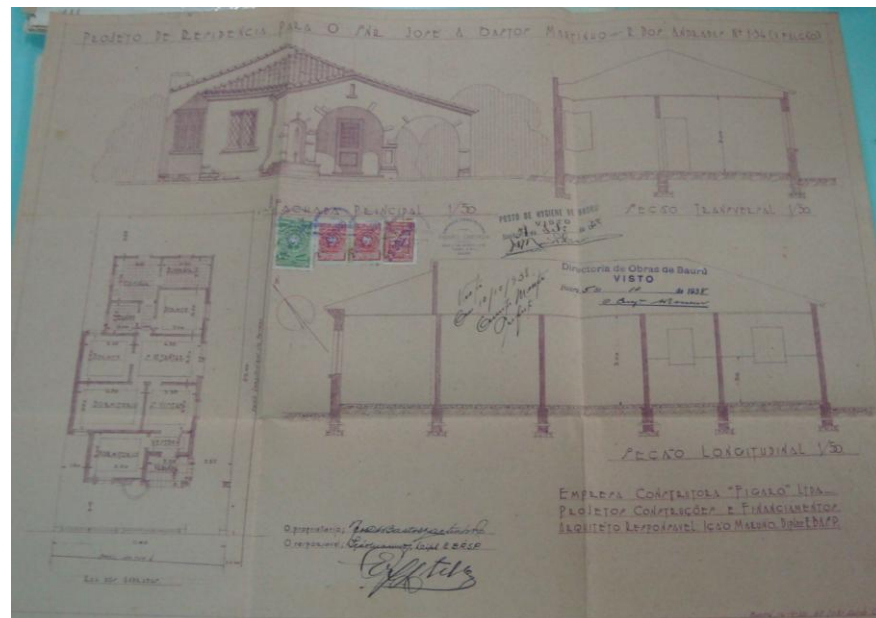
Mesmo em Bauru, os bangalôs também se destinaram aos mais abastados, na área central (figura 83 e figura 84). A edificação abaixo denota uma casa sobrado – de alguém com um bom poder aquisitivo – porém, com elementos tipológicos do bangalô, seguindo as mesmas tendências de roupagens, entrada por varanda, jogo de telhados, afastamento dos limites.

Figura 83 – Bangalô com porte maior em relação aos demais apresentados. Rua Virgílio Malta, centro.



Fonte: Foto da autora, 2012.

Figura 84 – Bangalô com porte maior em relação aos demais apresentados.



Fonte: SEPLAN, 2015.

Em diversas regiões do interior do Estado de São Paulo há bangalôs, principalmente por onde o trem passava. Um exemplo é o bangalô apresentado

como uma das tipologias encontradas na cidade de Rio Claro (figura 85), analisado por Monica Cristina Brunini Frandi Ferreira em sua tese de doutorado⁷⁷. Essa arquitetura foi tornando-se tão usual que até as cidades mais novas, como Arealva, apropriou-se dessa tipologia.

Figura 85 – Bangalôs no interior de São Paulo, Rio Claro e Arealva.



Fonte: Ferreira, 2002; foto da autora 2016.

É importante ressaltar o valor do patrimônio arquitetônico e histórico atrelado aos bangalôs no cenário de Bauru, afinal, segundo Boito (1884), em seu livro “Os Restauradores”, que séculos souberam amar e entender as belezas do passado? E

⁷⁷ FERREIRA, Monica Cristina Brunini Frandi; MEYER, PO REGINA MARIA PROSPERI. *A edificação residencial urbana paulista: estudo de caso-Rio claro, 1930-1960*. 2002. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

nós, hoje, o quanto sabemos amá-las e respeitá-las? Este sempre foi um problema recorrente do passado e ainda é vigente. É necessário compreender que não se pode preservar e desenvolver sua identidade senão pela duração da memória, cita Choay, 2001, em seu livro “Alegoria do Patrimônio”.

Quando se fala em identidade, é notória a questão do patrimônio imaterial também vinculada ao bangalô, uma vez que este,

[...] é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, 2014).

Ao abordar especialmente o assunto residência como um patrimônio imaterial, é preciso compreender que é essencial deixar de lado o fato de, simplesmente, “morar nela”, pois uma habitação compreende, além da função de abrigo, aspectos culturais, sociológicos e abrange diversas atividades que nela são desenvolvidas (LEMONS,1996).

As características no cunho arquitetônico elevam o bangalô ao merecimento de sua preservação como um patrimônio histórico e construtivo que marca a cidade de Bauru, e ainda porque, em seu interior, estava a vida de um burguês, de um abastado e de um operário, onde desenvolviam seus afazeres cotidianos, rotinas do dia de trabalho, os lazeres, o observar a rua da varanda, a brincadeira das crianças no quintal, os animais, o colher das frutas e da horta, as conversas no portão. Todos esses fatores relacionam o bangalô a um patrimônio imaterial que envolve arquitetura, história, vivência e a paisagem em que se insere, afinal, o bangalô, por não estar no alinhamento da rua, modifica a paisagem de Bauru e, assim, a percepção do “olhar a cidade”.

Infelizmente, não há o reconhecimento desta tipologia em Bauru - com isso, edifícios estão sendo degradados e descaracterizados (figura 86) - nem das fontes primárias dos bangalôs. Enfim, a maioria dos bangalôs fotografados no trabalho não possuem mais seu projeto na prefeitura e a maioria dos projetos descobertos na SEPLAN a sua construção já foi demolida.

Figura 86: Bangalô deteriorado, Vila Falcão; bangalô descaracterizado, Rua Padre João.



Fonte: Foto da autora, 2014/2015/2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Natural indiano, a figura do bangalô esteve presente em diversos países, a princípio funcionou como uma solução para os colonizadores britânicos que, na Índia, não conseguiam adaptar seu tipo de moradia fechada ao clima tropical. Tamanha foi a sua aceitação, que o bangalô emerge a um mundo desconhecido, chegando à Inglaterra e suas demais colônias.

Sua tipologia serviu como uma alternativa de melhoria na maneira de morar desde o momento mencionado, e assim ele seguiu: atendendo a burguesia inglesa, cansada do caos da cidade industrial, que aos finais de semana buscava, no conforto do campo, o sossego tão esperado. E lá estava ele, o bangalô a moda de um *cottage*, realizando o sonho do aconchego da classe média inglesa à abastada. Mas também funcionou como moradia colonial, foi o tipo de habitação escolhida pelos ingleses para participar de suas colônias. Daí, possivelmente sua propagação chegando aos Estados Unidos, atraído pelo subúrbio, o bangalô se tornou a habitação suburbana norte-americana e ganhou grande força com o movimento *arts and crafts*, popularizando-se cada vez mais, ganhando algumas características extras e até uma nomenclatura diferente: bangalô californiano, graças ao grande número de bangalôs na região.

A partir daí, o bangalô chega ao Brasil através também de revistas da época, sendo requisitado pela população. Ele adentra a cidade de São Paulo possivelmente através do bairro subúrbio Jardim América, com fortes influências do arquiteto Barry Parker e atingiu as vilas operárias, servindo, conforme já mencionado, mais uma vez como solução, neste momento, tendo como objetivo à salubridade das habitações, a praticidade de execução e a simplicidade em contraponto ao ecletismo suntuoso da época.

Estava dado o *start* da tipologia no Brasil. Com isso, em diversas regiões do interior do estado de São Paulo e até mesmo do país, o bangalô faz parte da arquitetura. Em Bauru, interior do estado de São Paulo, ele se faz presente em meio à malha urbana até a atualidade.

Bauru, por não conter uma forte economia voltada para o café e contar com uma forte classe média urbana, não apresentou grandiosos palacetes ecléticos e sim inúmeros bangalôs que atenderam tanto a esse grupo social como aos mais abastados, além dos operários mais qualificados e funcionários da ferrovia. Aqui ele

serviu como uma nova forma de morar à cidade, trazendo salubridade, natureza – em virtude de seus recuos ajardinados – facilidade, simplicidade, imbuído de beleza e um caráter compacto bem peculiar a uma região urbana da cidade, como se apresenta até hoje.

Tem-se observado que os bangalôs sobreviveram ao longo do tempo devido a sua centralidade no terreno, que permitiria a incorporação de outras construções ao fundo como edículas e garagem, bem como ampliações nas laterais. Outro aspecto relevante é que seu espaço interno é "utilizável" até nos dias atuais, seja em relação à circulação, ao número de ambientes, à iluminação e ventilação naturais, pé direito, etc.

Por esse motivo, tal arquitetura reflete a entrada do homem médio urbano em uma nova forma de morar contemporânea ao seu período, "um passo adiante do ecletismo", contudo, ainda muito distante dos valores artísticos, técnicos e formais da linguagem modernista preconizada pelos arquitetos de vanguarda do período.

Mas, não há valorização desta tipologia, ela vem sendo degradada, descaracterizada, antes de ser reconhecida e valorizada como uma arquitetura que conta a história de Bauru. Deste modo, o intuito deste trabalho é demonstrar a importância arquitetônica de uma habitação vernacular indiana, que transitou até o interior de São Paulo e trouxe consigo história, soluções e nova maneira de morar ao século XX.

O bangalô vem sobrevivendo na paisagem da cidade porque ainda é preservado seu uso como habitação, até ser engolido pela especulação imobiliária. Quando é utilizado para comércio, vem sendo descaracterizado sem que haja alguma preocupação, fato que ocorre, principalmente, na região central da cidade.

O bangalô compõe um rol de magnitudes, entre os quais, o de retratar o contexto histórico e a arquitetura predominante na cidade. Esta pesquisa pretende contribuir com o estudo conceitual de uma tipologia arquitetônica ainda pouco estudada, apontando características relevantes como um novo conceito de habitação, mais despojado e peculiar. O trabalho teve por intenção dar conhecimento e reconhecimento dessa tipologia e de seus valores, frente à arquitetura de Bauru, bem como para estudos similares dessa mesma linguagem em outras cidades.

Portanto, sem pretender fornecer respostas definitivas e completas, buscou-se, inicialmente, compreender os elementos que poderão caracterizar o bangalô

como tal e, assim, ressaltar sua relevância arquitetônica e indicar perspectivas e direções para futuros trabalhos envolvendo a temática.

Figura 87- Bangalô na paisagem atual.



Fonte: autora, 2016.

APÊNDICES

Ano	Classificação	Localização	Bangalô
1922	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 1
1926	Eclética	Rua Costa Ribeiro	Prancha 2
1927	_____	Rua Tibiriçá	Prancha 3
1927	_____	Rua Altino Arantes	Prancha 4
1928	Eclética	_____	Prancha 5
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 6
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro	Prancha 7
1928	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 8
1928	Eclética	Rua Sete de Setembro	Prancha 9
1928	Eclética	Rua Campos Salles	Prancha 10
1928	Neocolonial	Rua 13 de Maio	Prancha 11
1928	Eclética	Rua Tibiriçá	Prancha 12
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 13
1930	Neocolonial	Rua Costa Ribeiro	Prancha 14
1930	Eclética	Praça Epitacio Pessoa	Prancha 15
1930	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 16
1935	Eclética	Rua Alfredo Maia	Prancha 17
1935	Eclética	Rua Alfredo Maia	Prancha 18
1935	Eclética	Rua Bernardino de Campos	Prancha 19
1936	Missões	Rua Azarias Leite	Prancha 20
1936	Eclética	Rua Alfredo Ruiz	Prancha 21
1936	Eclética	Rua 15 de Novembro	Prancha 22
1936	Eclética	Rua Albuquerque Lins	Prancha 23
1936	Eclética	Rua Bernardino de Campos	Prancha 24

1936	Eclética	Rua Campos Salles	Prancha 25
1936	Eclética	Rua Prudente de Moraes	Prancha 26
1936	Eclética	Rua Alfredo Maia	Prancha 27
1936	Neocolonial	Rua Siqueira Campos	Prancha 28
1937	_____	Rua Gerson França	Prancha 29
1937	Neocolonial	Rua Agenor Meira	Prancha 30
1937	Eclética	Rua Albuquerque Lins	Prancha 31
1937	Eclética	Av. Duque de Caxias	Prancha 32
1937	_____	Rua Sete de Setembro	Prancha 33
1937	_____	Rua Prudente de Moraes	Prancha 34
1937	Neocolonial	Rua Araújo Leite	Prancha 35
1937	Neocolonial	Rua Gustavo Maciel	Prancha 36
1937	_____	Rua Antônio Alves	Prancha 37
1937	Neocolonial	Rua Monsenhor Claro	Prancha 38
1937	Neocolonial	Rua Bandeirantes	Prancha 39
1937	_____	Rua Azarias Leite	Prancha 40
1937	Eclética	Rua Inconfidência	Prancha 41
1937	Neocolonial	Rua Agenor Meira	Prancha 42
1938	Art Déco	Rua Sete de Setembro	Prancha 43
1938	_____	Rua 15 de Novembro	Prancha 44
1938	Neocolonial	Av. Duque de Caxias	Prancha 45
1938	Neocolonial	Rua Campos Salles	Prancha 46
1938	Art Déco	Rua Gomes Ribeiro	Prancha 47
1938	Art Déco	Rua Azarias Leite	Prancha 48
1938	Neocolonial	Av. Duque de Caxias	Prancha 49
1938	Eclética	Rua dos Andradas	Prancha 50
1938	_____	Rua Bento da Cruz	Prancha 51

1- BANGALÔ SILVA: RUA 15 DE NOVEMBRO – CENTRO

ANO: 1922



OBS: AS MEDIDAS ESTÃO RASURADAS E NÃO HÁ IDENTIFICAÇÃO DOS CÔMODOS

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.50m
- NÃO HÁ NOMENCLATURA DOS CÔMODOS
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- NÃO HÁ BANHEIRO EM PLANTA
- REPRESENTAÇÃO DAS ÁREAS MOLHADAS

FACHADA

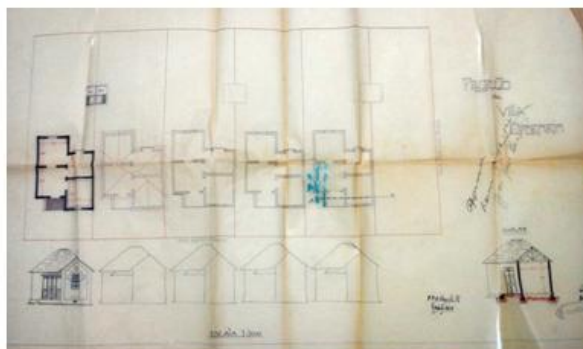


- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - CORTE LONGITUDINAL

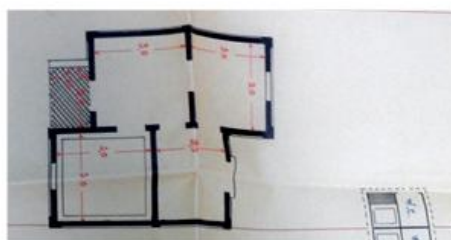
2- BANGALÔ VILA OPERÁRIA: RUA COSTA RIBEIRO – CENTRO

ANO: 1926



ÁREA TOTAL: 43.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 39.25m²
 ÁREA VARANDA: 3.75m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 COZINHA ÁREA: 6.00m²
 SALA ÁREA: 9.00m²
 SALA ÁREA: 9.00m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.00m
- INEXISTÊNCIA DE NOMENCLATURA DOS CÔMODOS
- BANHEIRO EXTERNO
- NÃO CONTEM O RECUO LATERAL DIREITO NEM AS MEDIDAS DOS DEMAIS

FACHADA



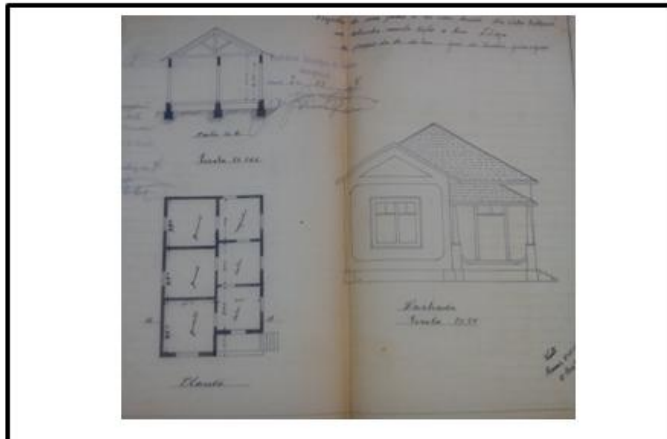
- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PRESENÇA DE PORÃO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL

- DESTINADO A OPERÁRIOS
- NÃO HÁ INDÍCIOS DE SUA CONSTRUÇÃO

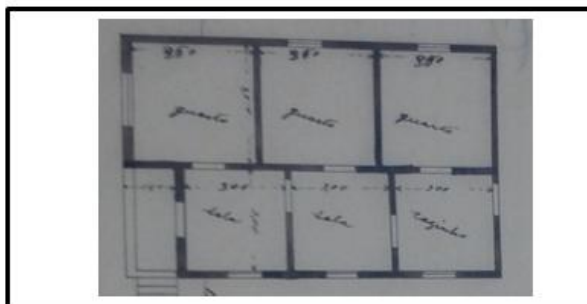
3- BANGALÔ GERONYMO: RUA TIBIRIÇA – VILA FALCÃO

ANO: 1927



ÁREA TOTAL: 83.40m²
ÁREA S/ VARANDA: 79.00m²
 VARANDA ÁREA: 4.50m²
 QUARTOS ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALA ÁREA: 9.00m²
 SALA V. ÁREA: 9.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO : 3.50m
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- NÃO HÁ PRESENÇA DE BANHEIRO EM PLANTA

FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÕES
- ACESSO LATERAL (ESCADA)
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELADOS: - DIFERENÇA DE ALTURAS
- DIFERENÇA DE ÁGUAS
(DUAS E QUATRO ÁGUAS)

OBS: BANGALÔ INEXISTENTE

4- BANGALÔ MORETTI: RUA ALTINO ARANTES – VILA FALCÃO

ANO:1927



ÁREA TOTAL: 60.30m²
 ÁREA S/ VARANDA: 55.80m²
 VARANDA ÁREA: 4.50m²
 QUARTO ÁREA: 12.00m²
 QUARTO ÁREA: 8.10m²
 QUARTO ÁREA: 6.75m²
 COZINHA ÁREA: 6.75m²
 SALA ÁREA: 6.75m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO : 3.10m
- NO PROJETO CONTÉM A PALAVRA BANGALÔ
- NÃO CONTÉM BANHEIRO EM PLANTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS

FACHADA

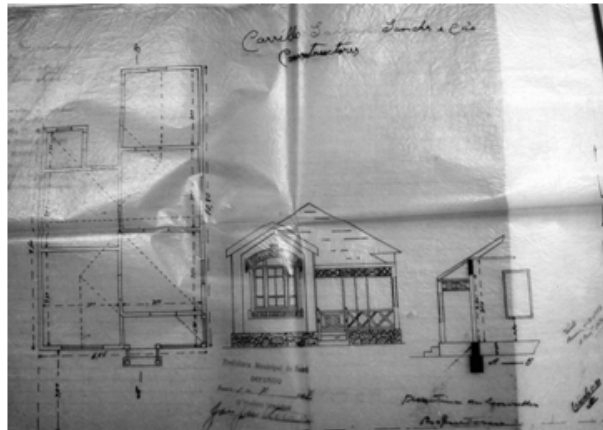


- SEM ORNAMENTAÇÃO
- EMBASAMENTO
- ACESSO PELA LATERAL (ESCADA)
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

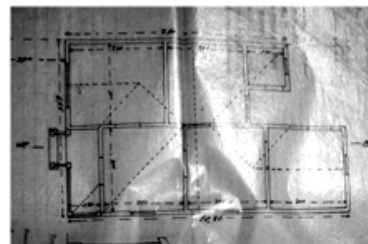
OBS: - NA PLANTA HÁ ESPECIFICAÇÃO DE UM PROJETO DE BANGALÔ
 - BANGALÔ INEXISTENTE

5-BANGALÔ CARVALHO: RUA NÃO HÁ

ANO:1927

**ÁREA TOTAL: 61.40m²****ÁREA S/ VARANDA: 57.80m²**VARANDA ÁREA: 3.60m²QUARTO ÁREA: 10.50m²QUARTO ÁREA: 9.00m²COZINHA ÁREA: 9.00m²SALA ÁREA: 9.00m²SALA V. ÁREA: 9.00m²BANHEIRO: 2.25m²

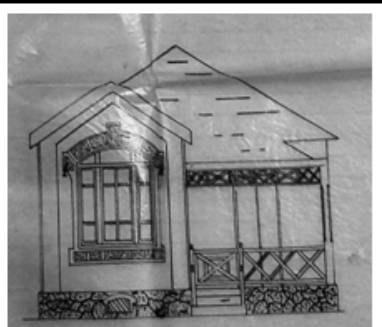
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.50m
- BANHEIRO JUNTO A CASA ACESSADO POR FORA
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE
- CONSTRUTOR CARRILLO SALGADO SANCHES E CIA

FACHADA



▪ECLÉTICA

- ORNAMENTOS EM PEDRA (EMBASAMENTO)
- LAMBREQUINS EM MADEIRA
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

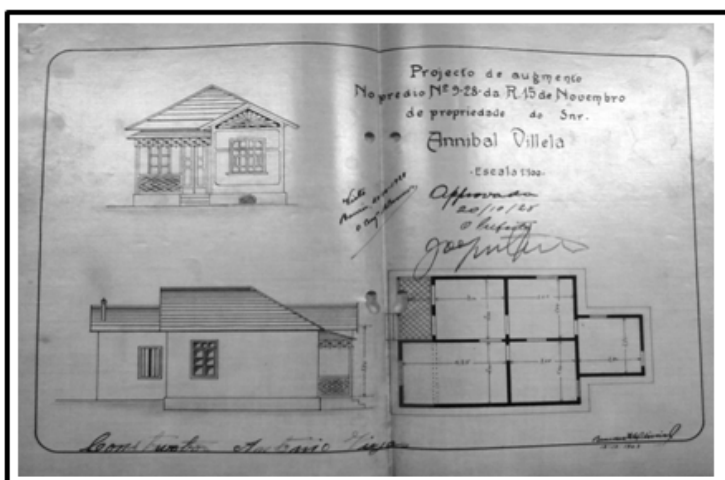
OBS: -NÃO HÁ ESPECIFICAÇÃO DOS CÔMODOS NA PLANTA

- HÁ FALTA DE DADOS NA PLANTA

-BANGALÔ INEXISTENTE

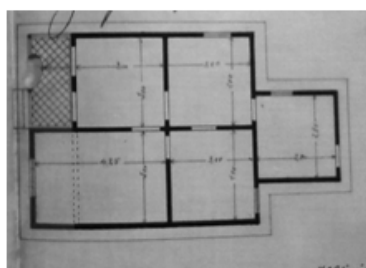
6-BANGALÔ VILLELA: RUA 15 DE NOVEMBRO 9-28 - CENTRO

ANO: 1928



ÁREA TOTAL: 65.65m²
ÁREA S/ VARANDA: 61.15m²
ÁREA VARANDA: 4.50m²
QUARTO ÁREA: 12.60m²
QUARTO ÁREA: 9.00m²
COZINHA ÁREA: 7.84m²
SALA ÁREA: 9.00m²
SALA V. ÁREA: 9.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.50m
- AUMENTO DE UMA CASA COMUM SE TORNANDO UM BANGALÔ
- NÃO CONTÉM BANHEIRO EM PLANTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR ANTONIO VIEGAS

FACHADA

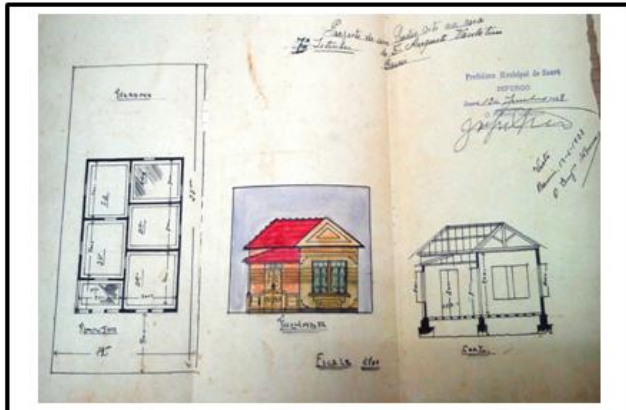


- ECLÉTICA
- LAMBREQUINS E ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - NÃO HÁ ESPECIFICAÇÃO DOS CÔMODOS NA PLANTA
 - HÁ O NUMERO DO LOTE/QUADRA EM PLANTA

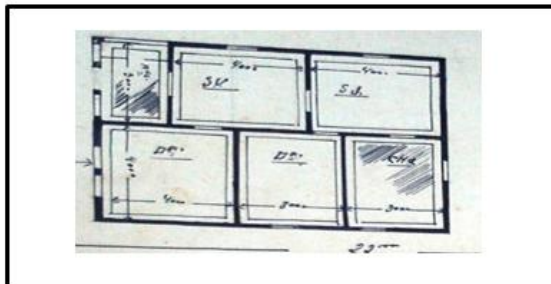
7-BANGALÔ AUGUSTO: RUA SETE DE SETEMBRO - CENTRO

ANO: 1928



ÁREA TOTAL: 78.30m²
ÁREA S/ VARANDA: 73.80m²
 ÁREA VARANDA: 4.50m²
 QUARTO ÁREA: 12.00m²
 QUARTO ÁREA: 16.00m²
 COZINHA ÁREA: 12.00m²
 SALA ÁREA: 12.00m²
 SALA V. ÁREA: 12.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 4.00m
- LOTE 12.00X22.00m
- NÃO HÁ PRESENÇA DE BANHEIRO EM PLANTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DOS RECUOS

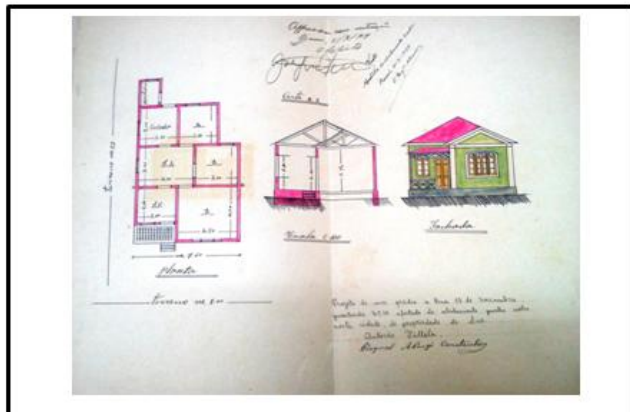
FACHADA



- ECLÉTICA
- ORNAMENTAÇÃO SIMPLES
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

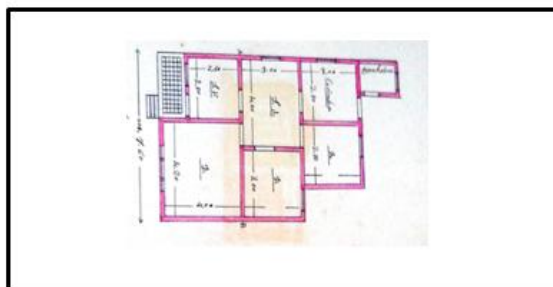
OBS:-HÁ DISCRIMINAÇÃO O TAMANHO DO LOTE EM PLANTA
 - BANGALÔ INEXISTENTE

8-BANGALÔ ANTÔNIO VILLELA: RUA 15 DE NOVEMBRO 10-? ANO: 1928



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/ VARANDA: *
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA: 16.80m²
 QUARTO ÁREA: 8.10m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 COZINHA ÁREA: 8.40m²
 SALA ÁREA: 12.00m²
 SALA V. ÁREA: 7.28m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.50m
- LOTE 8.00X22.00m
- PRESENÇA DE BANHEIRO, SEM MEDIDAS;
 ACESSO POR FORA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA
 DOS RECUOS
- CONSTRUTOR PASQUAL ABIUZI

FACHADA

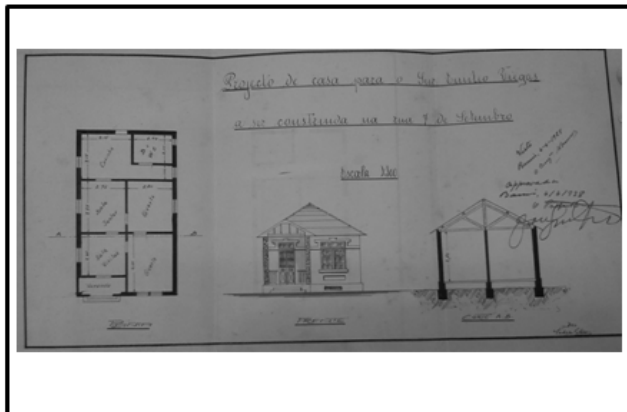


- ECLÉTICA
- LAMBREQUINS E ESQUADRIAS EM MADEIRA
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - DUAS E QUATRO ÁGUAS
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JANELA COM ARCO

OBS: ** NÃO HÁ ESPECIFICAÇÃO DAS MEDIDAS DO BANHEIRO E DE UMA MEDIDA DA VARANDA
 -HÁ ESPECIFICAÇÃO DAS MEDIDAS DO LOTE NA PLANTA
 -BANGALÔ INEXISTENTE

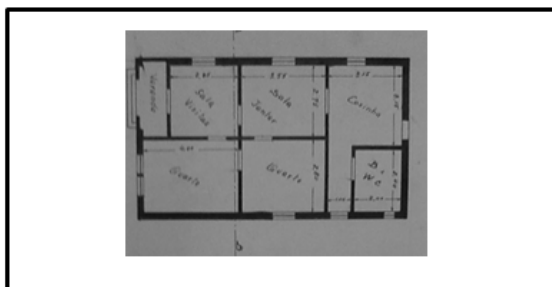
9-BANGALÔ EMÍLIO: RUA SETE DE SETEMBRO - CENTRO

ANO: 1928



ÁREA TOTAL: **71.95m²**
 ÁREA S/ VARANDA: **67.45m²**
 ÁREA VARANDA: **4.50m²**
 QUARTO ÁREA: **11.20m²**
 QUARTO ÁREA: **9.95m²**
 COZINHA ÁREA: **9.90m²**
 SALA ÁREA: **9.75m²**
 SALA V. ÁREA: **7.85m²**

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.50m
- BANHEIRO INTERNO, PRÓXIMO A COZINHA
- HÁ HALL PARA ACESSO AO BANHEIRO
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS

FACHADA

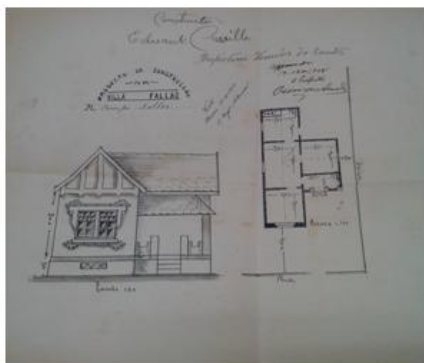


- ECLÉTICA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS:-HÁ DE BANHEIRO JÁ INTEGRADO AO INTERIOR DA RESIDÊNCIA,
 INCLUSIVE SEU ACESSO
 -BANGALÔ INEXISTENTE

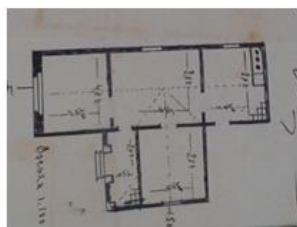
10-BANGALÔ SANTOS: RUA CAMPOS SALLES - FALCÃO

ANO: 1928



ÁREA TOTAL: 45.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 40.50m²
 ÁREA VARANDA: 4.50m²
 QUARTO ÁREA: 9.80m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALA ÁREA: 12.00m²

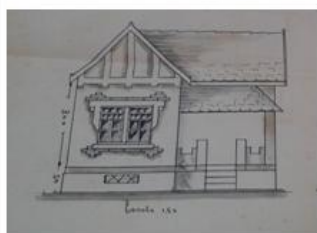
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- RECUO LATERAL DIREITO: 1.50m
- RECUO FRONTAL: 4.00m
- NÃO HÁ BANHEIRO EM PLANTA
- CONSTRUTOR EDUARDO CARRILLO

FACHADA

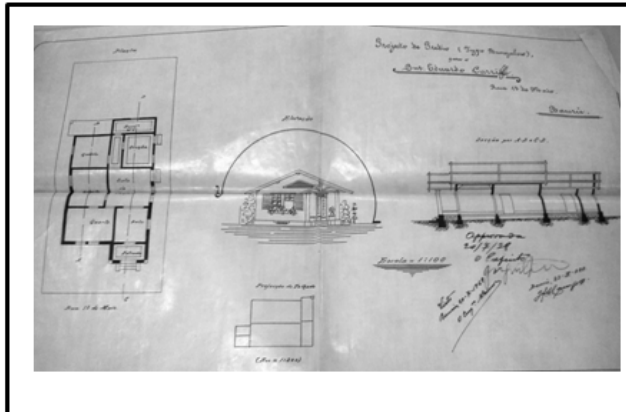


- ECLÉTICA
- LAMBREQUINS E ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS:- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÃO DOS CÔMODOS NA PLANTA
 - BANGALÔ INEXISTENTE
 - SEGUE CÓDIGO DE POSTURAS 1928

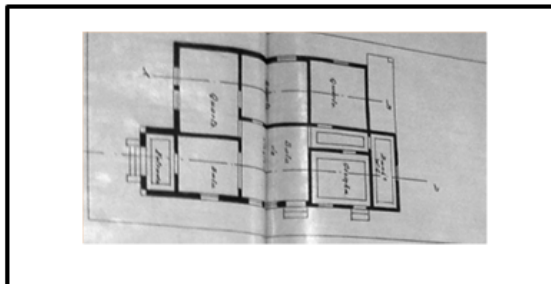
11- BANGALÔ CARRILLO: RUA 13 DE MAIO – CENTRO

ANO: 1928



NÃO CONSTAM AS MEDIDAS DOS CÔMODOS, PORÉM OS CÔMODOS SÃO SALA, SALA DE JANTAR, COZINHA, BANHEIRO E 3 QUARTOS

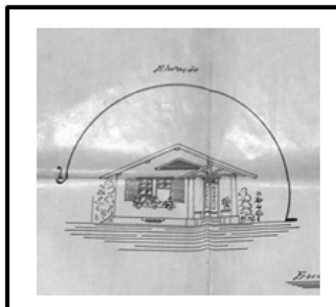
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: NÃO CONSTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- VARANDA AO FUNDO

FACHADA



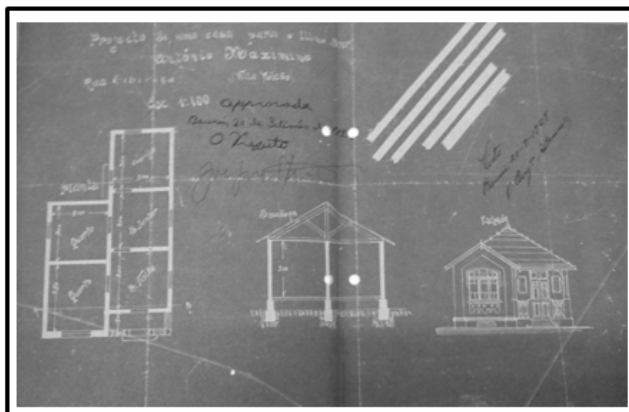
■ NEOCOLONIAL

- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- VARANDA COM MESMO PÉ DIREITO DA CASA
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE LONGITUDINAL
-INDICAÇÃO DE COBERTURA

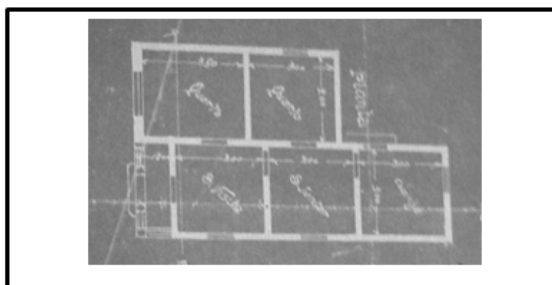
12- BANGALÔ MAXIMINO: RUA TIBIRIÇA – VILA FALCÃO

ANO: 1928



ÁREA TOTAL: 55.25m²
 ÁREA S/ VARANDA: 51.65m²
 ÁREA VARANDA: 3.60m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALAJANTAR ÁREA: 9.00m²
 SALAJANTAR ÁREA: 9.00m²

PLANTA

**OBS:**

- PÉ DIRETO: 3.00m
- NÃO CONTÉM INDICAÇÃO DE BANHEIRO EM PLANTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS

FACHADA

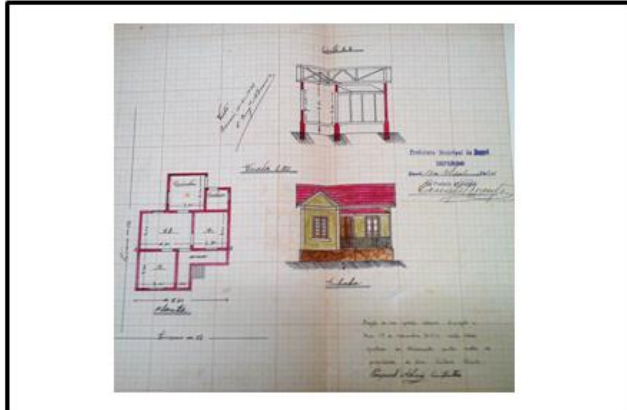


- ECLÉTICA
- PRESENÇA DE PORÃO
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- JANELA COM ARCO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL

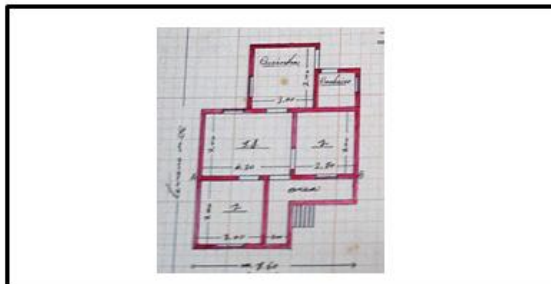
13- BANGALÔ ANTUNES: RUA 15 DE NOVEMBRO – CENTRO

ANO: 1930



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/ VARANDA: *
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA: 8.40m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALAJANTAR ÁREA: 12.90m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.50m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS NEM RECUOS
- ACESSO A VARANDA POR UMA ESCADA LATERAL
- BANHEIRO ANEXO A CASA COM ACESSO EXTERNO
- LOTE 22.00X22.00m

FACHADA

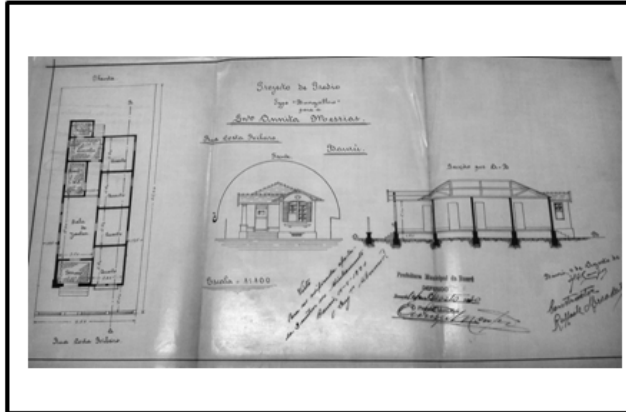


- ECLÉTICA
- VARANDA EM "L"
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - CORTE TRANSVERSAL

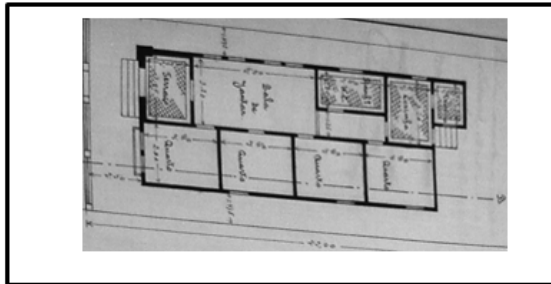
14- BANGALÔ MESSIAS: RUA COSTA RIBEIRO – CENTRO

ANO: 1930



ÁREA TOTAL: 97.10m²
 ÁREA S/VARANDA: 90.95m²
 ÁREA VARANDA: 6.15m²
 QUARTO ÁREA: 9.85m²
 QUARTO ÁREA: 9.85m²
 QUARTO ÁREA: 9.85m²
 QUARTO ÁREA: 9.85m²
 COZINHA ÁREA: 7.35m²
 SALA JANTAR ÁREA: 18.55m²
 BWC ÁREA: 6.10m²
 DISPENSA ÁREA: 3.10m²

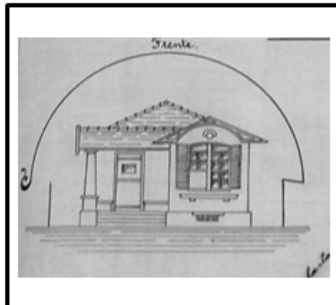
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- RECUO FRONTAL 2.50m
- RECUOS LATERAIS 1.45m
- BANHEIRO INTERNO COM HALL DE ACESSO
- QUATRO DORMITÓRIOS
- DISPENSA
- LOTE 9.50X22.00m
- CONSTRUTOR RAFAELLE MERCADANTE

FACHADA



- NEOCOLONIAL
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

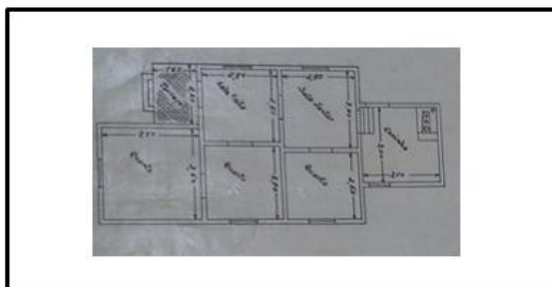
OBS: - CONTÉM A PALAVRA BANGALÔ JÁ EM PROJETO
 - CORTE LONGITUDINAL

15- BANGALÔ SCRIPTONE: PRAÇA EPITACIO PESSOA – VILA FALCÃOANO: 1930



ÁREA TOTAL: 68.65m²
ÁREA S/ VARANDA: 60.85m²
ÁREA VARANDA: 3.80m²
QUARTO ÁREA: 7.85m²
QUARTO ÁREA: 7.30m²
QUARTO ÁREA: 11.20m²
COZINHA ÁREA: 9.00m²
SALA JANTAR ÁREA: 8.40m²
SALA VISITA ÁREA: 7.85m²

PLANTA



OBS:

- NÃO HÁ DIMENSÕES DO LOTE E NEM RECUOS
- HÁ DESNÍVEL ENTRE A COZINHA E OS DEMAIS CÔMODOS
- HÁ REPRESENTAÇÃO DE FOGÃO A LENHA
- NÃO CONTÉM BANHEIRO EM PLANTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÃO DO PÉ DIREITO

FACHADA



- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PORÃO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - NÃO HÁ CORTE NO PROJETO

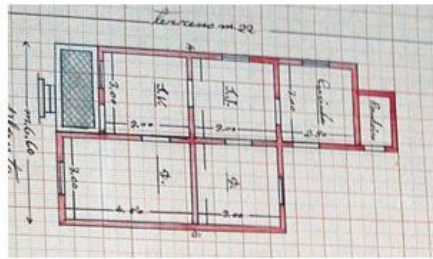
16- BANGALÔ ALVES: RUA 15 DE NOVEMBRO – CENTRO

ANO: 1930



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/ VARANDA: *
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 QUARTO ÁREA: 12.60m²
 COZINHA ÁREA: 8.40m²
 SALAJANTAR ÁREA: 9.00m²
 SALA VISITA ÁREA: 9.00m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- BANHEIRO ANEXO AO CORPO DA CASA, ACESSO POR FORA
- LOTE 22.00X22.00m
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÃO DO PÉ DIREITO NEM DE RECUOS
- CONSTRUTOR EDUARDO CARRILLO

FACHADA

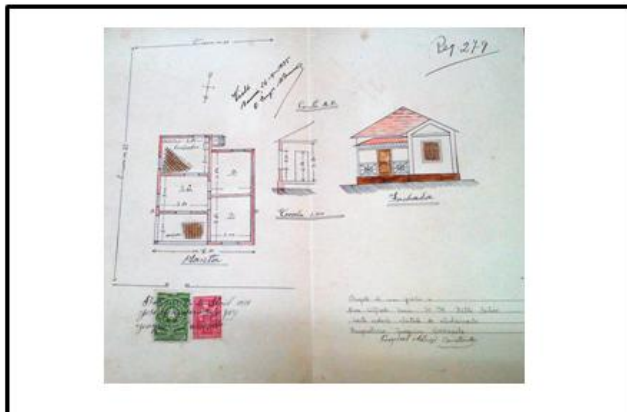


- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- LAMBREQUINS
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL SEM MEDIDAS

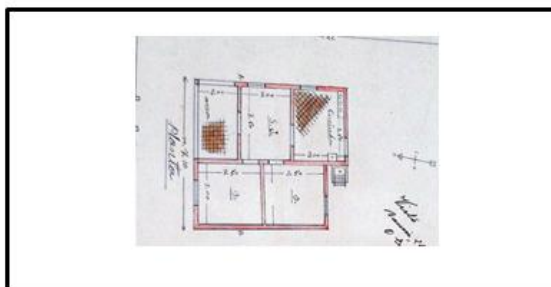
17-BANGALÔ CARRANTE: RUA ALFREDO MAIA- FALCÃO

ANO: 1935



ÁREA TOTAL: 62.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 55.00m²
 ÁREA VARANDA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 COZINHA ÁREA: 10.50m²
 SALA ÁREA: 10.50m²

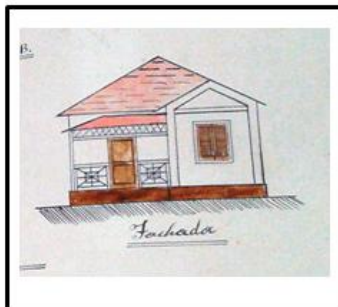
PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.20m
- LOTE 11.00X22.00m
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DOS RECUOS
- NÃO HÁ BANHEIRO EM PLANTA
- HÁ REPRESENTAÇÃO DE TANQUE
- CONSTRUTOR PASQUAL ABIUZI

FACHADA

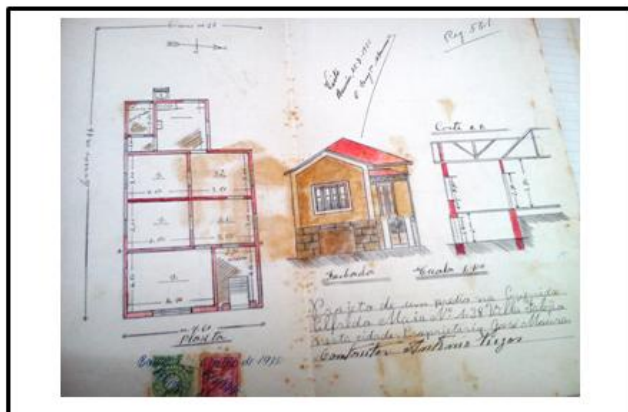


- ECLÉTICA
- LAMBREQUINS E ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - BANGALÔ INEXISTENTE
 - HÁ NORTE NA PLANTA

18-BANGALÔ MOURA: RUA ALFREDO MAIA

ANO: 1935



ÁREA TOTAL: 99.70m²
 ÁREA S/ VARANDA: 91.65m²
 ÁREA VARANDA: 8.05m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 16.45m²
 COZINHA ÁREA: 8.40m²
 SALA ÁREA: 12.00m²
 SALA V. ÁREA: 7.28m²
 BANHEIRO ÁREA: 3.30m²
 HALL ÁREA: 1.50m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.70m
- LOTE 22.00x44.00
- PORÃO ALTO (2m)
- HÁ REPRESENTAÇÃO DE TANQUE
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DOS RECUOS
- CONSTRUTOR ANTONIO VIEGAS

FACHADA



- ECLÉTICA
- LAMBREQUINS E ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

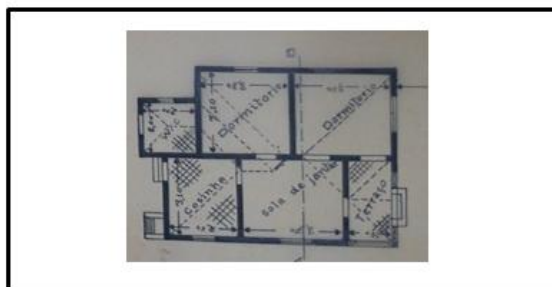
OBS: - HÁ PRESENÇA DO NORTE NA PLANTA
 - BANGALÔ INEXISTENTE

19-BANGALÔ FERNANDES: R. BERNARDINO DE CAMPOS- VL. FALCÃO ANO: 1935



ÁREA TOTAL: 58.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 53.05m²
 ÁREA VARANDA: 4.95m²
 QUARTO ÁREA: 10.55m²
 QUARTO ÁREA: 11.20m²
 COZINHA ÁREA: 8.60m²
 SALA JANTAR ÁREA: 11.45m²
 BWC ÁREA: 4.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.00m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- SEM BANHEIRO NA PLANTA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR ISAAC SALGADO

FACHADA

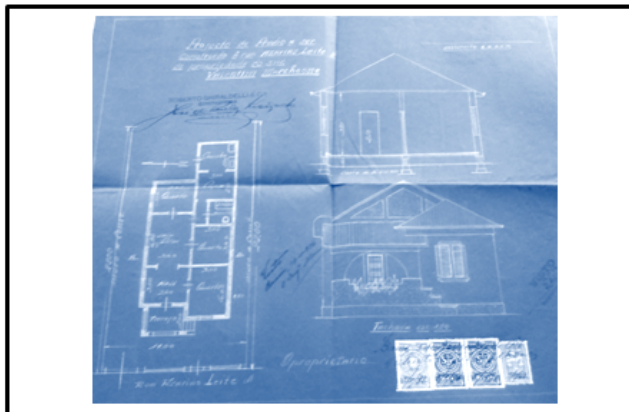


- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - BANGALÔ INEXISTENTE

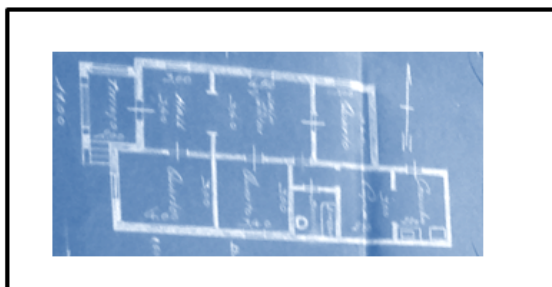
20- BANGALÔ MARCHEONE: RUA AZARIAS LEITE – CENTRO

ANO: 1936



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/VARANDA: *
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA 12.00m²
 QUARTO ÁREA 9.00m²
 QUARTO ÁREA 10.20m²
 COZINHA ÁREA 7.50m²
 SALA JANTAR ÁREA 15.30m²
 COPA ÁREA 7.50m²
 HALL ENTRADA ÁREA 10.20m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.00m
- VARANDA DÁ ACESSO A UM HALL
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- LOTE 11.00X22.00m
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES DOS RECUOS
- CONSTRUTOR ROBERTO GHIRALDELLI

FACHADA



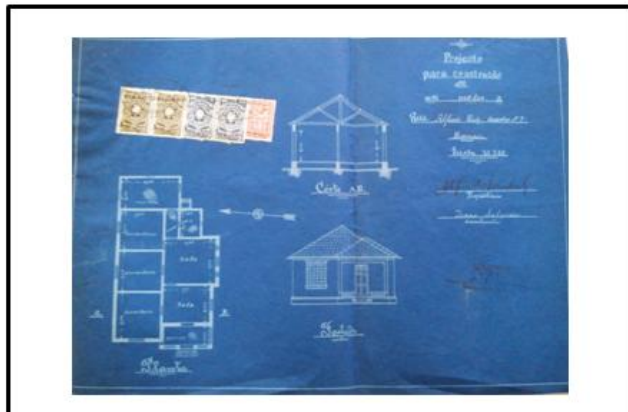
▪MISSÕES

- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - DUAS E QUATRO ÁGUAS
 - OITÃO NA PARTE POSTERIOR

OBS: - PRESENÇA DE NORTE
 - CORTE TRANSVERSAL

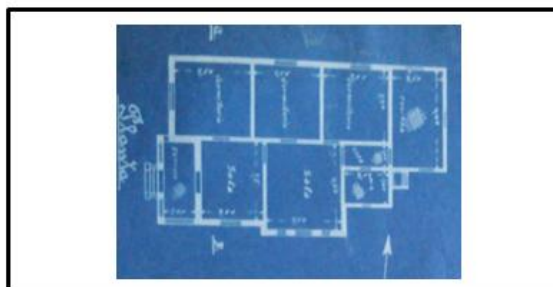
21- BANGALÔ ALFREDO: RUA ALFREDO RUIZ – CENTRO

ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 86.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 80.75m²
 ÁREA VARANDA: 5.25m²
 QUARTO ÁREA: 10.05m²
 QUARTO ÁREA: 10.05m²
 QUARTO ÁREA: 11.55m²
 COZINHA ÁREA: 11.00m²
 SALA ÁREA: 14.70m²
 SALA ÁREA: 10.50m²
 BWC ÁREA: 2.80m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.50m
- BANHEIRO INTERNO, ACESSADO POR UM HALL
- NÃO HÁ MEDIDA DO LOTE NEM DOS RECUOS
- CONSTRUTOR ISAAC SALGADO

FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÕES
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: - PRESENÇA DE NORTE EM PLANTA
 - CORTE TRANSVERSAL

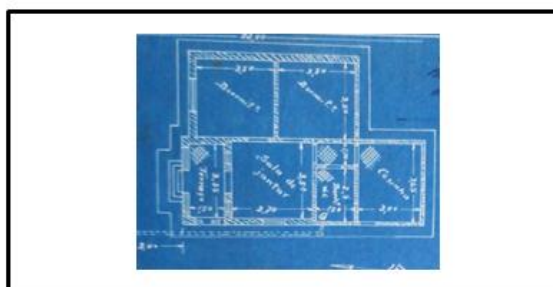
22- BANGALÔ SILVA: RUA 15 DE NOVENBRO – CENTRO

ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 69.10m²
ÁREA S/ VARANDA: 64.10m²
ÁREA VARANDA: 5.00m²
QUARTO ÁREA: 12.25m²
QUARTO ÁREA: 12.25m²
COZINHA ÁREA: 10.95m²
SALA JANTAR ÁREA: 12.95m²
BWC ÁREA: 4.50m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.50m
- LOTE 11.00X22.00m
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- CONSTRUTOR ISAAC SALGADO

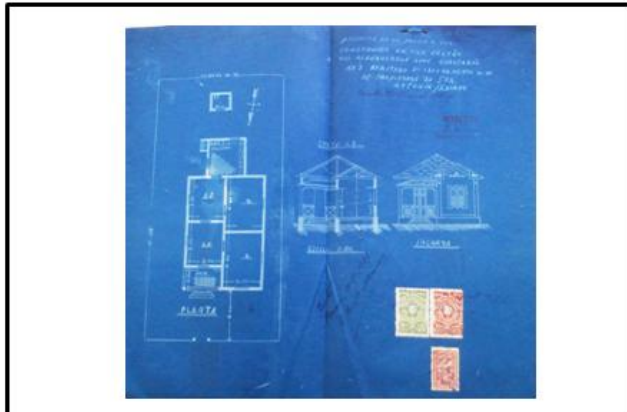
FACHADA



- **NEOCOLONIAL**
- **ESQUADRIAS EM MADEIRA**
- **PRESENÇA DE PORÃO**
- **ENTRADA PELA FRENTE**
- **JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS**
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

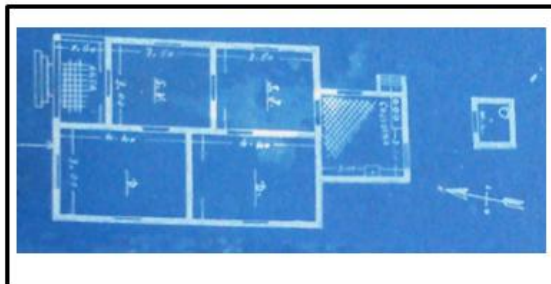
OBS: - CONTÉM NORTE NA PLANTA
 - CORTE TRANSVERSAL

23- BANGALÔ FABIANO: RUA ALBUQUERQUE LINS – VILA FALCÃO ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 59.65m²
ÁREA S/ VARANDA: 54.85m²
ÁREA VARANDA: 4.80m²
QUARTO ÁREA: 13.20m²
QUARTO ÁREA: 13.20m²
COZINHA ÁREA: 9.00m²
SALA JANTAR ÁREA: 10.50m²
SALA JANTAR ÁREA: 10.50m²
BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.30m
- RECUO FRONTAL DE 4.00m
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- LOTE 22.00x22.00m
- REPRESENTAÇÃO DE FOGÃO A LENHA
- BANHEIRO EXTERNO
- CONSTRUTOR PASQUAL ABIUZI

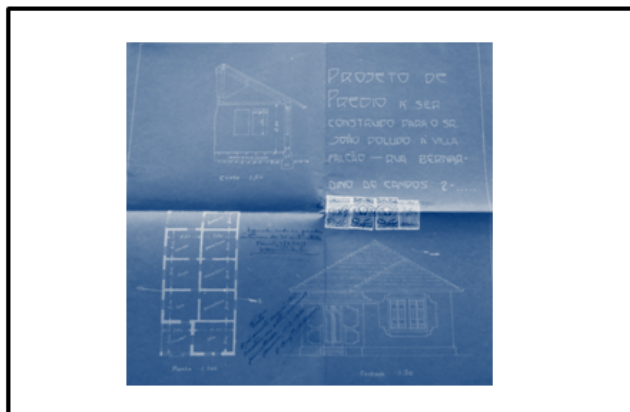
FACHADA



- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

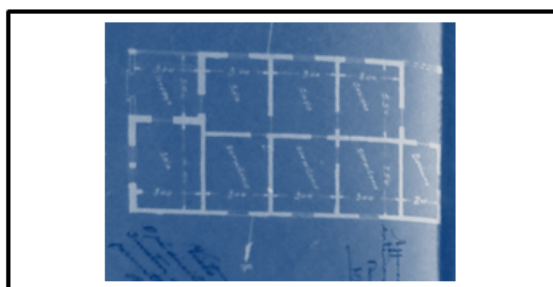
OBS: -PRESENÇA DE NORTE EM PLANTA
 - CORTE TRANSVERSAL

24-BANGALÔ POLLIDO: RUA BERNARDINO DE CAMPOS – VILA FALCÃO ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 102.10m²
 ÁREA S/VARANDA: 93.10m²
 ÁREA VARANDA: 9.00m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 COZINHA ÁREA: 8.60m²
 SALA ÁREA: 10.50m²
 SALA ÁREA: 12.00m²
 COPA ÁREA: 10.50m²
 BWC ÁREA: 6.00m²

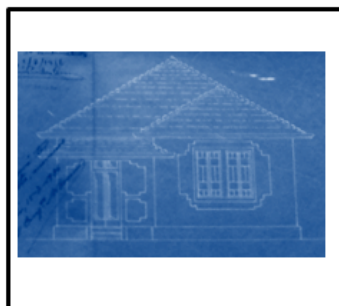
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 2.80m
- VARANDA COM ACESSO A DUAS SALAS
- UMA SALA NÃO SE COMUNICA COM O RESTANTE DA CASA
- BANHEIRO JUNTO A CASA, ACESSADO POR UMA VARANDA AO FUNDO
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUSOS
- VARANDA AO FUNDO
- COOPA

FACHADA



- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- EMBASAMENTO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

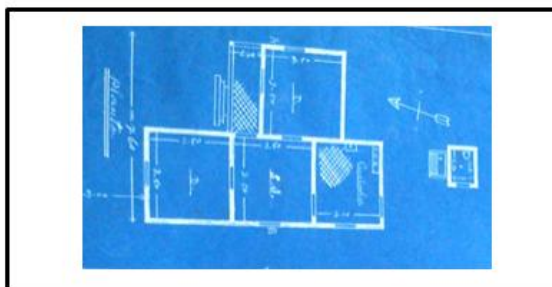
25- BANGALÔ RANIERI: RUA CAMPOS SALLES – VILA FALCÃO

ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 55.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 49.75m²
 ÁREA VARANDA: 5.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 10.50m²
 SALAJANTAR ÁREA: 12.25m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.20m
- NÃO HÁ SALA E VISITAS
- LOTE 11.00X22.00m
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- BANHEIRO EXTERNO
- REPRESENTAÇÃO DE FOGÃO À LENHA
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- ENTRADA LATERAL
- CONSTRUTOR PASQUAL ABIUZI

FACHADA



- ECLÉTICA
- GRADIS E LAMBREQUINS
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- EMBASAMENTO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

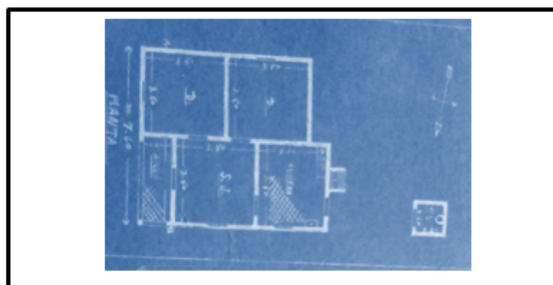
26-BANGALÔ SERRANO: RUA PRUDENTE DE MORAES – VILA FALCÃO

ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 60.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 54.75m²
 ÁREA VARANDA: 5.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 10.50m²
 SALA JANTAR ÁREA: 12.25m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.20m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- BANHEIRO EXTERNO
- LOTE 11.00X44.00m
- HACHURA NAS ÁREAS MOLHADAS
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR PASQUAL ABIUZI

FACHADA



- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

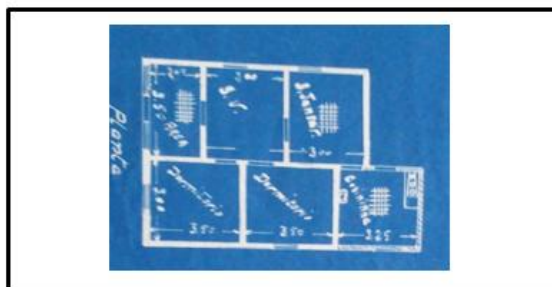
27- BANGALÔ: RUA ALFREDO MAIA – VILA FALCÃO

ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 67.70m²
 ÁREA S/ VARANDA: 60.70m²
 ÁREA VARANDA: 7.00m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 COZINHA ÁREA: 9.75m²
 SALA JANTAR ÁREA: 10.50m²
 SALA VISITA ÁREA: 10.50m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.20m
- NÃO HÁ REPRESENTAÇÃO DE BANHEIRO EM PLANTA
- INDICAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR VICENTE BERNASCONI

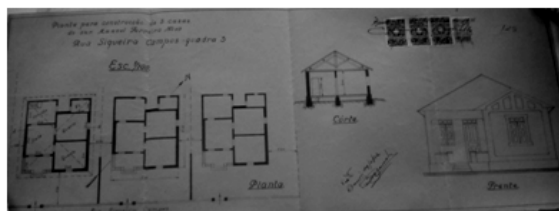
FACHADA



- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- EMBASAMENTO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

28- BANGALÔ FERREIRA: RUA SIQUEIRA CAMPOS – VILA FALCÃO ANO: 1936



ÁREA TOTAL: 57.85m²
ÁREA S/ VARANDA: 53.35m²
ÁREA VARANDA: 4.50m²
QUARTO ÁREA: 12.25m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
COZINHA ÁREA: 7.95m²
SALA ÁREA: 10.50m²
BWC ÁREA: 3.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.00m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- PLANTA SEM MEDIDAS DE RECUOS LATERAIS
- BANHEIRO JUNTO À CASA COM ACESSO EXTERIOR ATRAVÉS DE UMA VARANDA
- RECUO FRONTAL 3.80m

FACHADA

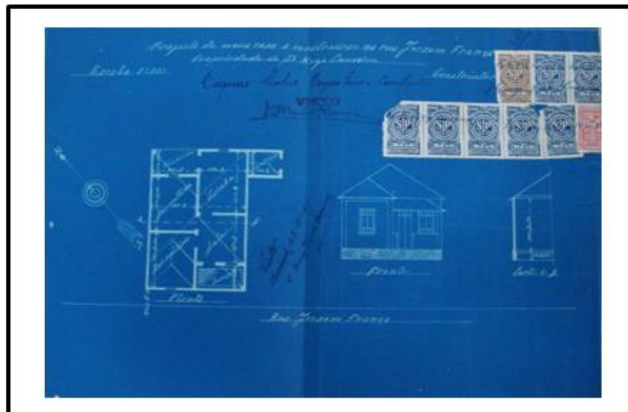


- NEOCOLONIAL
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- EMBASAMENTO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

29- BANGALÔ CANARIM: RUA GERSON FRANÇA – CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 61.70m²
 ÁREA S/ VARANDA: 57.20m²
 ÁREA VARANDA: 4.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 COZINHA ÁREA: 12.00m²
 SALA ÁREA: 9.00m²
 BWC ÁREA: 3.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- BANEIRO ANEXO A CASA COM ACESSO PELO EXTERIOR
- VARANDA NA FRENTE E AOS FUNDOS
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR EUGENIO SCALISE

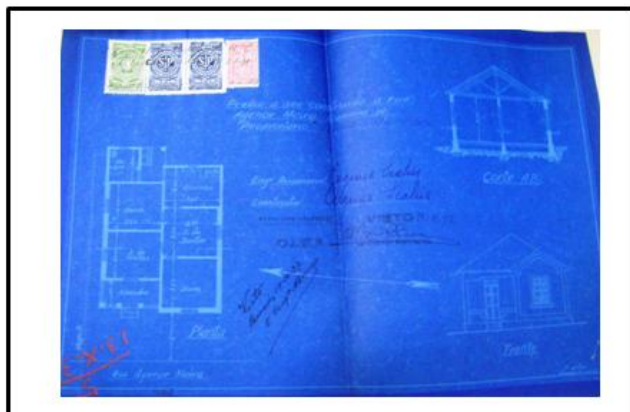
FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÕES
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

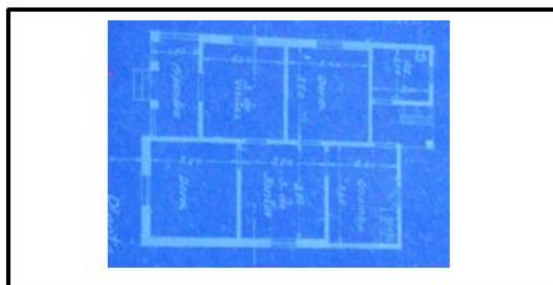
OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

30- BANGALÔ MANCUSO: RUA AGENOR MEIRA, Q.12 – CENTRO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 73.00m²
ÁREA S/ VARANDA: 67.75m²
ÁREA VARANDA: 5.25m²
QUARTO ÁREA: 11.20m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
COZINHA ÁREA: 9.10m²
SALA VISITA ÁREA: 10.50m²
SALA JANTAR ÁREA: 11.20m²
BWC ÁREA: 4.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- REPRESENTAÇÃO DE FOGÃO À LENHA
- BANEIRO ANEXO COM ACESSO PELO EXTERIOR, ATRAVÉS DE UMA VARANDA
- RECUO FRONTAL 3.00m
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- CONSTRUTOR EUGENIO SCALISE

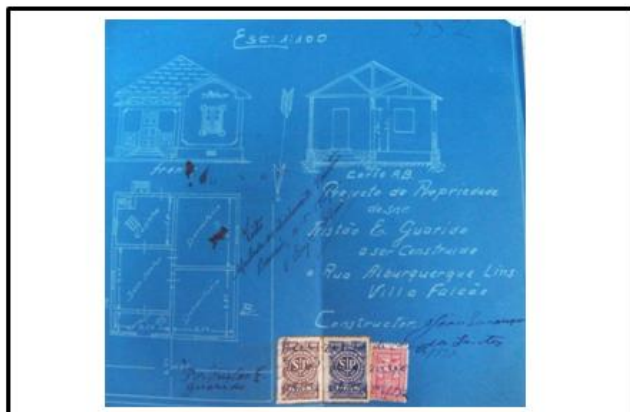
FACHADA



- **NEOCOLONIAL**
- **ESQUADRIAS EM MADEIRA**
- **ENTRADA PELA FRENTE**
- **EMBASAMENTO**
- **JOGO DE TELHADO:** - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

31- BANGALÔ GUARIDO: RUA ALBUQUERQUE LINS – VILA FALCÃO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 60.70m²
 ÁREA S/ VARANDA: 55.70m²
 ÁREA VARANDA: 5.00m²
 QUARTO ÁREA: 13.45m²
 QUARTO ÁREA: 13.45m²
 COZINHA ÁREA: 8.75m²
 SALA JANTAR ÁREA: 12.60m²

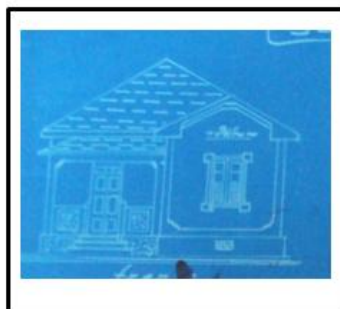
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.50m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- LOTE 11.00X?m
- RECUO FRONTAL DE 3.50m
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- CONSTRUTOR JOÃO LOURENÇO DOS SANTOS

FACHADA

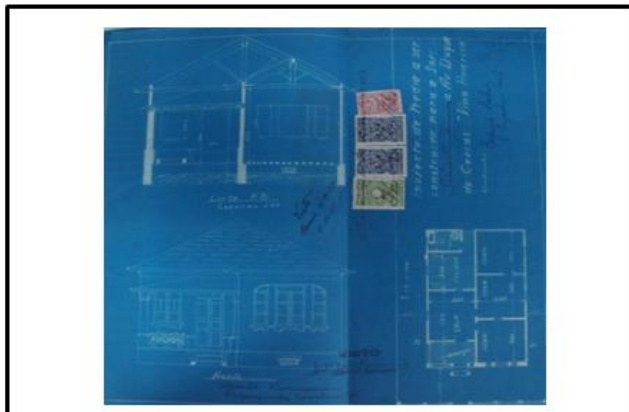


- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

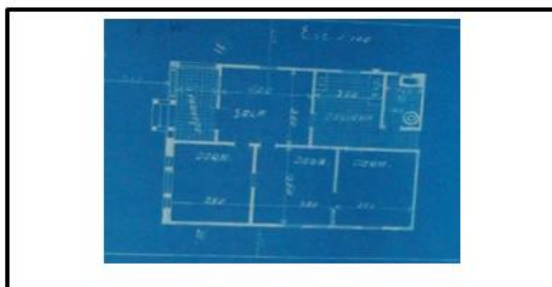
32- BANGALÔ SILVESTRI: AV. DUQUE DE CAXIAS – CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/ VARANDA: 82.70m²
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 10.50m²
 SALA ÁREA: 14.00m²
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:
 • PÉ DIREITO: 3.20m
 • BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
 • RECUO FRONTAL 3.00m
 • RECUO LATERAL DIREITO 1.50m E ESQUERDO 2.50m
 • REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
 • CONSTRUTOR VICENTE BERNASCONI E/OU
 EUGENIO SCALISE

FACHADA



■ ECLÉTICA
 ■ ESQUADRIAS EM MADEIRA
 ■ PORÃO
 ■ ENTRADA PELA FRENTE
 ■ JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

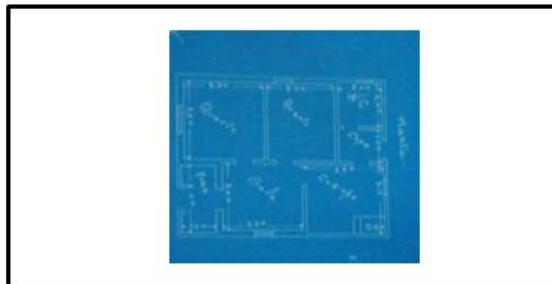
33- BANGALÔ SPINELLI: RUA 7 DE SETEMBRO Q.19 – CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 63.25m²
 ÁREA S/ VARANDA: 58.75m²
 ÁREA VARANDA: 4.50m²
 QUARTO ÁREA: 9.00m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 10.50m²
 SALA ÁREA: 10.50m²
 COPA ÁREA: 3.00m²
 BWC ÁREA: 4.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.20m
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO PELA COPA
- INDICAÇÃO DE FOGÃO À LENHA
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR ISAAC SALGADO

FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÕES
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

34- BANGALÔ FERNANDES: RUA PRUDENTE DE MORAES – VILA FALCÃO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 52.00m²
ÁREA S/ VARANDA: 47.80m²
ÁREA VARANDA: 4.20m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
COZINHA ÁREA: 9.00m²
SALA ÁREA: 10.50m²

PLANTA



OBS:
 • PÉ DIRETO: 3.00m
 • RECUO FRONTAL DE 3.00m
 • NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
 • NÃO CONTEM BANHEIRO EM PLANTA
 • CALÇAMENTO AO REDOR DO EDIFÍCIO
 • CONSTRUTOR VICENTE BERNASCONI
 • ENGENHEIRO EUGENIO SCALISE

FACHADA



SEM ORNAMENTAÇÕES
 • ESQUADRIAS EM MADEIRA
 • ENTRADA PELA FRENTE
 • PORÃO
 • JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 -INDICAÇÃO DE NORTE NO PROJETO

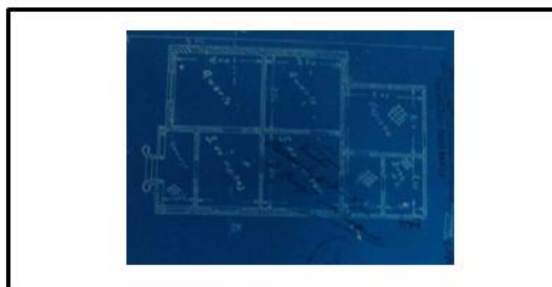
35- BANGALÔ RIBEIRO: RUA ARAÚJO LEITE , Q.13- CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/ VARANDA: *
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA: 14.00m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 11.50m²
 SALAJANTAR ÁREA: 12.25m²
 SALA VISITAS ÁREA: *
 BWC ÁREA: *

PLANTA



OBS:
 • PÉ DIRETO: 3.50m
 • BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
 • NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
 • REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
 • LOTE 11.00X?m
 • CONSTRUTOR FIGARO & GHIRALDELLI
 • RESPONSÁVEL ARTTUR JOSÉ

FACHADA



• NEOCOLONIAL
 • ESQUADRIAS EM MADEIRA
 • ENTRADA PELA FRENTE
 • PRESENÇA DE PORÃO
 • TELAHDO DA VARANDA ACOMPANHA A ALTURA DO DA CASA
 • JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

36- BANGALÔ GOMES: RUA GUSTAVO MACIEL, Q.17 – CENTRO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 47.30m²
 ÁREA S/ VARANDA: 43.30m²
 ÁREA VARANDA: 4.00m²
 QUARTO ÁREA: 14.05m²
 QUARTO ÁREA: 14.05m²
 COZINHA ÁREA: 6.60m²
 SALA ÁREA: 9.60m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.20m
- INDICAÇÃO DE FOGÃO A LENHA
- NÃO CONTEM BANHEIRO EM PLANTA
- REPRESENTAÇÃO DAS ÁREAS MOLHADAS
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR JOÃO LOURENÇO DOS SANTOS

FACHADA



- **NEOCOLONIAL**
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- VARANDA COBERTA PELO MESMO TELHADO DA CASA
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - QUATRO ÁGUAS

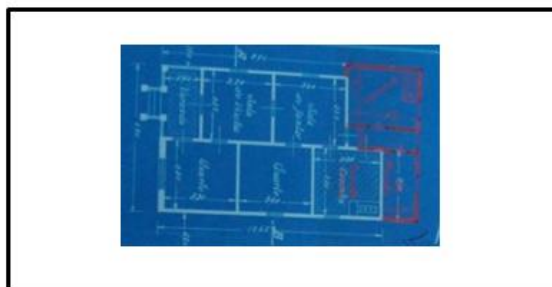
OBS: -CORTE TRANSVERSAL

37- BANGALÔ CARVALHO: RUA ANTONIO ALVES 19-58 – CENTRO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 69.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 63.10m²
 ÁREA VARANDA: 5.20m²
 QUARTO ÁREA: 10.90m²
 QUARTO ÁREA: 10.55m²
 COZINHA ÁREA: 10.25m²
 SALA JANTAR ÁREA: 11.05m²
 SALA JANTAR ÁREA: 10.40m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.00m
- LOTE 11.00X44.00m
- RECUO LATERAL ESQUERDO 1.50m E DIREITO 2.50m
- NÃO HÁ MEDIDA DO RECUO FRONTAL
- REPRESENTAÇÃO DAS ÁREAS MOLHADAS
- CONSTRUTOR EUGENIO SCALISE

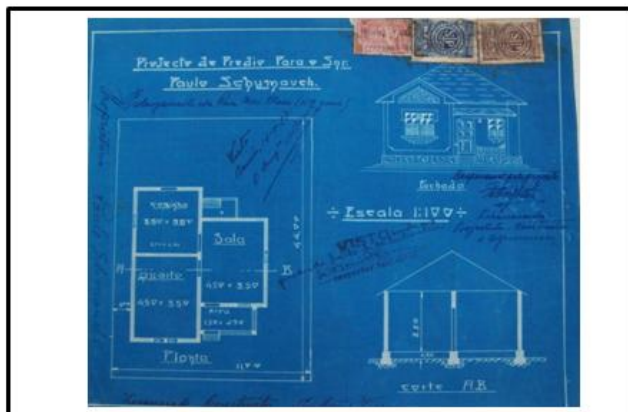
FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÃO
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

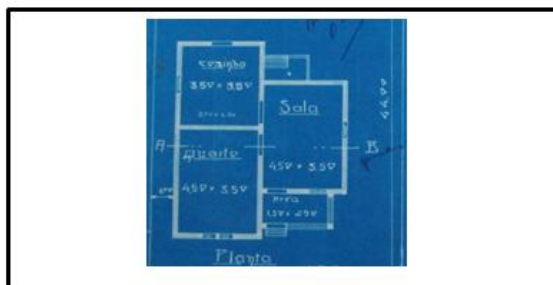
OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

38- BANGALÔ SCHUMAVCH: RUA MONSENHOR CLARO – CENTRO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 43.20m²
 ÁREA S/ VARANDA: 38.85m²
 ÁREA VARANDA: 4.35m²
 QUARTO ÁREA: 15.75m²
 COZINHA ÁREA: 12.25m²
 SALA ÁREA: 15.75m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.30m
- NÃO CONTÉM BANHEIRO EM PLANTA
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS
- FRONTAL E LATERAL DIREITO
- RECUO LATERAL ESQUERDO 1.00m
- LOTE 11.00x44.00m
- CONSTRUTOR ANTONIO VIEGAS

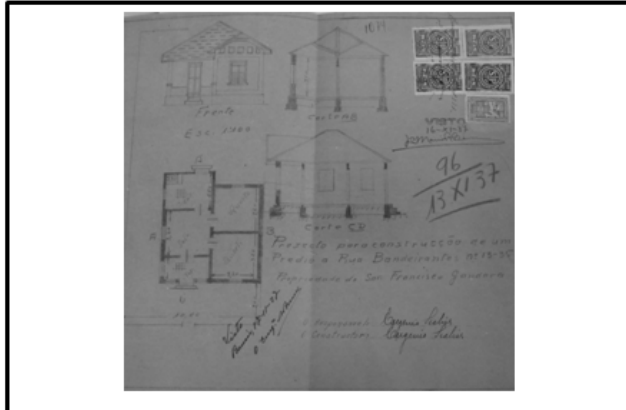
FACHADA



- NEOCOLONIAL
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- EMBASAMENTO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

39- BANGALÔ GANDARA: RUA BANDEIRANTES 13-35- CENTRO ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 50.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 45.05m²
 ÁREA VARANDA: 4.95m²
 QUARTO ÁREA: 10.25m²
 QUARTO ÁREA: 10.25m²
 COZINHA ÁREA: 8.00m²
 SALA ÁREA: 10.25m²

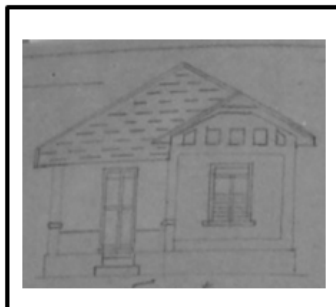
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.10m
- NÃO HÁ BANHEIRO EM PLANTA
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- ALINHAMENTO LADO DIREITO
- RECUO FRONTAL 3.00m
- SEM MEDIDA DO RECUO LATERAL ESQUERDO
- LOTE 10.00X?m
- CONSTRUTOR EUGENIO SCALISE

FACHADA



- NEOCOLONIAL
- EMBASAMENTO
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - DUAS E QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

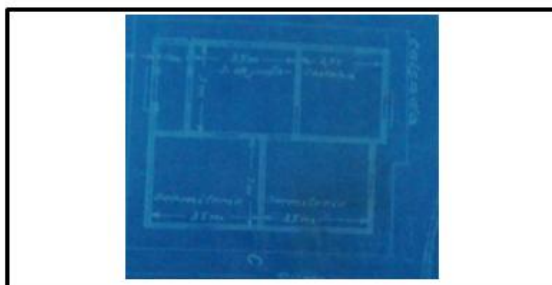
40- BANGALÔ CASTRO: RUA AZARIAS LEITE, Q.12 – CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 49.00m²
ÁREA S/ VARANDA: 46.00m²
ÁREA VARANDA: 3.00m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
COZINHA ÁREA: 8.25m²
SALA JANTAR ÁREA: 10.50m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- BANHEIRO NÃO REPRESENTADO EM PLANTA
- RECUO FRONTAL DE 2.00m
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES DOS RECUOS LATERAIS
- LOTE 10.00X22.00m
- DESENHO DE CALÇADA AO REDOR DO EDIFÍCIO
- CONSTRUTOR VICENTE BERNASCONI

FACHADA

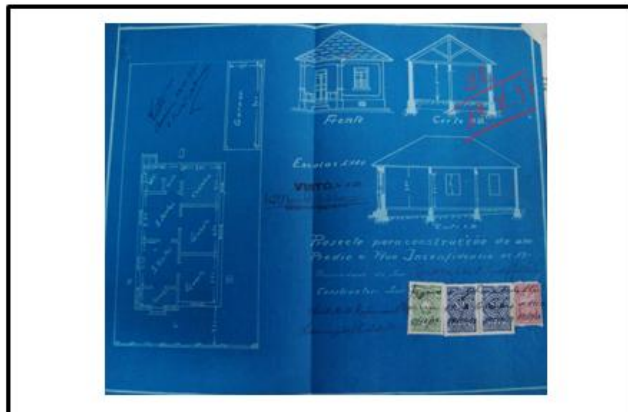


- SEM ORNAMENTAÇÃO
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: - DESENHO DA COBERTURA NO PROJETO
 -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

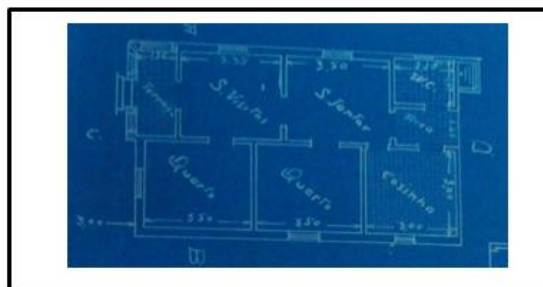
41- BANGALÔ GIAFFERIS: RUA INCONFIDENCIA – CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: 68.40m²
 ÁREA S/ VARANDA: 64.35m²
 ÁREA VARANDA: 4.05m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALA JANTAR ÁREA: 10.50m²
 SALA VISITA ÁREA: 10.05m²
 BWC ÁREA: 3.60m²
 GARAGEM: 16.45m²

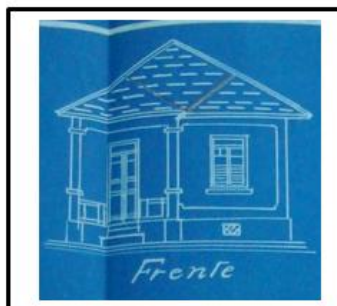
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.10m
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- PRESENÇA DE GARAGEM LATERAL AO FUNDO DO LOTE
- CONSTRUTOR FIGARO & GHIRALDELLI

FACHADA

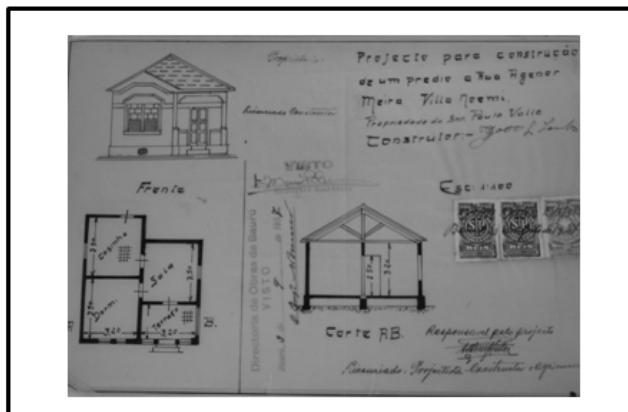


- ECLÉTICA
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- TELHA DO DA VARANDA ACOMPANHANDO O DO CORPO DA CASA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL E LONGITUDINAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

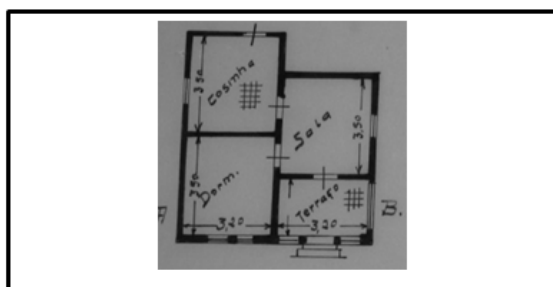
42- BANGALÔ VOLLE: RUA AGENOR MEIRA – CENTRO

ANO: 1937



ÁREA TOTAL: *
 ÁREA S/ VARANDA: 38.83m²
 ÁREA VARANDA: *
 QUARTO ÁREA: 11.20m²
 COZINHA ÁREA: 11.20m²
 SALA ÁREA: 11.20m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.20m
- NÃO CONTÉM BANHEIRO EM PLANTA
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- NÃO HÁ ESPECIFICAÇÕES NA PLANTA DO TAMANHO DO LOTE E NEM RECUOS
- CONSTRUTOR JOÃO LOURENÇO DOS SANTOS

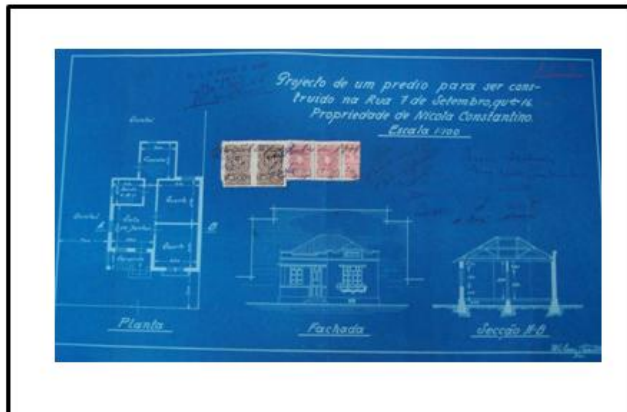
FACHADA



- NEOCOLONIAL
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

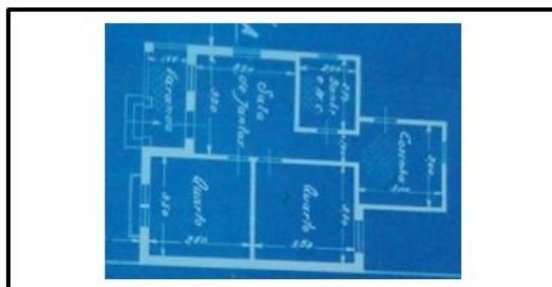
OBS: -CORTE TRANSVERSAL

43- BANGALÔ CONSTANTINO: RUA 7 SETEMBRO, Q.16 – CENTRO ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 66.00m²
 ÁREA S/ VARANDA: 64.00m²
 ÁREA VARANDA: 2.00m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALA JANTAR ÁREA: 12.25m²
 BWC ÁREA: 4.70m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.00m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREA MOLHADA
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- RECUO LATERAL ESQUERDO DE 7.00m
- ALINHAMENTO LADO DIREITO
- ALINHAMENTO AO LADO DIREITO DO LOTE
- BANHEIRO INTEGRADO A CASA, ACESSADO PELO HALL
- CONSTRUTOR E ENG. CIVIL LUIS SCALISE

FACHADA



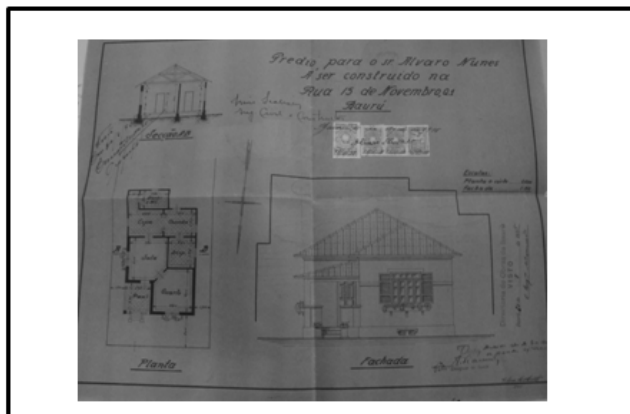
▪ ART DÉCO

- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- TELHADO DA VARANDA ACOMPANHA A ALTURA DO CORPO DA CASA
- PORÃO
- PLATIBANDAS
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

44- BANGALÔ NUNES: RUA 15 DE NOVEMBRO, Q.1 – CENTRO

ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 76.00m²
ÁREA S/ VARANDA: 68.70m²
ÁREA VARANDA: 7.30m²
QUARTO ÁREA: 15.20m²
COZINHA ÁREA: 7.75m²
COPA ÁREA: 8.60m²
SALA ÁREA: 15.20m²
BWC ÁREA: 5.20m²

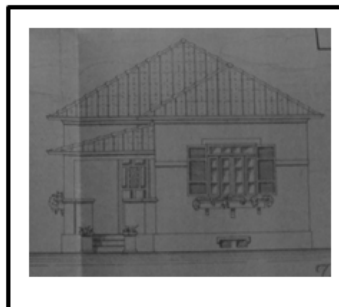
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.20m
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- DISPENSA
- COPA
- RECUO FRONTAL 3.00m
- RECUOS LATERAIS DE 1.50m
- PLANTA AO CENTRO DO LOTE
- CONSTRUTOR E ENGENHEIRO CIVIL LUIS SCALISE

FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÃO
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

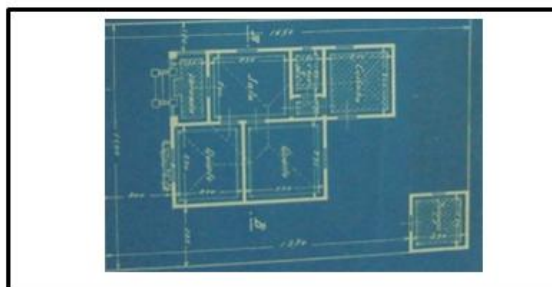
45- BANGALÔ SANTOS: AV. DUQUE DE CAXIAS, Q.4 – CENTRO

ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 58.70m²
 ÁREA S/ VARANDA: 54.40m²
 ÁREA VARANDA: 4.50m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALA ÁREA: 10.50m²
 BWC ÁREA: 2.55m²
 DESPEJO: 6.25m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.30m
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- DESPEJO AO FUNDO DO LOTE
- LOTE 11X16.50m
- RECUO FRONTAL 3.00m
- RECUO LATERAL DIREITO 2.65m E ESQUERDO 1.20m
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- CONSTRUTOR LUIS SCALISE

FACHADA

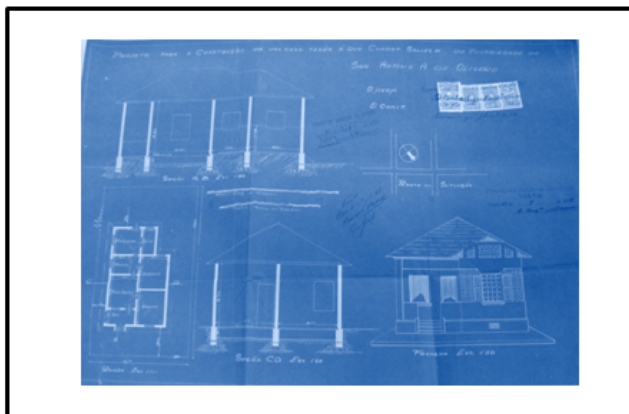


- NEOCOLONIAL
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- ENTRADA PELA FRENTE
- PRESENÇA DE PORÃO
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

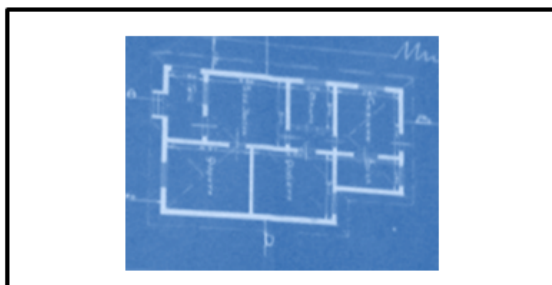
46- BANGALÔ OLIVEIRO: RUA CAMPOS SALLES – VILA FALCÃO

ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 62.20m²
ÁREA S/ VARANDA: 57.70m²
ÁREA VARANDA: 4.50m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
QUARTO ÁREA: 10.50m²
COZINHA ÁREA: 8.40m²
SALA JANTAR ÁREA: 11.47m²
DISPENSA ÁREA: 4.20m²
BWC ÁREA: 4.00m²

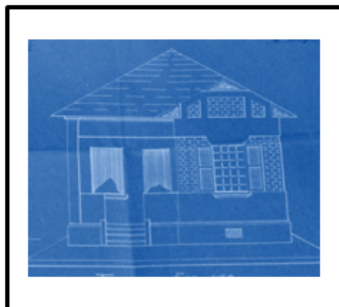
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.30m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- NÃO HÁ MEDIDAS DOS RECUOS LATERAIS
- DISPENSA
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- LOTE 16.00X?m
- CONSTRUTOR DOMINGOS GHIRALDELLI

FACHADA

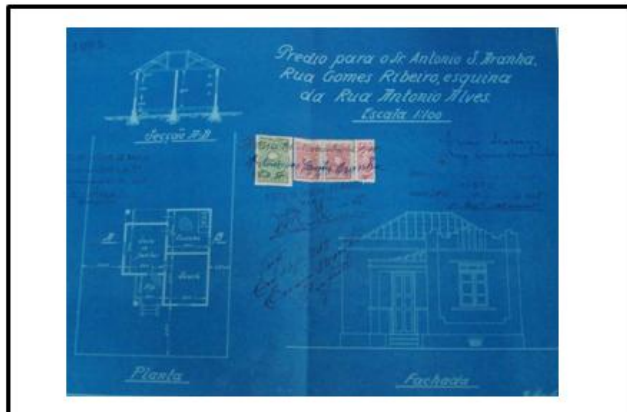


- **NEOCOLONIAL**
- **ESQUADRIAS EM MADEIRA**
- **ENTRADA PELA FRENTE**
- **PORÃO**
- **JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS**
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA
 - HÁ REPRESENTAÇÃO DE IMPLANTAÇÃO DO LOTE

47- BANGALÔ ARANHA: RUA GOMES RIBEIRO – CENTRO

ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 42.85m²
 ÁREA S/ VARANDA: 38.85m²
 ÁREA VARANDA: 4.00m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 COZINHA ÁREA: 9.00m²
 SALAJANTAR ÁREA: 10.50m²

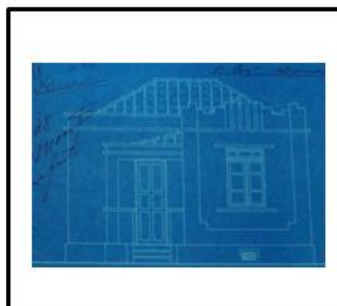
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- NÃO HÁ SALA DE VISITAS
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREA MOLHADA
- FOGÃO A LENHA
- VARANDA AO FUNDO
- RECUO FRONTAL DE 3.50m
- RECUO LATERAL ESQUERDO 3.00m E DIREITO 1.50m
- NÃO HÁ BANHEIRO EM PLANTA
- CONSTRUTOR E ENG. CIVIL LUIS SCALISE

FACHADA



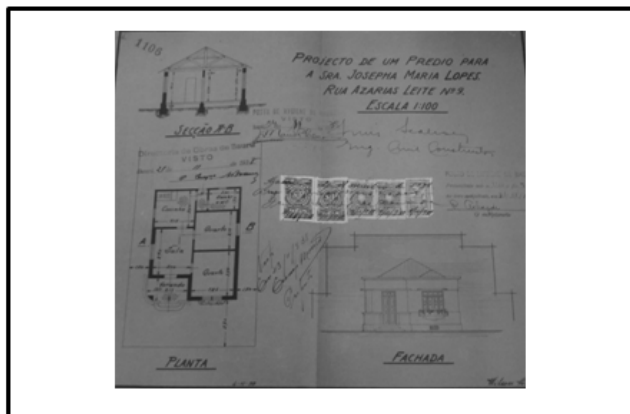
▪ ART DÉCO

- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PLATIBANDAS
- PORÃO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

48- BANGALÔ LOPES: RUA AZARIAS LEITE, Q.9 – CENTRO

ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 59.65m²
 ÁREA S/ VARANDA: 54.60m²
 ÁREA VARANDA: 5.05m²
 QUARTO ÁREA: 10.10m²
 QUARTO ÁREA: 11.40m²
 COZINHA ÁREA: 9.45m²
 SALA ÁREA: 11.10m²
 BWC ÁREA: 4.10m²

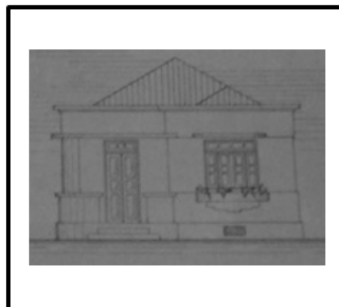
PLANTA



OBS:

- PÉ DIRETO: 3.00m
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREA MOLHADA
- FOGÃO A LENHA
- RECUO FRONTAL DE 3.50m
- RECUOS LATERAIS DE 1.50m
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR HALL
- CONSTRUTOR E ENG. CIVIL LUIS SCALISE

FACHADA

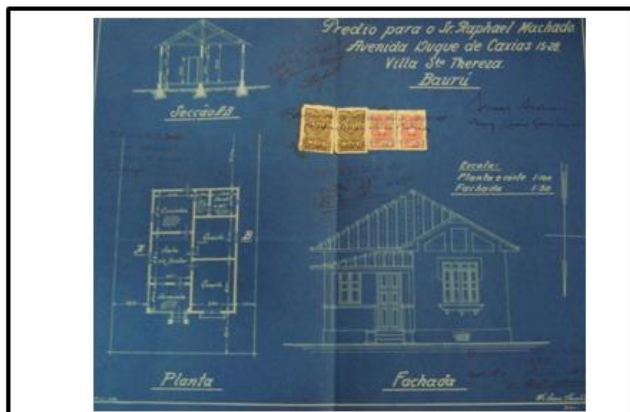


▪ ART DÉCO

- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- TELHADO DA VARANDA ACOMPANHA A ALTURA DO DO CORPO DA CASA
- PORÃO
- PLATIBANDAS
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

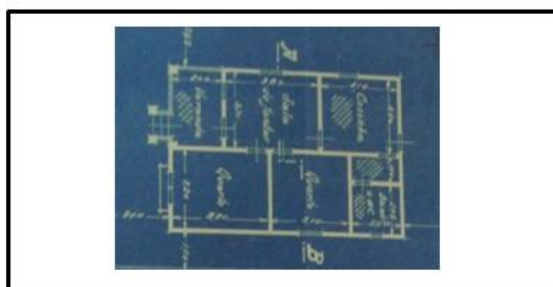
OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

49- BANGALÔ MACHADO: AV. DUQUE DE CAXIAS, 15-28 - CENTRO ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 65.05m²
 ÁREA S/ VARANDA: 58.65m²
 ÁREA VARANDA: 6.40m²
 QUARTO ÁREA: 12.15m²
 QUARTO ÁREA: 9.90m²
 COZINHA ÁREA: 9.90m²
 SALA JANTAR ÁREA: 12.15m²
 BWC ÁREA: 4.10m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.20m
- REPRESENTAÇÃO DE ÁREA MOLHADA
- BANHEIRO INTERNO ACESSADO POR UM HALL
- RECUO FRONTAL DE 3.00m
- RECUO LATERAL ESQUERDO 2.65m E DIREITO 1.50m
- CONSTRUTOR E ENG. CIVIL LUIS SCALISE

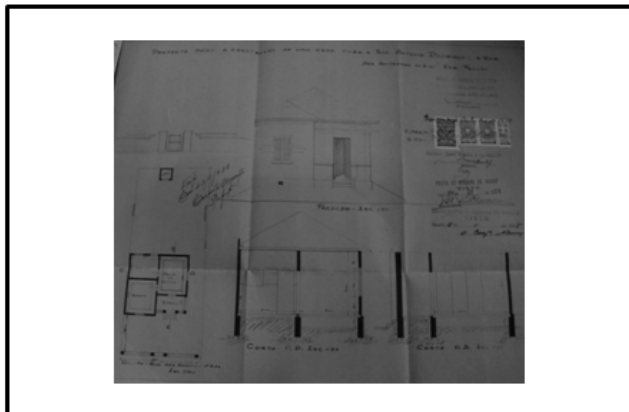
FACHADA



- NEOCOLONIAL
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PORÃO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - DUAS E QUATRO ÁGUAS

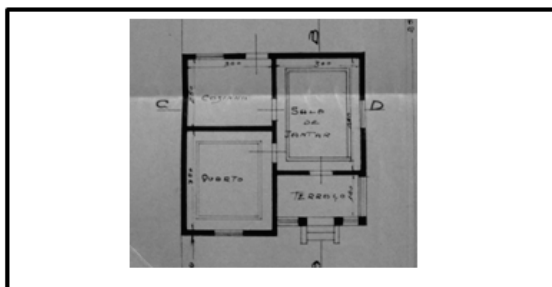
OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

50- BANGALÔ RODRIGUES: RUA DOS ANDRADAS – VILA FALCÃO ANO: 1938



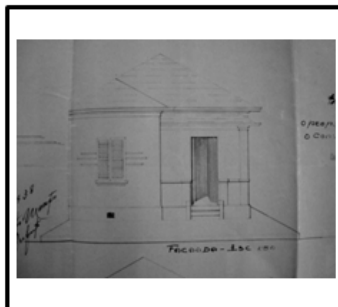
ÁREA TOTAL: 40.60m²
 ÁREA S/ VARANDA: 36.40m²
 ÁREA VARANDA: 4.20m²
 QUARTO ÁREA: 10.50m²
 COZINHA ÁREA: 7.50m²
 SALA JANTAR ÁREA: 12.00m²

PLANTA



OBS:
 • PÉ DIREITO: 3.50m
 • NÃO HÁ SALA DE VISITAS
 • LOTES 00X25.00m
 • ALINHAMENTO AO LADO ESQUERDO DO LOTE
 • RECUO FRONTAL 4.00m
 • ALINHAMENTO LADO ESQUERDO
 • NÃO HÁ MEDIDAS DO RECUO DIREITO
 • BANHEIRO AO FUNDO DO LOTE COM ACESSO EXTERNO
 • CONSTRUTOR DOMINGOS GHIRALDELLI

FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÕES
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- PORÃO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
 - QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL E LONGITUDINAL

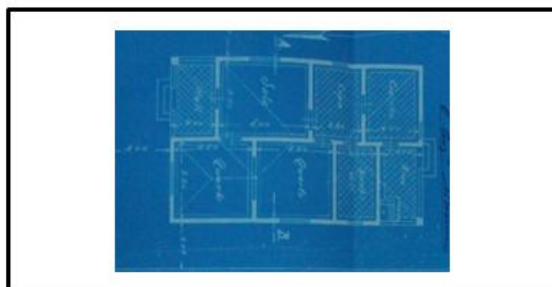
51- BANGALÔ AMORIM: RUA BENTO DA CRUZ – CENTRO

ANO: 1938



ÁREA TOTAL: 87.55m²
 ÁREA S/ VARANDA: 80.55m²
 ÁREA VARANDA: 7.00m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 QUARTO ÁREA: 12.25m²
 COZINHA ÁREA: 8.75m²
 COPA ÁREA: 8.75m²
 SALA ÁREA: 14.00m²
 BWC ÁREA: 7.00m²
 LAVANDERIA ÁREA: 7.00m²

PLANTA



OBS:

- PÉ DIREITO: 3.50m
- COPA COMO HALL DE ACESSO A BANHEIRO E COZINHA
- RECUO FRONTAL 3.00m
- RECUO LATERAL DIREITO 2.05m E ESQUERDO 3.00m
- INDICAÇÃO DE ÁREAS MOLHADAS
- ÁREA AO FUNDO, QUE INDICARER UMA LAVANDERIA COBERTA
- CONSTRUTOR ISAAC SALGADO

FACHADA



- SEM ORNAMENTAÇÃO
- ESQUADRIAS EM MADEIRA
- EMBASAMENTO
- ENTRADA PELA FRENTE
- JOGO DE TELHADO: - DIFERENTES ALTURAS
- QUATRO ÁGUAS

OBS: -CORTE TRANSVERSAL
 - INDICAÇÃO DE NORTE EM PLANTA

Referencias Bibliográficas

ALVES. S.A. **Habitação social na cidade de Bauru-SP**. In: FONTES, M.S.G.C; GHIRARDELLO, N. (org.). *Olhares sobre Bauru*. Bauru, SP: Canal 6, 2008. p. 85-97.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de, **Barry Parker. Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **Ressonâncias do tipo cidade-jardim no urbanismo de cidades novas no Brasil**. In: Anais Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 6, n. 1, 2012.

ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.

ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a boa vizinhança: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano 1876 -1945**. São Paulo, 2007. 468 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AZEVEDO, Fernando de. **Um trem corre para o Oeste: Estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional**. São Paulo: Livraria Martins, 1950.

BATISTA **A casa de madeira: um saber popular**. Curitiba: Instituto Arqbrasil, 2011.

BIERNATH, Karla Garcia. **Vilas ferroviárias em Bauru: a essência de uma cidade**. 2010. 107f. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista. 2010.

BOITO, Camillo. **I Restauratori: Conferenza tenuta all' Esposizione di Torino Il 7 giugno 1884**. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl e Paulo Mugayar Kühl. 1ª Ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002.

BONDUKI, Nabil. **Os Pioneiros da habitação social**. São Paulo: Unesp, 2012.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CAMPOS, Eudes. **Chalés Paulistanos**. In Anais do Museu Paulista. São Paulo. Sér. v.16. n.1.p. 47-108. jan.- jun. 2008.

CANO, Wilson. **Da Década de 20 à de 30: transição rumo a crise e à industrialização no Brasil**. R. Pol. Públ., São Luís: v.16, n.1, p. 79-90, jan./jun. 2012.

CARVALHO, Édis Evandro Teixeira de. **A arquitetura neocolonial: A arquitetura como afirmação de nacionalidade**. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2013

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2001.

CÓDIGO DE POSTURAS 1928 DE BAURU.

CONSTANTINO, N. R. T. **A construção da paisagem de fundos de vale: o caso de Bauru**. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo 2005.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel; RIGITANO, Maria Helena. **Contribuição ao estudo da paisagem urbana de Bauru**. In: Anais Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 5, n. 5, 1998.

CORREIA, Telma de Bastos. **A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870-1950**, São Carlos: Rima, 2004.

_____ (org.) **Forma Urbana e Arquitetura de Vilas Operárias e Núcleos Residenciais de Empresas no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2011.

_____ **Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940**. An. mus. paul., São Paulo , v. 16, n. 2, p. 47-104, 2008 .

DUCHER, R. **Características dos Estilos**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

ELIAS, Caroline Gonçalves, CAVALCANTI FILHO, Ivan. **Os Bangalôs na Cidade de João Pessoa no Século XX: Um Estudo Morfológico**. In: XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2014, Bauru. Anais do XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado. Bauru: XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2014. v. 01. p. 901-909.

ERCILLA, AM de; PINHEIRO, Brenno. **Zona Noroeste–1928**. São Paulo: Sociedade, 1928.

FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

FERREIRA, Monica Cristina Brunini Frandi; MEYER, Po Regina Maria Prosperi. **A edificação residencial urbana paulista: estudo de caso-Rio claro, 1930-1960**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FIGUEIREDO, Camila Beijo. COSTA, Luiz Augusto Maia **A Cidade-Jardim de Raymond Unwin. Análise do projeto para Letchworth**. In: Anais do II Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação , Campinas, 2012.

FINGER, Anna Eliza. **Vilas ferroviárias no Brasil: os casos de Paranapiacaba em São Paulo e da Vila Belga no Rio Grande do Sul**. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. 2010.

FONTANA, A. R. **Marcas do moderno na arquitetura de Bauru**. 2003, 303p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

FONTANARI, Rodrigo; SAES, Alexandre Macchione; OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **Transporte ferroviário e economia regional em São Paulo: comércio de café e gado pela Cia. Mogiana EF (1900-1920)**. XXXIII Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social (Aphes)," Estado, Sociedade e Mercados Num Mundo Global.2013.

FREYRE, Gilberto. **China Tropical**. Brasília: Unb, 2003.

GHIRARDELLO, Nilson. **Aspectos do direcionamento urbano da cidade de Bauru**. 1992. 185f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Planejamento) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 1992.

_____. **À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. **Primórdios da formação urbana de Bauru (1885-1920)**. In: FONTES, M.S.G.C; GHIRARDELLO, N. (org.). *Olhares sobre Bauru*. Bauru, SP: Canal 6, 2008. p. 33-44.

GULINELLI, Erica Lemos. **O Saneamento e as águas de Bauru: Uma Perspectiva Histórica (1896–1940)**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.

HALL, Peter. **Cidades do Amanhã - Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX**, São Paulo: Perspectiva, 1995.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira: 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Maria Cecília Naclério (Org.). **Vila Penteado**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de Amanhã**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

JANJULIO, Maristela. **Arquitetura residencial paulistana dos anos 1920: ressonâncias do Arts and Crafts?** 2009. 408f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

_____. **Bangalô – Subúrbio**: A circulação intercontinental de uma nova cultura da habitação no início do século XX. Campinas, Oculum ensaios 13 p.46-58 janeiro - junho 2011.

KESSEL, Carlos. **Estilo, discurso, poder**: arquitetura neocolonial no Brasil. In: *História Social*, n. 6, p. 65-94, 2011.

KING, Antony Douglas. **The Bungalow 1600 – 1980**: A study of the cultural, social, political and economic factors in the production of a global house-type. 1982. 429f. Thesis presented for the degree of PhD School of Social Sciences Brunel University Uxbridge, 1982.

KRAMER, K. **Applying the Lessons of Indian Vernacular Architecture**: The Bungalow as Example of Adaptive Climatic Response. PLEA 2006-The 23rd Conference on Passive and Low Energy Architecture, Geneva, Switzerland.

LANCASTER, Clay. **The American Bungalow**: 1880-1930. Nova York: Abbeville Press, 1985.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **A República Ensina a Morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____ **História da Casa Brasileira**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 1996

_____ **Transformações do espaço habitacional**. In: Anais do Museu Paulista Nova Série. 1993.

_____ **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989.

_____ **Cozinhas, etc**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LOSNAK, Sérgio Ricardo; LOPES, Camila Santos Doubek. **Políticas públicas de preservação histórica**: diagnóstico de risco dos imóveis tombados na cidade de Bauru/SP Brasil. In: Territorium: Revista Portuguesa de riscos, prevenção e segurança, n. 22, 2015.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e Ferrovias – A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira**. Campinas: Pontes, 1990.

_____ **Café e ferrovias**: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. São Paulo, Alfa-Omega Sociologia e Política, 1974.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de livros do Brasil, 2002.

OLIVEIRA Antonio Carlos de. **Se essa rua fosse minha**. In: FONTES, M.S.G.C; GHIRARDELLO, N. (org.). *Olhares sobre Bauru*. Bauru, SP: Canal 6, 2008. p. 99-113.

PAIVA, C.F de. **Narrativas sintéticas dos fatos que motivaram a fundação de Bauru**. Bauru, 1975.

_____. **Complemento às narrativas sintéticas dos fatos que motivaram a fundação de Bauru**. Bauru, 1975.

PELEGRINA, G.R; ZANLOCHI, T. S. **Ferrovia e Urbanização: o caso de Bauru**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1991.

PELEGRINA, G. R. **Memórias de um ferroviário**. Bauru-SP: EDUSC, 2000.

POSSAS, Lidia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista**. Bauru: Edusc, 2001.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 12ªed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ROBERTS, J.M. **O Livro de Ouro Da História do Mundo**. Tradução: Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SAIA, Luis. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SALCEDO, Rosio Fernández Baca. et al. **Vilas ferroviárias da estrada de ferro noroeste do brasil (efnob), bauru km 0**. 2012.

SANT'AGOSTINO, L. H. F. **Bauru, chão-de-passagem: entreposto de valores na rota Atlântico-Pacífico**. 1995. Disertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, 1995.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1999

_____. **Prelúdio da Metrópole**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

SILVA, A. **Roteiro Histórico: Uma cidade e uma Instituição**. Bauru: Tipografia Comercial, 1957.

SPIRN, Anne Whiston. **O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade**. São Paulo: Edusp. 1995

TAGLIARI, Ana; GALLO, Haroldo. **O Movimento Inglês Arts and Crafts e a Arquitetura Norte-Americana**. In: III encontro de história da arte – IFCH / Unicamp.2007. Campinas.

VAROL, Gökhan. **Identification of Bungalow Houses in North Cyprus**. 2013.139f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Eastern Mediterranean University. Gazimağusa, 2013.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Mallmann. **500 Anos da Casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WELLS, H.G. **História Universal: A Era das Grandes Potências**. Tradução: Anísio Teixeira. v.3.São Paulo: Companhia Editora Nacional.1939.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América: O primeiro bairro de São Paulo e sua Arquitetura**. São Paulo: Edusp, 2001.

ZANI, Antonio Carlos. **Arquitetura em madeira**. Londrina: Edue, 2003.

Sites Consultados

ARCHITECTURAL COLLECTION. **Home style pattern book Craftsman Bungalow An Arts & Crafts Selection from the Andersen Style Library**. Disponível em: <owenlumber.com/products/craftsman-bungalow.pdf> Acesso em: 15 de setembro de 2015.

ARQUITETURA USA. **Bungalow**. Disponível em: <www.arquiteturausa.com/index.php/es/estilo-casas/item/268-casa-estilo-craftsman-bungalow>. Acesso em: 07 de abril de 2016

BILTMOREFARMS. **The Cotagge Collection**. Disponível em: < biltmorefarms.com>

Acesso em: 17 de setembro de 2015.

CIRCULANDO POR CURITIBA. **Casas antigas Curitiba**. Disponível em:

<www.circulandoporcuritiba.com.br.> Acesso em:18 de junho de 2016.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **Bondes**. Disponível em: <

www.estacoesferroviarias.com.br.> Acesso em: 03 de Agosto de 2015.

GAZETA DO POVO. **Ferrovia**. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-e-

cidadania/especiais/ferrovia-130-anos/a-rede-ferroviaria.> Acesso em: 22 de abril de 2016.

NOVO MILÊNIO. **Fotos Antigas**. Disponível em: <www.novomilenio.inf.br/santos>

Acesso em: 28 de Junho de 2015.

SÃO PAULO ANTIGA. **Fotos antigas**. Disponível em:

<www.saopauloantiga.com.br> Acesso em: 12 de Julho de 2015.

SÃO PAULO HISTÓRICA. **Vila Penteado**. Disponível em:

sampahistorica.wordpress.com> Acesso em: 09 de Julho de 2016.

VIDA D MAQUINISTA. **Rede de viação Paraná - Santa Catarina**. Disponível em:

<vidadmaquinista.blogspot.com> Acesso em: 22 de novembro de 2015.

VIATROLEBUS. **Linha Férrea Santos - Jundiaí**. Disponível em:

< viatrolebus.com.br>. Acesso em: 13 de Dezembro de 2015.

SKY SCRAPER CITY. **Cidades**. Disponível em: <www.skyscrapercity.com> Acesso

em: 04 de junho de 2016

Artigos de Jornal

Bauru - Jornal –12 de fevereiro de 1921.

Bauru - Jornal –25 de janeiro de 1922

O Bauru – 14 de maio de 1916.

Jornal da Cidade - 30 de abril de 1978.

Jornal da Cidade - 17 de maio de 2009.

Diário da Noroeste – 8 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 10 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 11 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 12 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 13 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 14 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 15 de julho de 1926.

Diário da Noroeste – 16 de julho de 1926.

Correia da Noroeste – 20 de outubro de 1937.